



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISABELLE BENETTI MACIEL

**CONSTRUÇÃO DO *SER MULHER*:
IMPACTOS DO CRISTIANISMO BATISTA NOS PROCESSOS DE
CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NO BRASIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ISABELLE BENETTI MACIEL

**CONSTRUÇÃO DO *SER MULHER*:
IMPACTOS DO CRISTIANISMO BATISTA NOS PROCESSOS DE
CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Dourado Bueno.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M138c

Maciel, Isabelle Benetti.

Construção do ser mulher : impactos do Cristianismo Batista nos processos de constituição da sexualidade feminina no Brasil / Isabelle Benetti Maciel. - 2019.

133 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

1. Mulheres batistas - Brasil. 2. Mulheres no Cristianismo - Brasil. 3. Sexo - Aspectos religiosos - Cristianismo. 4. Teologia feminista - Brasil. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 230.082081

ISABELLE BENETTI MACIEL

**CONSTRUÇÃO DO *SER MULHER*:
IMPACTOS DO CRISTIANISMO BATISTA NOS PROCESSOS DE
CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Aprovado em 02 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Juliana Dourado Bueno (Orientadora)

Cientista Social. Doutora em Sociologia pela UFSCar

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Tacilla da Costa e Sá Siqueira Santos

Comunicóloga. Doutora em Administração pela UFBA

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Lavinia Rodrigues de Jesus

Linguista. Doutora em Linguística pela UFC

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedica-se à Eleninha, à Daysinha, à Maria Carol, e à todas as meninas que formarão esta nova geração; que sejam mais fortes que eu, que nós, que gritem, que se façam ouvir, que resistam, que deem seguimento às desconstruções e reconstruções nesta sociedade doente. Seguimos resistindo!

AGRADECIMENTOS

Gratidão eterna, à princípio, ao *ofó* que me torna **ser**, e a todas as energias que guiam e transcendem meu espírito;

ao meu avô Valter Tinoco Maciel (*in memorian*), por ser o homem da minha vida, sempre ter acreditado em mim e ter me cuidado em cada segundo enquanto estive comigo, sua pitosquinha está conseguindo, e irá conquistar o mundo;

à minha avó Maria da Glória de Carvalho Benetti (*in memorian*), que apesar de ter partido muito cedo, foi, é e sempre será para mim exemplo de luta e resistência feminina;

à minha Vovily Dayse Friaça Maciel, mulher forte, guerreira, meu exemplo de mulher, grande incentivadora de que eu corra atrás dos meus sonhos e que, mesmo me aceitando exatamente como sou, sempre me instiga a ser alguém melhor;

à minha irmã caçula e melhor amiga da vida Marcelle Benetti Maciel Andrade, a pessoa mais linda que eu já conheci, minha grande inspiração, quem me motiva a continuar viva, a razão pela qual eu não tenho medo de voar;

à minha tia-mãe-amiga Valéria Vargas Maciel, aquela que nem o afastamento de anos foi capaz de fazer com que o sentimento diminuísse, o meu porto seguro, que me tem como a filha gerada em outra barriga e me ama mais que Coca-Cola;

à minha prima-amiga-irmã Mariana Maciel Gadêlha Vianna de Araújo, com quem eu sempre pude contar, que cuida de mim mesmo longe, meu exemplo de mãe, que me deu o presente mais lindo que é nossa Eleninha;

ao amor da minha vida Camila Melo, a surpresa que o destino me presenteou, quem cuida de mim e me dá forças todos os dias para respirar, quem me encanta com um sorriso, o toque que me arrepia, a mulher da minha vida, meu lar;

à minha amiga e irmã de alma Nirvana Krisna Soares Bitencourt, por nunca me deixar desistir, por compartilharmos os choros e os inúmeros sorrisos, por me tirar do fundo do poço, e por ver em mim algo bom quando eu mesma não conseguia enxergar;

à minha grande amiga Juliana Vieira Pereira, presente em minha vida desde o ensino médio, que sempre me ouviu e esteve ao meu lado, que entendeu minha partida e não permitiu que a falta de tempo ou a distância nos separassem;

à minha Vina, Virginia Pinto Ferreira Ribeiro (*in memorian*), a professora de ensino médio louca que ganhou meu coração e levou parte dele quando se foi, aquela que sempre me dizia que tudo se resolveria, grande guerreira, é por você;

ao meu amigo Victor Yuri Nogueira Alves, meu gordo abusado, quem sempre foi meu suporte, que me levava pra sair quando o dia não tinha sido tão bom, e que mesmo longe continua me apoiando e cuidando;

ao grande amigo e melhor professor do ensino médio Thiago Lannes Diab Bianco, que me forçou a voltar a estudar e me deu todo apoio do mundo quando decidi deixar o Rio, aquele que sempre disse que eu iria longe e que acreditava em meu potencial;

à minha amiga Nathallia Braga da Silva Lucindo, que se preocupa comigo e me entende, que sempre está disposta a me ouvir, uma amizade que começou por acaso, mas que faz toda diferença nos meus dias;

à minha criança Nathallia Paes, que, mesmo sendo muito mais nova que eu, demonstrou uma maturidade imensurável quando, no momento mais conturbado de minha vida, enfrentou tudo e todos em minha defesa e apoio, uma amizade que já dura anos e que tenho certeza que durará por toda nossa vida;

à adorável e extraordinária Bruna Aparecida Thalita Maia, quem me incentivou a ingressar na UNILAB, me deu forças pra continuar e se tornou uma grande amiga com quem sei que posso contar;

à querida Camila Alves Rosa Santos, que me encorajou na escolha do tema deste trabalho, e que mesmo tendo entrado em minha vida há pouco tempo, é alguém por quem tenho imenso apreço e consideração;

ao querido professor Ismael Tcham, que no meu primeiro semestre na UNILAB fez com que eu me apaixonasse por antropologia e afirmou que enxergava em mim uma futura antropóloga, um professor que se tornou um grande amigo, que me conhece, que me acolhe, que me impulsiona;

à minha incrível orientadora Juliana Dourado Bueno, que com todo seu carinho e animação sempre me fez acreditar que eu conseguiria, que cuidou de mim sempre que eu precisei e que abraçou sem medo as minhas loucuras e ideias, esta vitória é nossa;

à mamãe Oxum, por seu amor que me move, e suas águas que me lavam, me levam e me elevam;

aos Orixás, Ogum por sua força, Xangô pela justiça, Oxóssi pela fartura, Iemanjá pela sabedoria, Iansã pelas mudanças, Oxalá pela harmonia e a Exu pelos caminhos.

Que o universo permaneça ao nosso favor.

“Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra te
maldizer!”

(Ekena Monteiro)

RESUMO

Esta pesquisa visa propiciar uma compreensão referente a intrínseca conexão entre o condicionamento do papel da mulher e a imposição das morais cristãs na sociedade. Assim, a problemática da pesquisa se baseia em compreender em quais aspectos a constituição da sexualidade da mulher brasileira é influenciada pelas morais e ideologias do cristianismo batista. Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender a influência da ideologia cristã batista, atrelada à hegemonia ocidental, nos aspectos da sexualidade da mulher brasileira, desvelando-se em três objetivos específicos: (I) analisar as distinções de gênero e a divisão dos papéis sociais em determinadas narrativas da Bíblia evangélica, evidenciando a invisibilidade da mulher, bem como sua subalternização na doutrina cristã batista e averiguar esta ascendência na dominação sobre a mulher brasileira; (II) identificar, a partir das experiências e memórias da pesquisadora Isabelle Benetti Maciel no período em que esteve inserida no contexto cristão batista, possíveis influências que tais ideologias exercem na formação da sexualidade feminina; e (III) averiguar relatos de mulheres cristãs que se autodeclararam feministas, observando suas concepções acerca da influência religiosa nos processos de dominação patriarcal. A escolha deste tema de pesquisa também pode contribuir com apontamentos acerca da estrutura das desigualdades de gênero e sexualidade, viabilizando às mulheres uma reflexão referente aos contextos opressores em que se encontram e possibilitando uma reavaliação do que é considerado como funções normais e próprias ao gênero feminino. A pesquisa ocorre com investigações de materiais bibliográficos, fundamentando-se em tais autores: Margaret Mead, Bearzoti numa perspectiva psicanalítica freudiana, Foucault, Bourdieu, Simone de Beauvoir, Renato Bittencourt, Felipe Miguel e Sergio Telles tratando do capítulo da sexualidade; são então tecidas análises de passagens da Bíblia evangélica e da Declaração do Estatuto Batista Brasileiro, finalizando o capítulo com contribuições de Krob e Ronaldo de Almeida. É realizado um estudo de caso a partir da transcrição das memórias e experiências de vida da pesquisadora, sendo desenvolvida então uma autoetnografia, e ao final da pesquisa são realizadas análises acerca de entrevistas estruturadas realizadas pela internet, por questionário e formulário no Google, com mulheres que se autodeclararam feministas cristãs, abordando a epistemologia teológica feminista, baseada por Ana Freire e Benedita Ferreira. Assim, entende-se a realidade da influência do cristianismo nas formações sociais da sexualidade da mulher, havendo, porém, uma alternativa de transformação dessa questão debruçando-se na teologia feminista, que traz uma diferente perspectiva para uma releitura e nova interpretação dos ensinamentos bíblicos, levando em conta suas especificidades históricas e culturais.

Palavras-chave: Mulheres batistas - Brasil. Mulheres no cristianismo - Brasil. Sexo - Aspectos religiosos - Cristianismo. Teologia feminista - Brasil.

ABSTRACT

This research aims to provide an understanding regarding the intrinsic connection between the conditioning of the role of women and the imposition of Christian morals on society. Thus, the research problem is based on understanding in which aspects the constitution of Brazilian women's sexuality is influenced by the morals and ideologies of Baptist Christianity. In this way, the general objective of this research is to understand the influence of Baptist Christian ideology, coupled with Western hegemony, in the aspects of Brazilian women's sexuality, unveiling itself in three specific objectives: (I) to analyze gender distinctions and division of the social roles in certain narratives of the evangelical Bible, evidencing the invisibility of the woman, as well as her subalternization in Baptist Christian doctrine and to ascertain this ascendancy in the domination over the Brazilian woman; (II) identify, from the experiences and memories of the researcher Isabelle Benetti Maciel in the period in which it was inserted in the Baptist Christian context, possible influences that such ideologies exert on the formation of female sexuality; and (iii) to ascertain the accounts of Christian women who called themselves feminists, observing their conceptions of religious influence in the processes of patriarchal domination. The choice of this research topic can also contribute with notes about the structure of gender and sexuality inequalities, enabling women to reflect on the oppressive contexts in which they find themselves and allowing a reassessment of what is considered as normal and female functions. The research takes place with investigations of bibliographical materials, based on such authors: Margaret Mead, Bearzoti in a Freudian psychoanalytic perspective, Foucault, Bourdieu, Simone de Beauvoir, Renato Bittencourt, Felipe Miguel and Sergio Telles dealing with the chapter of sexuality; the analysis of passages from the Evangelical Bible and the Declaration of the Brazilian Baptist Statute are then woven, ending the chapter with contributions from Krob and Ronaldo de Almeida. A case study is carried out from the transcription of the researcher's life experiences and memories, and an auto-ethnography is developed, and at the end of the research, structured interviews conducted through the internet, by questionnaire and form on Google, with women who called themselves Christian feminists, addressing feminist theological epistemology, based on Ana Freire and Benedita Ferreira. Thus, it is understood the reality of the influence of Christianity in the social formations of women's sexuality, but there is an alternative of transforming this question, focusing on feminist theology, which brings a different perspective for a re-reading and a new interpretation of the biblical teachings, taking into account their historical and cultural specificities.

Keywords: Baptist women - Brazil. Feminist theology - Brazil. Sex - Religious aspects - Christianity. Women in Christianity - Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Faixa etária das entrevistadas	75
Quadro 1	Vinculação religiosa declarada no momento da entrevista	76
Gráfico 2	Família cristã das entrevistadas	76
Gráfico 3	Influência da família na formação da sexualidade	77
Gráfico 4	Influência dos ensinamentos bíblicos na formação da sexualidade	77
Gráfico 5	Influência dos membros da igreja na formação da sexualidade	78
Gráfico 6	Declaração da sexualidade	78
Gráfico 7	Experiências homoafetivas	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIEM – Centro Integrado de Educação e Missões

EBD – Escola Bíblica Dominical

EBF Teen – Escola Bíblica de Férias Teen

IBMP – Igreja Batista Memorial da Pavuna

IBMSJM – Igreja Batista Memorial em São João de Meriti

ITC – Instituto de Treinamento Cristão

MCM – Mulher Cristã em Missão

MR – Mensageiras do Rei

PIBBG – Primeira Igreja Batista em Bairro das Graças

PIBFB – Primeira Igreja Batista em Fazenda Botafogo

PIBI – Primeira Igreja Batista em Irajá

PIBVP – Primeira Igreja Batista em Vila da Penha

UFMBB – União Feminina Missionária Batista Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	“INSTRUI O MENINO NO CAMINHO EM QUE DEVE ANDAR”	19
2.1	“VADIA, LOUCA, DEPRAVADA”	29
2.2	“SAI DO MEU CAMINHO, QUE EU SOU MAIS DE UMA”	41
3	SEXUALIDADE FEMININA: OPRESSÕES E REPRESSÕES	46
3.1	COMO ASSIM ‘SEXUALIDADE’?	48
3.2	SEXUALIDADE DA MULHER: DOMINAÇÃO E SUBALTERNIZAÇÃO	52
3.3	MORAL SEXUAL NO BRASIL: SÓ VALE PRA MULHER	55
4	MULHERES SOB A LUZ DA BÍBLIA E DOCTRINA BATISTA	59
4.1	SEDE SUBMISSAS!	60
4.2	DOCTRINA BATISTA	66
4.2.1	“As mulheres estejam caladas nas igrejas”	69
5	“EU TENHO PRESSA, EU QUERO IR PRA RUA, QUERO GANHAR A LUTA QUE EU TRAVEI”	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	APÊNDICE - Entrevistas	93
	ANEXO - Declaração Doutrinária Batista	116

1 INTRODUÇÃO

“Ignorar as mulheres, não levá-las em conta, não referir-se a elas é uma forma de menosprezá-las e negar-lhes o lugar que lhes corresponde na sociedade e nas Igrejas.” (CALABRESE, 1998. p. 38, apud KROB, 2014. p. 210.)

Nos contextos de imposição dos projetos de colonização europeia, é conhecido que a cristianização dos autóctones das colônias foi uma das formas de dominação com fins colonizadores, visando o apagamento das crenças dos nativos para sua adequação nos moldes europeus. Sendo assim, a hegemonia do cristianismo se fez presente não apenas enquanto crença religiosa, mas também passou a ditar os valores morais que comporiam as legislações das colônias, fato este que se deu com o Brasil Colônia, e se estendeu mesmo após a Proclamação da República.

A construção do modelo estabelecido entre as relações de gênero tem por base tais dogmatismos religiosos, o que influencia direta e intensamente a forma como se dão as relações sociais entre homens e mulheres. Narrativas bíblicas inserem a mulher em um lugar de subalternização, no qual o homem exerce poder e domínio sobre a vida da mulher, o que resulta na perda de sua autonomia e liberdade. Essa relação, entretanto, não se dá apenas no ambiente doméstico, mas se estende para todas as áreas sociais em que a mulher se apresenta. A mulher deve calar-se, não pode se expressar, é proibida de se adornar conforme seu gosto pessoal. O único objetivo que a mulher deve ter é de personificar um ser subserviente, manso, sem vontades próprias e discreto.

Mulheres estão diariamente submetidas a violentas relações de inferiorização, e sua posição subalterna perante a sociedade tem fundamentação religiosa. Ideias como de que “a Palavra é imutável” ainda na atualidade são defendidas por religiosos cristãos, o que fundamenta a continuidade, manutenção, permanência e ingerência das normas de fé e prática apontadas na Bíblia no seio da sociedade. Tal relação de dominação sobre a mulher e subalternização da mesma se faz presente de forma intensa nos aspectos ligados à constituição/formação da sexualidade feminina, de modo a gerar tanto regras quanto repressões e violências sobre os corpos que são qualificados como fracos e frágeis, ou seja, os corpos femininos. A partir dessas compreensões e análises, a presente pesquisa busca apontar as possíveis ideologias que respaldam tais relações de inferiorização e subalternização da mulher no Brasil, compreendendo como se desenvolveu e como se mantém essa hierarquização, averiguar as consequências do sistema de opressão para a vida das mulheres, especificamente no que tange às questões intrínsecas à sexualidade feminina, possibilitando assim um olhar

crítico para tais aspectos de forma a se incitar uma reformulação em busca de equidade, a partir da compreensão dos moldes da construção do *ser mulher* e a constituição de sua sexualidade na sociedade brasileira.

Cabe ressaltar que, ao abordar passagens da Bíblia evangélica, não se pretende cometer anacronismos, tendo-se plena consciência que tal livro foi escrito em específicos contextos temporais, culturais, históricos, sociais e geográficos. Contudo, a crítica desta pesquisa recai sobre o uso anacrônico desses valores e princípios na atualidade. É entendido que os aspectos culturais e sociais são passíveis de serem tomados como empréstimo de um povo para outro ao longo do tempo, que os povos podem se adaptar em diferentes espaços geográficos e que a história se constitui com essas nuances; porém, em nenhum dos casos, os valores, princípios e ideologias são estáticos no tempo, sendo reproduzidos de forma literal, como numa bula, desconsiderando o caminhar temporal, as modificações sociais, as nuances culturais, as adaptações territoriais e o processo histórico. Dessa forma, esta pesquisa se inclina à análise de como esses valores e princípios impelidos pela moral cristã norteiam aspectos da conduta e da formação da sociedade brasileira nos dias de hoje.

Enquanto mulher criada em um contexto familiar religioso cristão batista, minha realidade durante vinte e um anos foi de tentativas incessantes de estar enquadrada em um determinado modelo de mulher (que no caso ia além, sendo **mulher cristã**), o qual impelia a busca rigorosa por um status de plena adequação ao que me era previamente determinado biologicamente. Ao emancipar-me moral, social e economicamente deste contexto, me desvinculando da igreja, percebi a possibilidade e necessidade de problematizar as opressões que sofri durante este período, compreendendo como as ideologias doutrinárias cristãs viabilizam a posição subalterna da mulher. Para além disso, vislumbrando e vivenciando outras realidades, pude avaliar que esta opressão cristã não é restrita ao universo da religião, ultrapassando seus dogmatismos e doutrinas e se estabelecendo enquanto valores morais incutidos na sociedade.

Esta pesquisa visa propiciar uma compreensão ampla referente a intrínseca conexão entre o condicionamento do papel da mulher e a imposição das morais cristãs na sociedade, ocasionando um olhar crítico sobre a edificação e manutenção de uma maneira específica de ser mulher e os aspectos inerentes à constituição de sua sexualidade, especificamente no Brasil. Dessa forma, objetiva-se pautar métodos que elucidem a busca pela equidade dos gêneros interligada ao combate à imposição das ideologias cristãs regendo a noção moral da sociedade brasileira, tendo como foco iniciativas que proporcionem às mulheres a saída do espaço de subalternização e que obtenham autonomia sobre suas escolhas, seus corpos e suas vidas.

Nesse sentido, a escolha deste tema de pesquisa pode contribuir com apontamentos acerca da estrutura das desigualdades de gênero e sexualidade, viabilizando às mulheres uma reflexão referente aos contextos opressores em que se encontram e possibilitando uma reavaliação do que é considerado como funções normais e próprias ao gênero feminino. Este processo se daria a partir de uma desconstrução do que se concebe hegemonicamente acerca da sexualidade da mulher, possibilitando a busca por diferentes formatos de estruturação e formação dos papéis sociais pré-estabelecidos para tal gênero. Para além, esta pesquisa incorpora a possibilidade de construção de conhecimento sobre estudos sobre a sexualidade feminina nesta vertente que se encontra em constante crescimento, tendo sua relevância na vinculação e acréscimo científico nos contextos de estudos sobre as relações e desigualdades dos gêneros e sexualidade feminina.

Tendo em vista o anteriormente exposto, pode-se conceber como tema desta pesquisa os impactos da ideologia cristã batista nos processos de constituição da sexualidade feminina no Brasil. Assim, a seguinte questão é levantada: em quais aspectos a constituição da sexualidade da mulher brasileira é influenciada pelas morais e ideologias do cristianismo batista?

Seguindo tal desenvolvimento, o objetivo geral desta pesquisa caracteriza-se em compreender a influência da ideologia cristã batista, atrelada à hegemonia ocidental, nos aspectos da sexualidade da mulher brasileira. A partir deste objetivo geral, desvelam-se quatro objetivos específicos para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo estes: (I) analisar as distinções de gênero e a divisão dos papéis sociais em determinadas narrativas da Bíblia evangélica, evidenciando a invisibilidade da mulher, bem como sua subalternização na doutrina cristã batista e averiguar esta ascendência na dominação sobre a mulher brasileira; (II) identificar, a partir das experiências e memórias da pesquisadora Isabelle Benetti Maciel no período em que esteve inserida no contexto cristão batista, possíveis influências que tais ideologias exercem na formação da sexualidade feminina; e (III) averiguar relatos de mulheres cristãs que se autodeclaram feministas, observando suas concepções acerca da influência religiosa nos processos de dominação patriarcal.

Tomando por base as informações contidas no artigo “Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades” (COTTA; DEL-MASSO; SANTOS. 2014), pode-se compreender que a proposta da pesquisa é concebida, quanto à sua natureza, enquanto uma pesquisa básica, visto que os resultados obtidos não serão necessariamente utilizados de forma imediata para algum tipo de intervenção social acerca das questões de gênero estudadas. Dessa forma, a pesquisa enquadra-se na tipificação exploratória no que tange a seu propósito de aprofundamento do conhecimento e delimitação do campo de estudo acerca do fenômeno salientado, concebido

enquanto a influência do cristianismo evangélico na formação social da sexualidade da mulher brasileira.

O caráter explicativo da pesquisa se dará a partir da busca pela explicação e identificação dos motivos, causas e razões de tal fenômeno ocorrer, através de uma análise qualitativa. Tal abordagem qualitativa se ancora, principalmente, na observação das complexidades reconhecidas nos âmbitos, por exemplo, psicológicos e comportamentais das mulheres, individual ou coletivamente, e na interpretação das teorias e fatos referentes ao fenômeno estudado. Em sequência, a pesquisa ocorre com investigações de materiais bibliográficos, visando à obtenção de embasamento a partir de análises de livros, artigos e demais trabalhos acadêmicos que versem sobre as questões que se pesquisam, além da análise de determinadas passagens da Bíblia evangélica que possivelmente alicerçam a construção da condição da sexualidade feminina.

É realizado um estudo de caso a partir da transcrição das memórias e experiências de vida da pesquisadora em questão, sendo desenvolvida então uma autoetnografia, na qual as experiências pessoais da pesquisadora norteiam, intrínseca e diretamente, a argumentação em que se debruça a problemática desta pesquisa. É válido destacar, sobretudo, a relevância do recorte de gênero presente nesta narrativa, visto que, segundo Suely Kofes e Adriana Piscitelli (1997, p. 347), “quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero”. Assim sendo, os traços específicos de memória feminina trazidos nesta narrativa configuram a caracterização das divisões dos papéis sexuais presentes no âmbito social.

Eu começo com a minha vida pessoal. Eu presto atenção aos meus sentimentos físicos, pensamentos e emoções. Eu uso o que eu chamo de introspecção sociológica sistemática e recordação emocional para tentar entender uma experiência que eu vivi. Então, eu escrevo minha experiência como uma história. Ao explorar uma vida particular, eu espero compreender um modo de vida, [...]. (ELLIS; BOCHNER, 2000, apud SANTOS, 2017, p. 217)

Por fim, serão apresentadas análises realizadas acerca de entrevistas estruturadas (segundo as orientações de Richardson (2012) no décimo terceiro capítulo de seu livro “Pesquisa Social: métodos e técnicas”, denominado “Entrevista”) realizadas pela internet, por questionário e formulário no Google, com mulheres que se autodeclararam feministas cristãs, que revelam fatos acerca das realidades por elas vivenciadas nos ambientes das igrejas que já passaram ou ainda frequentam.

Desse modo, a pesquisa estrutura-se com o capítulo inicial que trata da autobiografia da presente pesquisadora, contextualizando os impactos que as ideologias cristãs e doutrinas batistas lhe foram impostas diretamente desde a infância até a idade adulta. No seguinte capítulo, principia-se a discussão acerca da sexualidade feminina, trazendo a perspectiva da construção social dos temperamentos apresentados por Margaret Mead, logo após conceituando a sexualidade numa perspectiva psicanalítica freudiana por Bearzoti, seguida por apontamentos de Foucault referente a história da sexualidade e a construção da heterossexualidade como norma de vida; a seguir, será abordada a dominação masculina e a subalternização da mulher com Bourdieu e Simone de Beauvoir, além de uma contextualização com as formas atuais de opressão com falas abordadas por Renato Bittencourt; finalizando o capítulo, uma análise acerca da construção e manutenção da moral sexual no Brasil é tecida, com apontamentos de Felipe Miguel e Sergio Telles. O próximo capítulo tratará então da posição e lugar das mulheres na bíblia e doutrina batista, contendo análises das distinções de gênero e da divisão dos papéis sociais em determinadas narrativas da Bíblia evangélica, da Declaração Doutrinária Batista Brasileira e, por fim, das formas de subalternização da mulher inserida na igreja batista, analisando os espaços ocupados por mulheres nessas igrejas, como as organizações Mensageiras do Rei e Mulher Cristã em Missão, organizadas pela União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB), utilizando ao longo do capítulo contribuições de Ronaldo de Almeida e Krob. A partir dessas noções, inicia-se o capítulo de análise das entrevistas e questionários, apresentando diferentes perspectivas acerca das possibilidades existentes para a luta por equidade e respeito, como a epistemologia teológica feminista, baseada no artigo de Ana Freire e Benedita Ferreira, que trazem análises de trabalhos de Ivone Gerbara. Segue-se então, por fim, o capítulo com as considerações finais acerca da presente pesquisa.

2 “INSTRUI O MENINO NO CAMINHO EM QUE DEVE ANDAR”

“[...] e, até quando envelhecer, não se desviará dele.” (BÍBLIA, Provérbios 22, 6)

De maneira a se introduzir o tema que será abordado no decorrer de toda esta pesquisa, que trata-se da influência que o cristianismo batista possui sobre os aspectos constitutivos da sexualidade feminina no Brasil, este capítulo possui por finalidade a intenção de expor, através de uma espécie de autoetnografia, as memórias e experiências vividas por mim, Isabelle Benetti Maciel, numa trajetória de vida que se deu a partir de uma inserção (digamos “forçada”) em igrejas batistas, o que influenciou de maneira intensa minhas vivências relacionadas à sexualidade durante partes da infância, toda a adolescência e início da fase adulta.

Meu pai sempre me disse que eu seria uma ótima advogada devido às minhas argumentações em nossas discussões; ele sempre disse que se orgulhava do fato de eu pensar por mim mesma, por ter visão crítica. O que eu não enxergava era que, na verdade, minha criticidade se limitava à pequena parte do mundo que ele me apresentara. Não tem como tecer críticas ao que não se conhece, e o mundo que eu conhecia era tão minúsculo, que eu nem imaginava as possibilidades de vida que eu um dia viria a conhecer.

Mas vou começar do começo.

É válido reforçar que este relato se dá a partir da visão e lembrança que eu tenho dos fatos me foram contados e/ou vivenciados, e que sucessivamente ocorreram.

Dayse nasceu em Minas Gerais e se mudou com a família para o Rio de Janeiro ainda criança; era filha de um *diácono*¹ de uma igreja batista e de uma costureira, e tinha um irmão e duas irmãs; foi criada em um *lar cristão*, não havendo período algum, em toda sua vida, em que se distanciara da igreja. Entretanto, este *diácono* era um homem violento, que batia (leia-se espancava) não apenas em seus filhos, como também em sua esposa. Valter era natural de Mato Grosso, e se mudou para o Rio de Janeiro em sua adolescência; ele tinha um irmão e três irmãs e, diferentemente, não vinha de uma família cristã. Valter *se converteu*² num hospital, no auge de uma crise renal, pensando que morreria. Estando internado, contara que buscou e encontrou a Deus neste momento de extrema angústia, entregando então sua vida a Ele. Dayse e Valter se conheceram através de uma das irmãs de Valter, Neila, que estudara com Dayse no então ITC

¹ Diácono é uma liderança na igreja batista que teria a função de *servir*, além de dever ser comprometido com a obra missionária; “Articula o diálogo entre os líderes como cooperador do pastor e da igreja” (JACOB, 2010).

² Experiência vivida pelo cristão quando ele reconhece a Jesus como único e suficiente salvador, e entrega a Ele sua vida.

(Instituto de Treinamento Cristão), hoje conhecido como CIEM (Centro Integrado de Educação e Missões). Dayse era professora, e Valter era do exército. Eles namoraram, noivaram e casaram num espaço de sete meses, no ano de 1961. Em 1963 tiveram seu primeiro bebê, Denise; em 1966 nasceu o segundo filho, Marcelo; e em 1969, Dayse deu à luz a última filha do casal, Valéria. Todos os filhos do casal foram criados em um ambiente cristão, frequentando *igrejas batistas* desde bebês. A família morou, a maior parte do tempo, na Zona Norte do Rio de Janeiro, no Bairro Coelho Neto.

Maria da Glória era baiana, e se mudara para o Rio de Janeiro em sua adolescência. Miguel era filho de um casal de italianos que vieram para o Brasil. Miguel era cerca de trinta anos mais velho que Glória. Casaram-se por volta de 1967, tendo sua primeira filha em 1968, Cristina, e sua caçula em 1969, Diléa. Glória não trabalhava, conquanto que Miguel sustentava a casa; até que ele veio a falecer, em 1980. Glória não tinha familiares no Rio de Janeiro, e os familiares italianos de Miguel desapareceram após sua morte. Embora nunca tivesse trabalhado antes, Glória precisou começar a procurar trabalhos, a fim de prover sustento às suas duas filhas; e ela o fez. Só. Criou e sustentou suas duas filhas, morando no subúrbio do Rio de Janeiro, na cidade de São João de Meriti.

Os pais de Marcelo sempre trabalharam muito para que ele tivesse acesso a tudo o que não tiveram, de modo que pagavam escolas particulares, cursinhos, e até sua faculdade. Marcelo se graduou em Educação Física aos 21 anos; aproximadamente 15 anos mais tarde, Marcelo estudou Teologia num seminário batista. Já Diléa não teve a mesma sorte, uma vez que seu pai faleceu quando era ainda muito nova e sua mãe, que não trabalhava, precisou dar seu jeito para sustentar duas filhas. Ela até tentou começar a faculdade de Artes, mas não concluiu nem o primeiro semestre, devido a crises de ciúmes constantes de Marcelo.

Em novembro de 1989 Marcelo fora convidado para um casamento. Ouvi-o contar diversas vezes o momento em que ele viu Diléa pela primeira vez: ela estava sentada na igreja, aguardando o início da cerimônia do casamento, então ela se levantou, olhou para trás e sentou-se novamente; nesse momento, Marcelo dizia que pensou nunca ter visto uma mulher tão linda, e perguntou a um amigo que o acompanhava se ele a conhecia; percebeu depois que ele mesmo conhecia a amiga que Diléa acompanhava. No decorrer da festa do casamento, a amiga de Diléa a apresentou a Marcelo, e eles passaram a festa conversando. Marcelo ofereceu então carona para Diléa, sua amiga e a mãe de sua amiga. Ele contava também que isso fora uma tática para levá-la em casa, pois assim passaria algum tempo à sós com ela e saberia onde ela morava; contudo, Diléa ficou na casa de sua amiga nesta noite. Marcelo a convidou para sair durante a semana, e ao final da semana eles iniciaram o namoro. Marcelo havia sido criado em um *lar*

cristão, e Diléa não. Ela passou então a frequentar a mesma igreja de Marcelo, *se convertendo* e sendo batizada. Em 01 de fevereiro de 1992 Marcelo e Diléa se casaram. No dia 14 de março de 1994 nascia a primogênita do casal, Isabelle (no caso, eu, que lhes escrevo). Em 11 de setembro de 1995, a caçula Marcelle veio ao mundo. Ambas criadas frequentando igrejas batistas regularmente, conforme a agenda de seus pais e das atividades das igrejas.

Acho que eu nunca verdadeiramente respeitei meus pais quando criança. Eu tinha medo deles. Pavor. E eu acredito que, na realidade, minhas ações eram impulsionadas (na maioria das vezes) pelo medo que eu sentia deles, e não por respeito. Sempre fui uma criança extremamente insegura e dependente. Contudo, eu pelo menos tinha algumas crises de choro e gritos, onde eu colocava pra fora toda a raiva e angústia pela repressão que eu sofria.

Ainda criança, por volta dos meus quatro a dez anos, eu mentia para os meus pais e escondia deles quase tudo que me acontecia; qualquer coisa era motivo pra que eu e Marcelle fôssemos castigadas, na minha visão daquela época, o que me apavorava, e não conseguia falar a verdade. Éramos supervisionadas em tudo, a todo tempo. Não podíamos assistir desenhos da Disney pois, segundo nossos pais, continham mensagens subliminares “*diabólicas*”. Não brincávamos na rua, apenas dentro de casa. Nossas brincadeiras, até mesmo com primos e primas, eram supervisionadas. Mas não em todo tempo.

Eu sofri alguns tipos de abusos ainda criança, por um familiar meu. Eu não sabia que era abuso. Aconteciam algumas brincadeiras entre nós nas quais ele me alisava. Lembro de uma vez que meus pais chegaram no quarto em que estávamos, na casa de meus avós paternos, e eu estava deitada de bruços, com meu vestido levantado, enquanto meu primo alisava minhas partes íntimas. Meus pais me interrogaram depois disso, me culpando, mas eu sempre neguei, pois tinha medo do que poderia vir a acontecer. Lembro-me exatamente da cena, do quanto eu chorava enquanto sofria ameaças de ser castigada por meus pais. Mas o assunto **sexo** sempre foi um tabu em minha família (pelo menos entre mim e minha irmã com meus pais), então eu guardei isso para mim mesma durante muitos anos, tentando não pensar muito em todo trauma que essas situações me causaram. Tento-o até hoje.

Eu devia ter uns três ou quatro anos (por volta de 1998) quando minha mãe saiu de casa, levando a mim e minha irmã; durante um mês ficamos na casa da minha avó materna. Meus pais participaram de um evento chamado Encontro de Casais, realizado na Primeira Igreja Batista em Bairro das Graças, Belford Roxo – RJ, e meu pai disse que *se converteu* neste evento. Tendo ocorrido isto, decidi contar para minha mãe que a traíra, não apenas uma vez, mas incontáveis vezes, desde o namoro deles. Arrasada, decepcionada e machucada, minha mãe decidiu se separar e voltou para a casa de minha avó, levando-nos. Meu pai prometeu a ela que

isso nunca mais ocorreria, disse que estava transformado e regenerado; tendo acreditado, deu-lhe uma chance de recomeço. Muitos anos depois ouvi minha mãe se lamentar sobre como se sentiu sozinha neste período, visto que ninguém da igreja, nem mesmo o pastor (pra quem meu pai havia contado todo o ocorrido), fora visitá-la ou fez um telefonema para saber como ela estava.

Minha avó materna, que era conhecida como Glorinha, faleceu quando eu tinha cinco anos. Recordo-me que, naquele dia, meu pai acordou a mim e minha irmã muito cedo, nos levou para o carro, e fomos para casa de minha avó, que morava no mesmo terreno que a irmã de minha mãe, minha tia Cristina, com o marido e os dois filhos, em um morro (favela) em São João de Meriti, Baixada Fluminense. Ao chegarmos lá, vi minha tia chorando muito, e minha mãe chorava desesperadamente; lembro de reparar quão vermelho estava seu rosto, principalmente o nariz. Meu pai chorava mais contido, tentando acalmá-la. Lembro de ouvir alguém dizer que minha tia a encontrou caída no banheiro, com uma poça de sangue na cabeça; tivera um infarto. Ela era fumante, disseram que isso tinha ligação – entretanto, recordo-me do dia em que ela parou de fumar, após um pedido meu. O enterro foi no mesmo dia, e nos deixaram (eu, minha irmã, meus primos e demais crianças presentes) na casa de uma vizinha. Nunca perguntei a meus pais o que de fato aconteceu, nem lembro a data exata. Apenas sei que minha mãe nunca mais foi a mesma, e nunca mais se sentiu feliz nas comemorações de dia das mães, por mais que eu e minha irmã nos esforçássemos para surpreendê-la e felicitá-la.

Nunca conheci ninguém da família de meu avô materno; contudo, tive contato com uma irmã de minha avó materna, Tereza seu nome, também baiana, que se mudara igualmente para o Rio de Janeiro. Não me recordo de tê-la visto com um marido, mas sei que ela teve duas filhas, Bete e Cira, que casaram com dois homens ricos e moravam bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro.

Neste ponto mesmo posso começar a enxergar, já na fase adulta, como a estruturação machista da sociedade sempre influenciou as construções de relações de minha família, visto que sempre tive mais contato com minha família paterna. Minha avó Dayse me disse uma vez que minha avó Glorinha dizia à minha mãe: “Léa, você está entrando em uma família muito boa, então controle sua personalidade”. E foi o que vi minha mãe fazer, durante toda a vida.

Os prejuízos psicológicos dessa época da infância (e da adolescência também) eu consigo enxergar melhor hoje. São evidentes. E dolorosos. Muito.

Adentrando o quesito “**religião**”, devo salientar que não me recordo de um domingo sequer em que não tenhamos ido à igreja durante minha infância. Também fazíamos cultos domiciliares, apenas eu, minha irmã e meus pais; sempre cantávamos músicas cristãs infantis,

cada um falava um versículo bíblico e meu pai contava uma história bíblica. Assim, enquanto crescíamos, eu e minha irmã aprendíamos diversos versículos, músicas, histórias, sequência dos livros da Bíblia e diversas características e “curiosidades” sobre Deus, a Bíblia, a religião e seus dogmatismos e regras. Muitas coisas ainda consigo lembrar.

Durante minha vida e de minha irmã, minha família participou de algumas (muitas) igrejas. A primeira foi a Primeira Igreja Batista em Irajá (PIBI), no Rio de Janeiro; eu e minha irmã fomos *apresentadas*³ nesta igreja, e foi também enquanto éramos *membros*⁴ da PIBI que aconteceu o rompimento da relação de meus pais. Quando eles reataram o casamento (1998/1999), mudamos de igreja, e passamos a participar da Primeira Igreja Batista em Bairro das Graças (PIBBG), em Belford Roxo, onde ficamos por cerca de três anos. Saímos desta igreja em 2002 por conta da *conversão* do cunhado de minha mãe, que era alcoólatra; eles participavam da Igreja Batista Memorial em São João de Meriti (IBMSJM), próximo de onde moravam. Permanecemos nesta igreja também aproximadamente por três anos, até 2005, e meus pais decidiram voltar para a PIBI por conta de sua concepção de que a estrutura desta igreja era mais preparada e sólida no que tange a atividades para pré-adolescentes e adolescentes (a IBMSJ se localiza na favela, acredito que foi este o fator mais relevante para tal decisão). Entretanto, em 2008 uma ex noiva de meu pai foi nomeada Ministra de Música da PIBI, então meus pais decidiram sair da igreja, justificando-se também com o fato de que não haviam *assembleias*⁵ para que as decisões da igreja fossem tomadas em conjunto pela *congregação*. Como minha irmã e eu éramos ativas nas lideranças de organizações desta igreja nesta época, meus pais pediram a *carta de transferência*⁶ em julho de 2008, enquanto eu e minha irmã só o fizemos em dezembro do mesmo ano. Passamos a ser membros da Primeira Igreja Batista em Fazenda Botafogo (PIBFB), Rio de Janeiro, que era próxima à nossa casa. Desta igreja saímos por conta de problemas com o pastor, que era amigo de meu pai, mas havia, aparentemente, “surtado”, brigando com todos os membros e saindo da igreja. Passamos então, em 2010, a frequentar a igreja que um ex professor do seminário em que meu pai estudou era o pastor, Joel Américo de Sá. Frequentamos a Igreja Batista Memorial da Pavuna (IBMP) por cerca de dois anos, até que no final do ano de 2012 tivemos um sério problema que será retratado mais a

³ Cerimônia na qual o pastor da igreja “apresenta” o bebê a Deus e à congregação, fazendo uma oração de consagração de sua vida a Deus.

⁴ Pessoa que passou pelo batismo e tem seu nome no rol de membros constituintes da igreja.

⁵ Reuniões nas quais o pastor, as lideranças e a congregação votam pelas decisões que devem ser tomadas na igreja, tanto de cunho social quanto interno.

⁶ Quando a pessoa decide mudar de igreja, e a nova igreja envia uma carta à antiga igreja, pedindo os dados cadastrais do membro para que haja transferência de seu nome para o rol de membros da nova igreja.

frente. Somente no ano de 2013 fomos para outra igreja, sendo esta a última igreja que fui membro, a Primeira Igreja Batista da Vila da Penha (PIBVP).

Minha infância na PIBI, PIBBG e IBMSJM foi “normal”, eu e minha irmã participávamos das atividades voltadas para crianças, sendo assim doutrinadas pelos dogmas do cristianismo batista. Desde muito novinha aprendemos a dar o *dízimo*⁷ de todo dinheiro que ganhávamos (se recebêssemos um real, guardávamos os dez centavos do dízimo), a dar *oferta de missões*⁸ (sempre levávamos algumas moedinhas pro momento da oferta que ocorria todos os domingos na *classinha* – como chamávamos a Escola Bíblica Dominical (EBD) quando crianças –, e juntávamos dinheiro pra oferta anual pra Junta de Missões Nacionais (JMN) e Mundiais (JMM), lembro inclusive de uma vez que juntei sete reais em moedas e fiquei muito feliz em ajudar nos projetos de missões), decorávamos diversos versículos bíblicos, variadas musiquinhas evangélicas infantis, etc. As relações interpessoais ainda não eram sólidas, mas tínhamos muitos amiguinhos nas igrejas que frequentávamos.

Mais adiante, entrando na pré-adolescência e sendo membros da PIBI novamente, eu e minha irmã decidimos que queríamos nos *batizar*⁹. Recordo que minha mãe nos mandou fazer uma lista contendo dez motivos pelos quais queríamos passar pelo batismo e porque achávamos que estávamos preparadas para isto; outro questionamento feito foi o momento em que teríamos *aceitado a Jesus*¹⁰, e eu lembro que minha resposta foi que havia sido no acampamento das Mensageiras do Rei, na pregação de uma das líderes, na qual ela falava sobre Atos 5. 29b: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”. Fizemos a tal lista, respondemos todas as indagações e passamos por diversas discussões até que nossos pais concordassem com nosso batismo. Nos batizamos no dia 10 de dezembro de 2006.

Conforme crescíamos, precisávamos participar de organizações da igreja próprias para nossas idades. Quando eu tinha onze anos e minha irmã nove, no final de 2005, como membros da PIBI, nos unimos a um grupo feminino chamado *Mensageiras do Rei*, já mencionado anteriormente; esta organização possui um viés missionário, com finalidade de ensino e evangelização.

Mensageiras do Rei é uma organização missionária para meninas de 9 a 16 anos. Na igreja, pode haver dois grupos: um para as meninas de 9 a 11 anos (pré-adolescentes) e outro para as de 12 a 16 anos (adolescentes). As idades de 9 e 16 anos (para ingresso

⁷ É a entrega à igreja de 10% de todo o valor em dinheiro que o membro recebe; acredita-se ser uma forma de agradecimento a Deus por suas bênçãos, além de ajudar a sustentar sua comunidade religiosa.

⁸ É a oferta dada além do dízimo, com finalidade de ajudar a obra missionária.

⁹ Trata-se da cerimônia em que o novo cristão é submerso em águas, simbolizando sua morte para o mundo e ressurreição para Cristo, uma demonstração pública de sua fé, que o faz tornar-se membro da igreja.

¹⁰ O mesmo que “se converter”; os cristãos dizem “aceitar ao Senhor Jesus como único e suficiente Salvador”.

e saída da organização respectivamente) devem ser consideradas flexíveis. Isto porque pode ocorrer de uma menina de 7 ou 8 anos já estar apta a ingressar na organização, enquanto que outra de 17 e até de 18 anos pode se mostrar interessada em nela permanecer, especialmente se ainda não concluiu o sistema de graduação. Cada caso, no entanto, deve ser tratado de modo individual. Não é exigido da menina que seja convertida ou batizada para fazer parte da organização, uma vez que esta se constitui num meio de levá-la a ter uma genuína experiência de conversão ao lado de Cristo. Por ter um caráter missionário, primeiramente, a organização se propõe a oferecer condições para que suas sócias cresçam no conhecimento de missões, orem por missões, contribuam para missões e assumam sua responsabilidade de testemunhar de Jesus Cristo. Além disso, oferece educação cristã, treinamento e oportunidades de serviço social cristão, tendo em vista o desenvolvimento da personalidade total da menina e sua integração nas atividades da igreja e da denominação. Na organização, a sócia encontra várias oportunidades de se desenvolver socialmente, fazendo novas amizades e aprendendo a trabalhar em equipe com as meninas de sua idade. Sua vida é ricamente abençoada enquanto segue o sistema de graduação Aventura Real se envolve no programa da organização. Além disso, tem o privilégio de participar de acampamentos, congressos, intercâmbios e muitas outras atividades próprias para a sua idade. (SITE UFMBB, 2019)

Ao ingressar nesta organização, pude conhecer algumas coisas novas sobre mim mesma, como minha inclinação para lideranças, meu gosto por música e os aspectos positivos e negativos das tentativas de manter relações interpessoais. Fui a presidente da organização Mensageiras do Rei por cerca de três anos (de 2006 a 2009), onde pude desenvolver os aspectos anteriormente pontuados. Meus pais só permitiam minha participação e de minha irmã em acampamentos/retiros espirituais desta organização em questão, pois era composta só por meninas. Era-nos vetado qualquer contato interpessoal mais prolongado com garotos, ainda que, por conta de nossa idade, participássemos de grupos na igreja voltados para pré-adolescentes (chamado de *Juniores*, para crianças de nove aos doze anos) e, mais pra frente, de adolescentes (dos treze aos dezoito anos), que eram supervisionados em todas as atividades por diversos líderes. Nunca entendi (nem aceitei) muito bem essa “superproteção” dos meus pais comigo e com Marcelle. Muitos de nossos embates e discussões se iniciaram por conta dessa postura deles, embora eu e minha irmã sempre tentássemos obedecer a suas ordens e regras estabelecidas – mais minha irmã do que eu, admito.

O meu primeiro beijo aconteceu nesta época, no ano de 2006, com um rapazinho que também era membro da PIBI e participava do grupo de *Juniores* também, Lucas. Fiquei um ano apaixonadinha por ele, e ele dizia que também gostava de mim; nos beijamos três vezes, e eu achava que ele era o amor da minha vida, com quem eu casaria. Pelo menos era essa a ideia que meus pais ensinaram a mim e minha irmã: devíamos casar com nosso primeiro e único namorado. Contudo, quando contei pro meu pai o que havia acontecido, ele e minha mãe me colocaram de castigo e não permitiram mais que eu tivesse contato com o menino.

A partir daí, comecei a perceber mais intensamente meu interesse afetivo pelos meninos. Nessa mesma fase meu corpo passou a se desenvolver mais, o que se transformou em um grande problema – pelo menos para meus pais. Eles começaram a dizer que meu corpo chamava muita atenção de rapazes, e que isso era errado. Passaram a criticar minhas roupas, fotos que tirava, biquínis de praia etc. Eu nunca pude sair usando um short: ou usava bermudas que compridas até o joelho (o mesmo comprimento para saias), ou calças. Decote? Jamais. Meus seios chamavam atenção demais, precisava escondê-los a todo custo. Em público, eu precisava ser mais contida. Meus pais achavam que eu era “excessivamente extrovertida”, e que meu comportamento não era adequado para uma menina cristã. Eu tinha que me portar de maneira a me dar ao respeito. Não podia estar rodeada de meninos, nem brincar ou correr em espaços onde outras pessoas me observassem. Eu tinha que ser menos extravagante no meu comportamento, tinha que andar mais com meninas – e meninas quietas, tinha que manter uma distância segura de meninos. E quando eu era amiga de algum rapaz, não podia cumprimentá-los com um abraço ou beijo no rosto. Ninguém podia me tocar. Qualquer toque de qualquer rapaz era malicioso. E assim cresci: reprimida na forma de me vestir, na maneira de me portar, no tratamento com rapazes.

Criei então, nessa época, uma forte amizade com uma menina que participava das Mensageiras do Rei comigo e minha irmã, seu nome é Alexia. Nossa amizade era de uma intensidade imensurável, fazíamos absolutamente tudo juntas. Ela sempre dormia em minha casa, assim como passava suas férias conosco, quando eu e minha irmã íamos com meus pais para a Região dos Lagos – RJ, onde eles têm uma casa de praia (a única casa que eles possuem na realidade, visto que moram de favor na casa que meus avós paternos construíram em cima de sua própria, que é onde minha avó mora até hoje). Ela chamava meus pais de mãe e pai. Nossa relação, minha, dela e de Marcelle, era mesmo de irmãs. Recordo de um fato que, hoje, considero engraçado: uma cunhada de minha tia Cristina, irmã de minha mãe, foi conversar com elas acerca de sua preocupação com o tipo de relação que eu e Alexia mantínhamos; ela achava que Alexia poderia estar apaixonada por mim, pois sempre andávamos literalmente grudadas, de mãos dadas em shoppings, na praia, em casa ou em qualquer lugar que estivéssemos. Minha mãe veio então conversar comigo, demonstrando muita preocupação. Entretanto, nessa época, eu não enxergava Alexia desse jeito, e acho que nem ela a mim. Éramos realmente melhores amigas. Essa amizade durou cerca de seis anos, até que Alexia decidiu se afastar de mim; até hoje não compreendo o porquê.

Voltando à questão do beijo, eu fiquei bastante tempo de castigo – o que não me impediu de ter contato com meninos, visto que eu continuava indo à igreja e à escola. Beijei uns dois

meninhos antes de conhecer o Victor, em 2008. Lembro que me apaixonei por ele no momento em que o vi, na *Escola Bíblica de Férias Teen*¹¹ (EBF Teen) da PIBI; nosso primeiro contato se deu neste evento. Nos tornamos muito amigos, começamos a “ficar”, pois meus pais não permitiam o namoro. Rompemos a relação algumas vezes; em 2009, eu já não participava mais da PIBI, e sim da PIBFB. Na minha festa de 15 anos, Victor tentou me dar um beijo, mas eu estava encantada por um rapaz que era membro da PIBFB – embora ainda gostasse dele. Meu pai só deu permissão para que eu namorasse meses após meu aniversário, mais precisamente em julho de 2009. Comecei então o namoro com este outro rapaz. Entretanto, neste mês aconteceu a pior perda que eu tive na vida até o presente momento.

Meu avô paterno, Valter, fora diagnosticado ainda jovem (aproximadamente 35 anos) com Transtorno Bipolar (tipo 1), que é uma doença psiquiátrica caracterizada por alternâncias repentinas de momentos depressivos e de euforia/mania, e desde o diagnóstico, ele passou a se medicar com Carbolitium, um medicamento controlado e que o uso necessita ser monitorado, por risco de intoxicação; um dos efeitos colaterais do uso deste medicamento é falhas renais, e meu avô Valter sempre teve problemas com cálculos renais. Deste modo, em 2008 foi detectada uma intoxicação em seu organismo, que estava levando à falência de seus rins; com isso, foi necessário trocar a medicação que ele tomava há anos, o que acarretou em um desequilíbrio que fez com que ele entrasse em depressão profunda. Foi uma época muito conturbada.

Quando ele estava melhorando da depressão, em outubro de 2008, ele escorregou em casa, caiu no chão, e quando o levaram para o hospital, o raio x acusou uma fratura no fêmur. Ele ficou internado por cerca de 2 meses na Policlínica da Vila Militar – RJ, sendo necessária a realização de uma cirurgia para colocar uma prótese no lugar da “cabeça” do fêmur. Meu avô se recuperou rapidamente, pois no período em que esteve internado, se iniciou o período de euforia de sua doença. Em alguns meses ele já conseguia andar novamente, inclusive esteve em meu aniversário de 15 anos, em março de 2009. Contudo, como o seu organismo ainda não estava totalmente adaptado ao novo medicamento, em maio ele começou a entrar novamente em depressão, e em junho ele caiu outra vez e a prótese que havia sido colocada se partiu. Ficou então internado novamente, desta vez no Hospital Central do Exército (HCE) – RJ, de onde não saiu.

Eu o vi dar tudo de si pra tentar permanecer vivo, ele era apaixonado pela vida. Mas o ambiente hospitalar o deprimiu ainda mais, baixando sua imunidade; estando mais suscetível a doenças, foi diagnosticado com pneumonia. Dia 18 de julho de 2009, um sábado, foi a última

¹¹ EBF é um evento de 1 semana, no mês de julho, no período de recesso das crianças, quem tem o objetivo de evangelização infantil; a EBF Teen era voltada para os adolescentes com o mesmo objetivo.

vez que o vi; lembro que contei pra ele que neste mesmo dia o rapaz por quem que eu estava encantada iria em casa pedir a meu pai permissão para namorarmos. Ele já não falava mais, mas pelo menos me olhou. Já no dia 20, segunda-feira, e eu saí mais cedo do curso pré-vestibular com minha irmã e fomos pra casa, e meus pais e minha avó haviam ido ao hospital ver meu avô. Eu liguei diversas vezes pra minha mãe, o horário da visita era das 14 h às 16 h, e eles não haviam conseguido ver meu avô neste período; minha última ligação foi por volta das 18 h, e minha mãe me disse que meu pai havia conseguido entrar pra ver meu avô.

Quando era umas 19 h e 30 min, minha tia Cristina e meu primo mais velho chegaram na minha casa, e eu fui abrir o portão. Eu lembro que eu estava normal, tentando me forçar a acreditar que nada havia acontecido com meu avô. Até que eles no chamaram no nosso quarto, nos sentaram na cama, e minha tia falou: “Vovô Valter está com o *Senhor*”, e começou a chorar. Nesse momento eu perdi o chão. Perdi o ar. Perdi a vida que me habitava. Lembro de ouvir minha tia dizer que eu precisava ser forte pelo meu pai e pensar: “mas como eu vou ser forte? Eu não tenho como ser forte, eu não quero ser forte, eu só não queria que isso estivesse acontecendo”. Meus pais e minha avó chegaram e eu nem sabia como agir, só conseguia chorar. Meu pai ligou para todos os parentes e amigos, e resolveu as questões do funeral. Não dormimos naquela noite, e fomos muito cedo para o cemitério onde seu corpo seria velado e enterrado. Eu não conseguia sair do lado dele na capela. Meu pai deu uma palavra, agradecendo pela vida de meu avô e pela presença de todos. O pastor da PIBI foi e também falou (meus avós eram membros da PIBI), assim como o pastor da PIBFB, da qual fazíamos parte na época. Tive que ser praticamente carregada até o local do sepultamento, pois não tinha mais forças pra andar. Colocaram-me sentada ao lado de minha avó, que cobriu meu rosto com sua toalhinha laranja enquanto desciam o caixão, ao som do hino 398 do Cantor Cristão, que um grande amigo de meu avô cantava juntamente aos que conheciam o hino:

Se paz a mais doce me deres gozar, se dor a mais forte sofrer;
Ó seja o que for Tu me fazes saber, que feliz com Jesus sempre sou!

[coro]

Sou feliz, com Jesus, sou feliz com Jesus meu Senhor!

Embora me assalte o cruel satanás, e ataque com vis tentações;
Ó certo eu estou apesar de aflições, que feliz eu serei com Jesus!

Meu triste pecado por meu Salvador, foi pago de um modo cabal;
Valeu-me o Senhor, oh mercê sem igual, sou feliz graças dou a Jesus!

A vinda eu anseio do meu Salvador, em breve virá me levar;
Ao céu onde vou para sempre morar, com remidos na luz do Senhor! (BLISS;
SPAFFORD, 2019)

Com o falecimento de meu avô, eu passei a dormir com minha avó, na cama que era deles. Foi o mês mais complicado pra mim. Doía muito não ter mais meu avô, e dormir onde ele dormia era muito complicado; mas minha avó precisava de mim naquele momento, e eu me senti feliz por estar ao lado dela. Eu nunca tinha visto ela chorar. Mas ela chorou, todos os dias, 24 horas por dia, por um mês. Não havia um momento sequer em que eu a olhasse e seu rosto não estivesse molhado pelas lágrimas. Ela sempre disse que a vida dela se divide entre antes e depois do Valter. Nem imagino a dor que ela sentiu ao perde-lo. Mas pelo menos eu estava lá, com ela.

Victor foi ao sepultamento de meu avô, acompanhado por seu pai e sua mãe, mas eu só consegui falar com ele quando tudo já havia acabado. O abraço dele foi o único que me confortou um pouco. O rapaz que eu havia começado a namorar não foi, nem me perguntou muito sobre o que tinha acontecido. Namorei então com este rapaz por um mês, e terminei a relação por entender que eu ainda gostava muito de Victor, e queria ficar com ele. Meu pai só permitiu que Victor fosse até ele pedir para namorarmos cerca de 3 meses depois.

Meu pai estabeleceu algumas regras para que pudéssemos manter nossa relação: I) só podíamos nos encontrar aos sábados, na minha casa ou eventualmente em um shopping ou alguma programação juntamente a eles, e aos domingos na igreja; II) a primeira coisa que tínhamos de fazer quando Victor chegava em minha casa era ler pelo menos 1 capítulo da *Bíblia*, e depois ele nos perguntava o que havíamos entendido; III) Victor não podia tocar nenhuma parte do meu corpo, e depois de todos os encontros meu pai nos fazia perguntas como “ele tocou em seu peito? Tocou em sua *bunda*?”, o que era muito constrangedor para ambos. Os telefonemas e encontros eram monitorados a todo segundo. Não havia privacidade alguma. Ficamos juntos por 1 ano, e decidimos terminar o namoro. Éramos mais amigos que namorados. Continuamos a amizade por muitos anos.

Saindo da PIBFB, por conta dos problemas com a saída do pastor, eu e minha família começamos a frequentar a IBMP, por volta de julho de 2010. O pastor desta igreja era o professor preferido do meu pai no seu curso do seminário teológico, o supracitado pr Joel. Foi a partir dessa época que as coisas começaram a se complicar ainda mais.

2.1 “VADIA, LOUCA, DEPRAVADA”

“[...] *te quero na cama, na rua, no carro, na escada. Lambe, esfria; bate, esquenta. Eu quero, agora aguenta!*” (BARALDO, 2017)

Sendo membros da IBMP em 2010, meus pais permitiram pela primeira vez que eu e minha irmã participássemos de um *Acampamento dos Adolescentes*¹², tendo este ocorrido no fim de semana do feriado de 07 de setembro; a permissão deles se deu pelo fato de que o próprio pastor da igreja estaria presente durante todo o evento. Neste acampamento conhecemos muitas pessoas, e um rapaz chamado Felipe se apaixonou por minha irmã. No dia 11 de setembro foi a festa de aniversário de 15 anos de minha irmã, e uma semana depois ela e Felipe receberam a permissão de meu pai para namorarem. Marcelle estava completamente apaixonada, e afirmava que os dois casariam, pois seu objetivo era casar-se com seu primeiro namorado, como nossos pais sempre disseram que era o correto. Logo depois disso, no início de outubro, aconteceu meu término com Victor.

Já no final do ano de 2010, conheci na IBMP um rapaz chamado Lucas. Após uns dias conversando ele já falava que estava apaixonado por mim e que queria namorar comigo. Contudo, no período de férias escolares em janeiro de 2011, estive com meus pais, durante um mês e meio, em sua casa de praia na Região dos Lagos do RJ, e não tive contato com Lucas. Um amigo de meus primos, que morava nessa cidade onde passávamos as férias, e que inclusive eu já conhecia há alguns anos, tinha se aproximado de mim também no final de 2010, por redes sociais, após meu rompimento com Victor. Assim, passamos o mês de janeiro inteiro juntos, nos encontrando praticamente todos os dias; quando faltava apenas 1 dia pra que eu e minha família voltássemos para o Rio de Janeiro, minha tia Cristina nos viu juntos e pediu que eu contasse à minha mãe que eu estava ficando¹³ com o rapaz. Assim o fiz, e minha mãe me obrigou a contar para meu pai. Sua atitude já era de se esperar: me proibiu de falar com o garoto. De volta ao Rio, meus pais passaram a monitorar meu telefone, e não consegui mais contato com o rapaz da Região dos Lagos.

Logo, encontrando Lucas novamente na igreja, nos reaproximamos e começamos a conversar muito. Passamos cerca de 4 meses conversando, até que meu pai enfim deu permissão para iniciarmos nosso namoro. Trocamos apenas um beijo antes da oficialização da relação. Conhecendo o Lucas mais a cada dia, realmente me senti muito apaixonada por ele. Ele era carinhoso, atencioso, romântico... tudo que uma menina podia sonhar. Já com 17 anos, e estando em uma relação mais sólida, meu pai começou a liberar algumas coisas que no meu relacionamento com Victor não ocorriam, como almoços de família na casa do namorado.

¹² Evento geralmente em sítios, onde diversos adolescentes, da igreja ou não, vão para descansar e participar de estudos bíblicos e demais temáticas voltadas para esta idade. Geralmente um grande número de líderes (adultos e casados) acompanham esses eventos.

¹³ Ficar é beijar sem ter um compromisso de namoro.

Passei a frequentar vez ou outra os eventos com familiares de Lucas, até que, em outubro de 2011, ele pediu a sua mãe que fizesse um almoço mais íntimo, no qual só estaríamos eu, ele, a mãe dele e a irmã. Meus pais permitiram que eu fosse. E foi neste dia, 08 de outubro de 2011, depois deste almoço, que tivemos nossa primeira relação sexual. Primeira vez minha, dele e nossa. E foi muito bom. Lucas foi extremamente cuidadoso e atencioso, e eu senti pouca dor. Nunca me arrependi por ter escolhido ele para perder minha virgindade, foi um momento mágico que eu sempre lembrarei com muito carinho.

Já havia ocorrido algumas coisas – além de beijinhos – antes, em meu relacionamento com Victor, mas eu era muito nova e não queria que rolasse nada sexual naquela época; lembro de uma vez que estávamos em casa somente com Marcelle, meus pais haviam saído por alguns minutos e já retornariam, e eu e Victor fomos parar no banheiro social e ele pegou uma camisinha; eu recusei. Sempre fui muito segura de mim mesma com relação a isso, e nunca permiti que ninguém ultrapassasse o meu limite.

Foi com Lucas que eu descobri/conheci/aprendi as coisas referentes a sexo – pelo menos era isso que eu achava (meu conhecimento de mundo era muito limitado). A maioria de minhas “primeiras vezes” foram com ele. Começamos a nos encontrar com frequência muito maior, na maioria das vezes escondidos. Em 2012, eu estava fazendo um curso de pré-vestibular voluntário, e faltei muitas aulas para encontra-lo em sua casa, enquanto sua mãe trabalhava, ou para irmos a motéis etc. Contudo, nossa relação era muito conturbada. Ele era extremamente ciumento, e às vezes mentia para mim. Vivíamos terminando e voltando, num ciclo cansativo e complicado. Mas eu sentia que realmente nos gostávamos, era algo inegável na minha concepção.

Nossa vida na igreja permanecia impecável, Lucas inclusive melhorou muito sua assiduidade e pontualidade depois que começamos a namorar. Eu participava de praticamente todos os setores da IBMP: era integrante do vocal do *Grupo de Louvor*¹⁴, fazia solos de músicas em participações especiais nos cultos, participava do *Grupo de Missões*¹⁵, integrava o *Grupo de Teatro Adorart*¹⁶ – IBMP, dava aulas para crianças no *Ministério Infantil*¹⁷, participava do *Grupo de Jovens*¹⁸, era da liderança do grupo e estava presente em todas as programações e

¹⁴ Grupo composto por vocalistas e instrumentistas, que “utilizam seus dons e talentos para a glória de Deus”, sendo responsáveis pelos momentos de louvor e adoração a Deus em todos os cultos.

¹⁵ Grupo que organiza ações voltadas para a obra missionária.

¹⁶ Um grupo de teatro, que realizava diversas peças teatrais e encenações, de conteúdo cristão, na igreja em questão (IBMP) e em outras das quais recebiam convites.

¹⁷ Grupo de líderes com objetivo de cuidar das crianças, e ensina-las sobre Deus e a Bíblia.

¹⁸ Grupo composto por jovens dos 18 aos 30 anos, com programações específicas para edificação espiritual destes.

ajudava no *Grupo de Adolescentes*¹⁹; Lucas participava também do Grupo de Jovens, me acompanhava tocando violão em algumas participações especiais nos cultos e integrava o Grupo de Louvor, tocando bateria e contrabaixo. Além disso, cuidávamos da filha do Ministro de Música da igreja, que na época tinha uns 4 anos. Aparecíamos na igreja pelo menos três vezes na semana, e aos domingos participávamos dos cultos da manhã e da noite.

No início deste ano de 2012, ocorreu na IBMP o *Concílio de Exame*²⁰ e a cerimônia de *Consagração ao Ministério Pastoral com Imposição de Mãos*²¹ de meu pai, de modo que ele recebeu o título de pastor, ainda que não estivesse à frente de nenhuma igreja. Mas meu pai já *pregava*²² desde antes de finalizar seus estudos no seminário, a oratória dele é ótima, ele é muito inteligente e sabe como preparar *sermões* incríveis; ele inclusive já escreveu todo um *curso de discipulado*²³, e o utilizou com alguns amigos meus no ano de 2009. Ele é realmente uma pessoa muito inteligente, e conhece muito da Bíblia e do cristianismo, o que faz com que às vezes ele se mostre um tanto arrogante, por sempre achar que precisa dizer a todos o que devem ou não fazer; ele acha que sabe exatamente qual é a *vontade de Deus* para todo mundo, e comigo não foi diferente.

Aproximadamente em agosto de 2012 eu consegui uma vaga para um treinamento em uma empresa de telemarketing, que era terceirizada do Banco do Brasil; o treinamento tinha duração de um mês, e se eu passasse em todas as provas eu seria contratada. Tendo feito as avaliações e tirado nota máxima em todas, fui contratada pela empresa como operadora de telemarketing, e atendia aos clientes do Banco do Brasil. Meu salário era um pouco maior que o mínimo da época, e era mais que suficiente para mim, que não tinha gastos com basicamente nada. A empresa se situava em Vila Isabel – RJ, muito distante de onde eu morava, Coelho Neto (Zona Norte do Rio, bairro cercado por diversas favelas muito perigosas por serem extremamente violentas, com forte influência do tráfico, e comandadas por “bandidos”), e eu levava diariamente cerca de 5 horas no trânsito para ir e voltar do trabalho. Nesta época, Lucas morava na Pavuna, e trabalhava no setor administrativo de uma empresa no Centro do Rio de Janeiro.

¹⁹ Grupo composto por adolescentes de 13 a 17 anos, que realiza eventos e programações com o intuito de aproximar os adolescentes de Deus.

²⁰ Reunião de pastores que fazem perguntas examinatórias para testar os conhecimentos do futuro pastor acerca de Deus, da Bíblia, da Igreja e de diversos outros temas referentes ao ministério pastoral.

²¹ Cerimônia na qual os pastores impõem as mãos sobre o examinado e futuro pastor, orando e entregando sua vida e seu ministério a Deus.

²² O ato de pregar consiste em basicamente um monólogo geralmente com objetivo de evangelização ou edificação dos membros da igreja.

²³ É “formar discípulos”, ou seja, passar ensinamentos bíblicos para que a pessoa se torne um discípulo e imitador de Jesus Cristo.

No ciclo de rompimentos e retornos de minha relação com Lucas, num período em que estávamos separados eu conheci um rapaz que trabalhava na mesma empresa que eu; nesta época eu tinha 18 anos, e o rapaz tinha uns 34, e já era pai. Comecei a ficar com ele quando nos encontrávamos na empresa, e cheguei até a ir até o prédio em que ele morava, mas nunca entrei no apartamento dele, nem chegamos a fazer sexo. Eu ainda gostava do Lucas, e não sentia vontade de fazer sexo com outras pessoas. Contudo, após cerca de duas semanas em que estávamos ficando, ele começou a me pressionar para transarmos; ele sabia que meus pais me controlavam muito, inclusive meus horários, então para mim era mais fácil conseguir fugir.

Neste último rompimento, Lucas havia dito que não queria mais que eu falasse com ele quando nos encontrássemos na igreja, e assim o fiz. Entretanto, quando o encontrei num evento da IBMP no sábado dia 20 de outubro de 2012, ele veio falar comigo após eu ignorá-lo, dizendo que não conseguia ficar longe de mim e que sentia minha falta, e então voltamos a conversar. Mais cedo, neste mesmo dia, eu havia me desentendido com o rapaz do trabalho com quem estava me relacionando, e desesperado, o rapaz disse que queria assumir um namoro comigo; eu fui embora pois tinha que ir para o evento da igreja, e ficamos combinados de conversar melhor sobre todo este assunto depois.

No domingo encontrei Lucas novamente, e ele continuou reforçando que estava sentindo muito minha falta e que não conseguia permanecer longe de mim por muito tempo, mas não ficamos juntos neste dia. Na segunda-feira, dia 22 de outubro de 2012, eu saí de manhã cedo para trabalhar, e cheguei em casa por volta das 15 h. Encontrei o rapaz da empresa com quem eu ficava, mas não conversamos muito pessoalmente. Ele começou a me enviar mensagens de texto no celular, e começamos a conversar. Lucas também estava me enviando mensagens, nas quais pedia para que fôssemos a um motel para matarmos a saudade, dizendo que não aguentava mais ficar longe de mim; eu respondi que naquele dia não dava, mas que eu pensaria no assunto e, caso aceitasse, marcaríamos de nos encontrarmos durante a semana. No entanto, o outro rapaz começou a me enviar mensagens falando “sacanagens”, besteiras de cunho sexual; a ele eu não respondia em tons afirmativos, mas também não tinha dado um corte, de modo que ele continuou mandando mensagens. Meu celular tinha senha para acessar fotos e mensagens, mas o pedido da senha só aparecia se eu saísse das páginas dos aplicativos onde as mensagens e fotos eram guardadas. Conversando com Lucas e com o rapaz, eu deixei o celular bloquear com a página das mensagens abertas, e peguei no sono no chão da sala, com o telefone do meu lado.

“ISABELLE, O QUE É ISSO? QUE MENSAGENS SÃO ESSAS NO SEU CELULAR? ISABELLE, ACORDA AGORA!!! EXPLIQUE O QUE ESTÁ ACONTECENDO!!!”

Acordei assustada com a gritaria. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, até ver minha mãe com meu celular na mão, mostrando-o para meu pai, que também gritava. Meu telefone tocou, e meu pai atendeu. Era o rapaz da empresa. Meu pai começou a gritar com ele, o ameaçando, dizendo que “iria atrás dele e acabaria com ele se voltasse a me procurar”. Eu fiquei sem ação, sem palavras, em estado de choque. Não conseguia me mover. Uma sensação horrível, desesperadora em seu silêncio.

A primeira pergunta já era de se esperar: “Você não é mais virgem?”; respondi que não. A partir daí, um interrogatório sem fim que durou meses. Meus pais me fizeram todos os tipos de perguntas possíveis, cada dia que lembravam de algo que queriam saber, vinham até mim. “Você só fez sexo com Lucas?”; “onde já fez sexo?”; “já foi em motéis? Quais? Queremos uma lista de todos”; “já fez sexo anal?”; “já se encontraram escondidos aqui em casa? E na casa dele?”; “já fizeram sexo dentro da igreja?”; “quantos homens você já beijou? Quais seus nomes?”; e muitos outros questionamentos deste tipo. Mas nesse dia em que descobriram, lembro que meu pai me perguntou por que eu havia feito sexo, e minha resposta foi: “porque é bom”. Pude sentir a raiva dele neste momento, mas eu já estava cansada de me esconder e mentir pra eles, só queria poder ser eu mesma. No entanto, isso não foi possível. O que meus pais fizeram foi tentar me reconstruir, formar uma nova Isabelle, diferente de tudo que eu era.

No dia seguinte a este escândalo, meus pais me proibiram de ir ao trabalho, e mandaram que eu escrevesse uma carta para o pr Joel pedindo que eu fosse *disciplinada*²⁴ e *excluída do rol de membros da igreja*²⁵; assim o fiz. Na quarta-feira dia 24, fui com meus pais até a igreja para conversar com o pastor, que disse que não seria necessário informar em *assembleia* o motivo de minha *disciplina*, bastaria informar ao *Conselho Diaconal*²⁶; pr Joel me deu duas opções para me redimir: ou eu pediria perdão na frente da igreja, ou ligaria para cada pessoa que soubesse que eu não era virgem e pediria perdão pelo *mal testemunho*²⁷. Meus pais me fizeram optar por fazer ambos, e eu fiz. No dia seguinte, 25 de outubro, fui à empresa em que eu trabalhava pedir demissão. Meus pais me tomaram o cartão do banco e minhas senhas, e o

²⁴ Disciplina é quando o nome não é retirado do rol de membros da igreja, porém a pessoa passa a ter acesso restrito aos trabalhos da igreja, não podendo participar de muitas coisas.

²⁵ Exclusão do rol de membros é quando o nome da pessoa é retirado do rol de membros, não podendo exercer nenhum cargo ou função de liderança dentro da igreja.

²⁶ O agrupamento de todos os diáconos da igreja, a segunda liderança maior depois do pastor.

²⁷ Atitudes que fazem com que “o nome de Jesus seja envergonhado”.

dinheiro que eu recebi referente a salário e rescisão, meu pai utilizou para comprar uma flauta transversal para que Marcelle iniciasse um curso de música na Villa Lobos, Centro do Rio.

Meus pais se dedicaram, durante anos após isso, ao trabalho árduo de me fazer odiar o Lucas. Culpavam-no, diziam que ele nunca me amara de verdade, que não se preocupava comigo e que ele era o responsável por minha vida ter desandado. Eles realmente conseguiram fazer com que essas ideias entrassem no meu íntimo por muito tempo, e eu não conseguia nem mais pensar nele ou ouvir seu nome. Ele me abandonara, no momento em que eu mais precisava, o momento de mais dor, em que eu só precisava que ele segurasse minha mão; ele sumiu, e aquilo era inaceitável, indefensável e injustificável.

Não encontro palavras que expressem como enxergo as atitudes de meus pais para comigo nessa época; desrespeito, falta de noção, invasão de privacidade, maldade... não acho que tais palavras sejam capazes de exprimir todo o sofrimento que as ações me causaram. Sofri praticamente uma lavagem cerebral, na qual, pela força da influência que eles tinham sobre mim e do amor que eu sentia por eles, conseguiram fazer com que eu aceitasse todas as suas imposições calada. Saí do emprego porque eles não permitiam mais que eu saísse de casa, para não correr riscos de que Lucas ou qualquer homem com quem eu já tivera me relacionado me encontrasse; estando em casa, eu não ficava sozinha nunca, era vigiada por eles, ou por minha irmã (eles a obrigavam a fazer isso), ou por minha avó (que não concordava com eles, mas os respeitava), e quando não tinha ninguém pra ficar me vigiando, ia com meu pai para o trabalho dele, para que ele pudesse me vigiar; eu não tinha mais acesso ao computador, à nenhuma rede social, não tinha mais celular, e não podia nem atender o telefone residencial, nem quando alguma amiga ligava eu podia atender a ligação, por medo deles de que Lucas estivesse com a tal amiga; pude receber uma visita depois de 1 mês, que fora supervisionada a todo segundo; quando eu ia à igreja com meus pais, não podia beber água ou ir ao banheiro, minha mãe sempre me acompanhava. Eu me sentia um lixo, o pior ser humano; e foram meus pais que me fizeram sentir assim. Eu escrevia, naquela época, sobre como eu era *pecadora* e precisava do perdão divino para conseguir continuar a viver, sobre como eu nunca realmente fora *salva*, que eu nunca havia *entregado minha vida a Jesus* verdadeiramente, e que eu precisava me *transformar*. Tudo isso eu escutava dos meus pais todos os dias, e por isso me sentia assim. Humilhante.

O pedido de perdão à igreja ocorreu no final do mês de outubro; a cena ainda está nítida em minha mente: subi ao púlpito, chorando copiosamente, acompanhada por meu pai; peguei o microfone, e a única palavra que saiu foi “desculpa”, e eu saí correndo de dentro da igreja, chorando ainda mais. Humilhante.

Os pedidos de perdão às pessoas que sabiam que eu não era virgem ocorreu em sua maioria através de ligações supervisionadas por meus pais; também me recordo claramente da cena, nós três sentados no chão da sala com o telefone do lado, e eu com a lista que me obrigaram a fazer com os nomes de todos que eu lembrava que sabiam. Entretanto, as desculpas não se restringiram a essas pessoas, mas meus pais me fizeram pedir perdão também a alguns amigos seus e familiares, argumentando que todos me amavam muito e eu havia desapontado e decepcionado a todos. Foi cerca de seis ou sete casais, que consideravam um absurdo “o que eu havia feito a meus pais”. Para eles, minhas ações eram contra meus pais, e eles não cansavam de dizer que eu estava errada, mas que me amavam e que eu poderia recomeçar. Fui extremamente julgada. Eu tinha decepcionado a todas essas pessoas. Pessoas que me amavam, que me tratavam como filha. Que peso pra se carregar. Eu não tenho ideia de como aguentei. Sentia-me definhando. Humilhante.

Nas férias de janeiro de 2013, fui com meus pais e minha irmã para a casa de praia deles; meus amigos tentavam falar comigo pelo celular de minha irmã, até mesmo pelo de meus pais, e eles negavam que eu tivesse qualquer contato com qualquer pessoa. Minha tia Cristina e sua família, que na época já moravam na Região dos Lagos, participavam de uma igreja batista próxima à sua casa, a Segunda Igreja Batista em Barra de São João (SIBBSJ), e convidaram a mim e minha irmã para participarmos de um evento que de um final de semana (sexta-feira à noite até as 15 h de domingo), em um sítio, que era organizado por uma outra igreja, mas que a SIBBSJ participava e ajudava na organização; minha tia convenceu minha mãe de que este evento transformaria minha vida, que eu aceitaria a Jesus verdadeiramente e não seria mais aquela pessoa que decepcionara a todos. A condição de meus pais era que me vigiassem a todo segundo no evento, o que ocorreu: o marido de minha tia Cristina ficou encarregado de acompanhar o grupo em que me colocaram durante todo o evento.

O nome do evento era “Impacto Radical”; este consiste em uma simulação da *igreja perseguida*²⁸ em territórios islâmicos, de maneira que éramos agredidos verbalmente por acreditarmos em Jesus e obrigados a fazer diversas coisas. No dia em que chegávamos, noite de uma sexta-feira, éramos abordados na entrada do sítio por inúmeras pessoas com fardas camufladas de exército, que nos forçavam a segurar nossas malas/mochilas, ainda que pesadas, sem poder apoiá-las no chão. Na entrada, éramos obrigados a entregar celulares e câmeras digitais e recebíamos um crachá de identificação, e em seguida nos encaminhavam para os dormitórios; pouco tempo depois, nos levavam para o salão onde todos se reuniam, e havia uma

²⁸ É dito nas igrejas batistas que os missionários cristãos são perseguidos e mortos em territórios islâmicos.

abertura para explicar do que se tratava o evento. Nisso, acontecia uma simulação de um assassinato do lado de fora, e aos gritos éramos expulsos do salão, e tínhamos que correr por uma trilha na mata, de noite; no meio dessa trilha, tinham 3 buracos fundos cheios de lama, e nos forçavam a entrar neles para que pudéssemos passar. Ao fim da trilha, chegávamos no lugar onde iríamos jantar: um caldo de canja com 1 pé de galinha.

No segundo dia, éramos divididos em 4 grupos e passávamos o dia inteiro andando por trilhas nas matas que rodeavam todo o sítio, com o objetivo de entregar uma grande caixa cheia de bíblias para um determinado grupo que “se escondia” dos ataques; dois guias “islâmicos” (atores do evento) lideravam cada grupo por toda a trilha, e também compunham o grupo um ator do evento fazendo o papel chamado de “Espírito Santo”, que ajudava o grupo em alguns momentos específicos; um “Inimigo”, que ninguém sabia que era ator, que fingia estar ajudando mas roubava algumas coisas do grupo e se manifestava num determinado momento do dia, acusando todos de diversas formas; um “Infiltrado”, que também agia como participante normal do evento, mas atrapalhando todo o grupo e as atividades que deviam ser realizadas; e um grupo de “Seguranças”, que acompanhavam o grupo, fardados, para ajudar em qualquer emergência ou eventualidade (meu tio era segurança do meu grupo para que vigiasse cada passo meu). O café da manhã era um pão, o almoço era um pouco de miojo com um pedaço de sardinha, e a janta, novamente o caldo de canja com o pé de galinha.

No fim do dia, nos reuniam no salão e escutávamos por horas a pregação do pastor que organizava todo o evento. Íamos para os dormitórios por volta de 1 h da madrugada, e éramos acordados às 3 h da madrugada por um suposta “invasão”, na qual soltavam diversas bombas e tínhamos que sair correndo para fugir; éramos direcionados de volta para o salão neste momento, e então ocorria o momento da “revelação”, na qual havia uma encenação em que uma Bíblia era queimada, éramos novamente ofendidos, agredidos verbalmente, e então chegava um ator representando Jesus, e todos os fardados abriam suas fardas e exibiam suas camisas brancas com a logo do evento, e começavam a cantar a música “Identidade”, de Anderson Freire (2011), que diz no refrão: “Minha identidade é servo do Senhor, dentro da fomalha vou mostrar quem és sendo quem eu sou, fiel adorador. Nem a morte vai nos separar, Senhor”. A partir desse momento, ouvíamos cerca de mais 4 horas de pregação.

O lema levantado pelo Impacto Radical é: “*amar com o amor de Jesus é possível*”, e todas as pregações que ouvíamos era sobre isso: o pastor tentava nos convencer de que só estaríamos realmente e plenamente obedecendo a Jesus se estivéssemos dispostos a “dar nossas vidas por nossos amigos”, assim como Jesus disse estar e se entregou para morrer na cruz por todos nós.

Com isso, se tínhamos que buscar sermos “imitadores de Jesus”, deveríamos todos os dias estar dispostos a nos sacrificarmos por qualquer pessoa que precise de salvação.

Era proibido falar o que acontecia no evento para pessoas que ainda não haviam participado, pois “estragaria as surpresas”. E assim eu e Marcelle fizemos. Não contamos a ninguém acerca de nossas experiências no evento ao retornarmos para a casa de praia de nossos pais. Lembro que foi tudo muito impactante para mim na época, e acredito que fiquei tão impressionada por conta de toda pressão que eu estava sofrendo pra me tornar outra pessoa e reconquistar a confiança dos meus pais. Eles enfiaram na minha cabeça que eles eram as únicas pessoas em quem eu poderia confiar, então eu deveria aceitar todas as suas imposições e proibições calada, para demonstrar minha vontade de reconquistá-los. Foi o que eu fiz – ou, pelo menos, tentei fazer.

Nessas férias não pude quase ver meus primos e primas, pois eu não podia ficar sozinha com eles, nem longe de meus pais. Eu era literalmente vigiada 24 horas por dia, sem exagero. Quase não saía de casa, só para acompanhar meus pais. E minha irmã, coitada, não queria me deixar sozinha com eles e se privava de muitas coisas para estar comigo. Acho que, sem ela, eu teria enlouquecido.

Retornamos das férias, e eu permanecia trancada em casa, vigiada a todo segundo e sem ter como me comunicar com ninguém. Minha irmã iniciou um curso de pré-vestibular, pois ela havia feito uma prova e ganhado uma bolsa. E eu continuava em casa. Somente em março de 2013 eu pude sair sozinha: minha mãe estava trabalhando, e queria que eu fosse com ela até o Centro do Rio comprar uma roupa como presente pelo meu aniversário, que é em 14 de março; então no dia 13 minha avó me levou até o ponto de ônibus, me viu entrar no ônibus, avisou minha mãe, e ela me esperou na porta do Colégio e Curso Soeiro, onde ela trabalha desde 2001 até hoje (ela começou a trabalhar lá para que eu e minha irmã pudéssemos estudar com bolsa integral em um bom colégio; apesar de já ter sido muito humilhada diversas vezes pelos donos da escola, ela permaneceu no emprego por mim e Marcelle). Desci do ônibus, entrei na escola com ela para que ela pegasse suas coisas e fomos até o Centro; meu pai foi nos buscar de carro. No dia seguinte, para comemorar meu aniversário, meus pais chamaram alguns amigos deles, eu não pude chamar amigos meus; no máximo umas 15 pessoas apareceram, contando com meus familiares. Mas, minimamente, eu tivera algum contato com outras pessoas. No meu aniversário eles também liberaram que eu reativasse meu Facebook; porém, algumas condições e regras foram estabelecidas para isso: eles modificaram a senha, e não me disseram qual era, visto que eu só acessava a rede social quando eles permitiam e colocavam a senha; durante todo o acesso eu era monitorada por um dos dois; eles entravam no meu perfil com minha senha para

reler todas as mensagens que eu trocava; eles excluíram do meu Facebook todas as pessoas com quem eles não queriam que eu tivesse contato. E assim foi por meses.

Minha avó Dayse me disse uma vez que, conversando com Marcelle, ela havia falado que não aguentaria estar em meu lugar, ser eu, que ela se mataria se passasse por tudo o que eu estava passando, tudo que meus pais estavam fazendo comigo. Foi muito pesado.

Por volta de maio de 2013, já há mais de 6 meses vivendo dessa maneira, sendo privada de contatos sociais, meus pais decidiram que eu começaria a ir pra casa de uma prima de meu pai para ajudá-la a organizar seus negócios (ela é autônoma, e trabalha com vendas de diversos itens); comecei então a frequentar a casa dela semanalmente, e meus pais me deram um celular antigo para que eles pudessem se comunicar comigo no momento em que quisessem. Ela morava perto do local onde minha irmã fazia o cursinho pré-vestibular, então meu pai sempre me levava e me buscava, ou então eu voltava de ônibus com Marcelle. Em agosto se iniciou um projeto nessa instituição que Marcelle fazia o cursinho, com finalidade de treinar para a realização das provas da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio); esse projeto acontecia aos sábados, e meus pais me inscreveram, junto com minha irmã.

Em setembro deste mesmo ano, meus pais decidiram me colocar para trabalhar na escola de minha avó, pois assim a irmã mais velha de meu pai, Denise, junto a uma outra prima deles, poderiam me vigiar, visto que trabalhavam lá. Minha carteira foi assinada como inspetora de alunos, e eu também auxiliava a coordenação, secretaria e cheguei a ministrar aulas de Educação Artística para as séries do Fundamental I. Eu trabalhava meio período, e recebia metade de um salário mínimo da época.

Tendo feito a prova do Enem no final de 2013, em 2014 fui contemplada com uma bolsa de 50% do Programa Universidade Para Todos (ProUni), para uma vaga no curso de Enfermagem na Faculdade Gama e Souza; iniciei a graduação em fevereiro de 2014, finalizando apenas três períodos semestrais, visto que precisei sair do emprego para me dedicar mais aos estudos, e meus pais se recusaram a pagar o valor, que nem chegava a trezentos reais, da mensalidade do curso.

Em julho de 2013 eu já não aparecia mais na IBMP, e decidi começar a procurar outra igreja junto a meu pai; assim, começamos a visitar diversas igrejas batistas, e passamos a frequentar a igreja na qual minha avó Dayse era professora de EBD, a PIB de Vila da Penha. Todavia, eu não tinha contato com ninguém da igreja, pois não participava de nenhuma atividade do Grupo de Jovens, pois só ia pra igreja com meu pai e permanecia com ele a todo instante. Em novembro aconteceria um acampamento dos jovens da igreja, e foi este o primeiro

evento em que estive “só” depois de mais de 1 ano sendo vigiada a cada segundo de todos os dias – o uso das aspas se dá pelo fato de que meu pai pediu para que um primo meu e sua noiva, que também eram da PIBVP, me vigiassem durante todo o evento. Neste acampamento, de 14 a 17 de novembro de 2013, conheci Gabriel.

Um rapaz de 21 anos na época, extrovertido, falante, líder do *grupo dos jovens*, líder do *grupo de louvor da juventude*, simpático e brincalhão: este era o Gabriel. Ele me mandou uma mensagem no Whatsapp após retornarmos do acampamento, e assim começamos a conversar. Conhecendo-o um pouco mais, descobri também que ele tinha vontade de se tornar pastor e que sonhava em casar-se; dizia-se virgem, pois argumentava que só iria perder a virgindade depois do casamento. Resumindo, era o homem perfeito pra mim, segundo as expectativas de meus pais. A realidade, contudo, foi bem diferente.

Passsei cerca de 6 meses (de novembro de 2013 a abril de 2014) conversando com Gabriel até que meu pai permitisse que ele fosse até em casa pedir a permissão dele e de minha mãe para namorarmos. Para isso, meu pai disse que eu tinha a obrigação de contar ao Gabriel que eu não era mais virgem, senão eu estaria enganando-o; contei, e Gabriel não mudou de ideia com relação ao nosso namoro, como meu pai pensava que ocorreria. No dia em que ele foi em casa, meu pai disse a ele: “Você tem mesmo certeza de que quer namorar Isabelle? Vamos fazer assim: pense por mais uma semana, e se ao fim dessa semana você achar que realmente quer ficar com ela, volte aqui para conversarmos, e darei a permissão para que o relacionamento aconteça.”. Lembro que fiquei estarecida, sem acreditar que meu pai havia feito aquilo. Senti que ele me tratava como um lixo, indigna de me relacionar com Gabriel ou com qualquer rapaz. Senti-me literalmente um lixo. Humilhada. Mas permaneci quieta, ainda nas tentativas surreais e incessantes de reconquistar a confiança de meus pais.

Marcelle começou então a namorar com um amigo de Gabriel, que também era membro da PIBVP, Ramon. Meus pais não gostavam muito do rapaz, por ele ter um estilo de roqueiro e por ser cerca de 7 anos mais velho que Marcelle. E foi logo após o início do namoro deles que Marcelle teve sua segunda crise de depressão, dessa vez muito mais séria e intensa que a primeira. Ela não conseguia fazer nada, não conseguia mais ir para a faculdade (estava no início do curso de Letras – Português/Grego na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), só ficava na cama chorando, e quando meus pais tentavam se aproximar, ela me chamava. Quando eu perguntava o motivo pelo qual ela estava chorando, ela respondia, aos prantos, que não sabia. Foi uma época extremamente desesperadora.

O namoro com Gabriel não foi nada do que eu esperava que seria. Logo no início, com apenas 2 meses de relação, ele me traiu; me contou cerca de um mês depois do fato, e a partir

desse momento nossa relação se tornou muito ruim, com muita desconfiança, ciúmes e brigas, uma vez que eu decidi continuar o namoro tentando perdoa-lo, tanto por achar que gostava dele quanto por querer agradar a meus pais estando com um homem que era tudo o que eles queriam – mas nem tanto. Meus pais passaram a rejeita-lo, o que se tornou uma grande guerra entre nós. E foi a partir do ano de 2015 que tudo começou a se complicar ainda mais.

2.2 “SAI DO MEU CAMINHO, QUE EU SOU MAIS DE UMA”

“[...] vivo pela noite, sigo a lua.” (BARALDO, 2017)

No final de 2014 eu saí da casa de meus pais, e fui passar um tempo morando com minha avó. Nesse ponto a situação já estava insustentável, e as brigas em casa haviam se tornado rotina. Eu não conseguia mais ficar perto de meus pais. Acredito que foi apenas nesse momento, dois anos mais tarde de todo o ocorrido traumático da descoberta deles acerca da minha vida sexual, que tudo explodiu dentro de mim e eu percebi que não era capaz de oferecer a eles o que eles estavam me cobrando. Eu tinha minha vida, queria vive-la da minha maneira, mas ainda assim tentava obedecer a algumas de suas ordens, na esperança de ter uma boa relação com meus pais. Mas isso não aconteceu. Cheguei a voltar a morar com eles, mas passava mais tempo e mais noites na casa de minha avó, de amigos e de Gabriel, do que na de meus pais.

O ano de 2015 foi um tanto conturbado, devido aos embates constantes que eu e meus pais travávamos; eles não aceitavam que eu dormisse fora de casa, nem que eu saísse com Gabriel ou com meus amigos, mas mesmo assim eu fazia todas essas coisas. Precisei trancar a faculdade para trabalhar e pagar as mensalidades que fiquei devendo, então consegui um emprego como atendente de telemarketing novamente. Minha relação com Gabriel permanecia muito difícil, com desentendimentos diários e regada de desconfiança. A essa altura, o “santinho” virgem já não era mais virgem; mantínhamos uma vida sexual ativa desde o final do ano de 2014. No entanto, em julho de 2015 participamos juntos de um evento da *juventude* da PIBVP, chamado “*Encontro com Cristo*”, em que jovens passavam um final de semana no sítio da igreja participando de programações com objetivo de *converter-los*; uma ex namorada de Gabriel participara deste evento neste ano. Reencontrando-a, ele passou a dizer que tinha dúvidas sobre nossa relação, fez isso durante uma semana; no domingo, ficamos sozinhos na casa dele, e fizemos sexo, ele afirmando que me amava; fomos então ao aniversário de um amigo, e ele me apresentou a toda família desse amigo como sua futura esposa, a mulher com quem ele iria casar-se. Entretanto, ao chegarmos em minha casa no fim do dia, ele decidiu

terminar o namoro comigo, justificando-se com nossos desentendimentos e minha falta de confiança nele. Eu perdi 4 kg na primeira semana do término, só fazia chorar, não entendia e nem aceitava o rompimento. Ficamos um mês separados, e quando ele ficou com medo de me perder, pediu para voltarmos; e eu, tola, aceitei.

Ao rearmos o namoro, passamos por alguns problemas na igreja: uma colega que me ajudara muito no período em que Gabriel terminou comigo, inventou uma história para um rapaz que fazia parte do *grupo de louvor* conosco, o que gerou um grande transtorno. A situação foi levada para o pastor, mas não houve resolução dos problemas; com isso, ao enxergar de maneira nítida e evidente a hipocrisia dessas pessoas da igreja, parei de frequentar a PIBVP e qualquer outra igreja, e Gabriel também.

Chegamos a noivar, em março de 2016; logo depois saí de vez de casa. Passei a morar em uma *kitnet*, e adotei um *cãozinho*. Gabriel passou a ficar mais em minha casa do que na dele; mas nossa vida sexual já não era a mesma. O episódio do término após ter transado comigo criou um trauma tão profundo, que eu sentia dores absurdas no ato sexual, e com isso nós praticamente não fazíamos sexo. Descobri mais traições dele no decorrer do ano de 2016, e isso acabou com a relação para mim; ele, no entanto, se mostrava cada vez mais “apaixonado” e “dependente” de mim, o que me sufocava, uma vez que até mesmo o toque dele me causava repulsa. Assim, na primeira semana de janeiro de 2017, terminei o noivado; Gabriel basicamente teve um surto por conta da separação, e após muitas investidas e tentativas de reatar a relação por parte dele, nos afastamos definitivamente.

Ao começar a me relacionar com outro rapaz, ainda no início de 2017, passei a ter mais contato com uma parte do mundo que eu nunca antes tivera a chance de acessar: *candomblé* e *feminismo*. Muitas coisas da fé cristã que eu fora ensinada desde que nasci passaram a ser contestadas em minha mente na medida em que eu conhecia mais as religiões de matriz africanas. A ideia de que “tudo que é do mundo é do diabo”, por exemplo, se desfez em questão de segundos; participar de giras de Exus, Zé Pilintra e até de Caboclos me fez enxergar as religiões de forma totalmente diferente do que eu fora ensinada. A beleza das entidades em terra, sua sabedoria, os preceitos religiosos, o poder e força que possuem e passam, tudo isso só fez com que eu me encantasse mais a cada dia. O abraço de uma *Pombo Gira*, que tirou do meu peito a dor e angústia que se instalaram devido a uma mensagem recebida do meu pai me ofendendo, foi o que me ganhou. Me apaixonei por tudo relacionado às religiões de matriz africanas e comecei a estudá-las. Compreendi muito do que eu sou e dos sentidos da vida através dos conhecimentos que as religiões afro-brasileiras perpetuam.

Sobre o feminismo, acho que foi nesse momento, janeiro de 2017, que comecei a entender o que é ser mulher, o que é ser mulher no Brasil e as implicações do machismo nas vidas das mulheres diária e constantemente. Decidi parar de usar sutiã, por exemplo, que era algo que meu ex, Gabriel, me proibia; passei a usar roupas mais curtas sem me importar com julgamentos alheios, e a agir da maneira que me desse vontade, não me preocupando com o que a sociedade ou minha família poderiam vir a falar de mim. Meu primeiro contato foi com a história de Lélia Gonzalez, conheci uma sobrinha sua em um terreiro, e logo depois conheci Chimamanda Ngozi Adichie, ouvindo seu discurso que está descrito no livro “Sejamos todos feministas”, e lendo seu pequeno livro “Para educar crianças feministas”; assim tive acesso às questões relacionadas às construções sociais de gênero, e também de raça. Me aprofundei nos estudos feministas e isto também formou grande parte do que sou, permitiu que eu vislumbrasse facetas de minha personalidade e de meu ser, que me foram ocultos por toda a vida devido à formação cristã que recebera e ao machismo inculcado na sociedade. Alves e Pitanguy (2005), afirmam acerca do feminismo:

O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais. (ALVES; PITANGUY, 2005, p.7)

Enxerguei então toda a imersão em sistemas opressores em que sempre fui mantida; entendi (ou quase) as motivações que levaram meus pais a tomarem atitudes como as que tiveram; entendi todos os aspectos abusivos dos relacionamentos em que estive – embora não tenha conseguido fugir dos abusos na última relação hétero-normativa em que me encontrei.

Recordo-me de uma discussão que tive com minha tia Valéria, acerca do feminismo, na qual ela afirmou que considerava o feminismo “um atraso para as mulheres, pois antes mulheres não precisavam trabalhar, e agora é tudo diferente”; argumentei utilizando ela mesma como exemplo, uma mulher de 48 anos na época, independente financeira e emocionalmente, divorciada de um casamento que durou 20 anos e separada de uma relação de 5 anos, ambas relações abusivas. Mostrei a ela que, se não fossem as lutas feministas das mulheres que vieram antes de nós, hoje ela não poderia estar onde está, ser quem é.

Minha saída do Rio de Janeiro para a Bahia foi uma grande ruptura, mas que eu já considerava necessária há algum tempo. Eu planejava fazer a prova do Enem no final de 2017 e me inscrever para alguma universidade fora do Rio, no Ceará talvez. Contudo, tendo aberto

edital de vagas remanescentes para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, Bahia, eu me inscrevi e fui aprovada. Deste modo, decidi correr atrás do sonho de ter uma graduação. Lembrei-me das vezes em que minha mãe disse que “até minhas amigas, menos inteligentes que eu, haviam passado para faculdades públicas e eu não”, e isso só me deu força pra fazer o que eu sentia que era o correto e o melhor pra minha vida àquela altura. A UNILAB agregou muito em conhecimento e experiências de vida, e pude me conhecer um pouco mais a cada dia.

Eu nunca havia tido experiências homoafetivas; contudo, sempre soube dentro de mim que eu me sentia atraída por mulheres, assim como por homens. Em março de 2018, eu ainda estava num relacionamento com um homem – relacionamento este extremamente abusivo, no qual ele se comunicava e ficava com outras mulheres e me fazia acreditar que eu estava errada em cobrar respeito –; ao acessar o site Youtube, assisti um vídeo no canal da “Ju Giampaoli” chamado “Lésbica, bi ou hétero?”, vídeo gravado junto com a Luiza Junqueira do canal “Tá Querida”, em que elas abordam como tema principal a bissexualidade. No início do vídeo, Ju pergunta à Luiza: “quando você percebeu que não era hétero?”, e Luiza relata que, apesar de já ter havido momentos em sua adolescência em que ela se questionava se era lésbica, ela dizia a si mesma que gostava de alguns meninos, então concluía que era hétero. No decorrer do vídeo, Luiza afirma que, apesar de nunca ter se relacionado com mulheres e estar, na época, num relacionamento hétero-afetivo há 10 anos, se identificava enquanto uma mulher bissexual por reconhecer sua atração por mulheres. Foi a partir daí então, quando terminei de assistir esse vídeo, que eu compreendi que eu sou uma mulher bissexual, ainda que eu estivesse num relacionamento com um homem naquele momento.

Permaneci neste relacionamento abusivo por mais alguns meses, tendo que ouvir todos os dias que eu era uma pessoa ruim: “você acha que você é uma pessoa boa? Se enxergue. Você é uma pessoa ruim, se olhe no espelho e veja como você é.”; adoeci gravemente, entrando em depressão e agravando meu caso de transtorno de ansiedade generalizado, momento em que comecei a utilizar antidepressivos; tive problemas renais sérios; minhas crises de ansiedade e de pânico se intensificaram ainda mais. Em agosto de 2018, descobri mais uma traição, que fez com que eu terminasse a relação. Na época, mal sabia eu que era o melhor que poderia me acontecer, para que eu conseguisse finalmente fazer minha vida prosseguir.

Pouco tempo depois conheci Camila. Ficamos amigas, saímos juntas, bebemos juntas... e aquele sentimento da adolescência, de ter vontade mas não conhecer muito bem o que se está fazendo, tomou conta de mim. Mas foi Camila a dona das minhas melhores “primeiras vezes”,

ela foi o novo que me abriu ainda mais a mente. Nunca foi fácil, ela tem suas marcas e traumas individuais, mas ela permaneceu e permanece.

E eu sei que este é ainda apenas o começo.

3 SEXUALIDADE FEMININA: OPRESSÕES E REPRESSÕES

“Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas – tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalentar crianças – podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo.” (MEAD, 1950. p. 268)

O objetivo central deste capítulo é a abordagem da sexualidade da mulher e sua formação; para tanto, inicialmente irá se discorrer acerca da sexualidade humana numa visão psicanalítica freudiana, apontamentos de Foucault referente a história da sexualidade e a construção da heterossexualidade como norma de vida; a seguir, será abordada a dominação masculina e a subalternização da mulher com Bourdieu e Simone de Beauvoir, além de uma contextualização com as formas atuais de opressão. Finalizando o capítulo, uma análise acerca da construção e manutenção da moral sexual no Brasil é tecida, evidenciando as repressões e inferiorização da mulher no país.

Tomando por base, à princípio, as análises e conclusões que Margaret Mead agrega aos estudos de gênero e sexualidade ao descrever os modos de vida e de comportamentos de sociedades específicas da Nova Guiné, retratadas em sua obra *Sexo e Temperamento*, pode-se apontar fatores acusadores da realidade e solidez da construção ocidental das diferenças de gênero, que resultam também nas repressões sofridas pelas mulheres nos âmbitos sexual, social e psicológico, por exemplo.

Mead apresenta, inicialmente, as dicotomias desenvolvidas em diversos âmbitos da vida humana e do que a cerca, a fim de explicar como esses contrastes e mudanças cíclicas influenciaram a formação das civilizações e suas categorizações. Tais contraposições se fazem presentes entre sociedades distintas, uma vez que a visão singular de determinado grupo social dita os valores a serem seguidos, estabelecidos como regra. Dessa maneira, essa determinação exclusiva dos valores adotados por um grupo pode resultar na inclinação de indivíduos que nascem dentro desse contexto a esse limitado julgamento de valores, sem permitir que haja um pensamento crítico e imparcial da totalidade. A autora pontua as distinções entre homens e mulheres, constatando que estas diferenças de sexo são geradas por influência de imaginários humanos que muitas vezes fogem da realidade. Três grupos sociais não hegemônicos

culturalmente são estudados por ela, sendo estes os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli²⁹. É compreendido que essas sociedades elaboraram suas hierarquias de valores a partir de particularidades reais de cada sexo e suas diferenças explícitas, considerando que os papéis de cada sexo são outorgados distintamente em qualquer sociedade. Assim sendo, tanto nos Arapesh quanto nos Mundugumor não há uma hierarquia na qual um sexo se sobrepõe ao outro, ou seja, os temperamentos se equivalem entre homens e mulheres: nos Arapesh são formados homens e mulheres de caráter manso e flexível, e nos Mundugumor tanto homens quanto mulheres tem uma formação belicosa e insegura; já nos Tchambuli, entretanto, a situação é reversa à realidade do patriarcado estrutural e determinante nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, onde a mulher é quem domina, enquanto o homem é subjugado e tem uma relação de dependência com a mulher.

A partir dessa compreensão, pode-se concluir que as ações e padrões comportamentais que sociedades hegemonicamente ocidentais tornam caracterizadores e formadores do ser homem ou ser mulher não abarcam as complexidades das idiossincrasias de cada ser humano, uma vez que, através do estudo desses grupos não hegemônicos, a realidade apresentada contradiz essa certeza construída acerca dos temperamentos considerados naturais dos sexos. A conclusão geral a que Margaret chega é que o ser humano é maleável, adaptável ao meio e cultura em que nasce e é formado. Contudo, leva em conta que a constituição da natureza humana não é homogênea, o que faz com que diferenças temperamentais se apresentem nas diversas sociedades, não sendo essas divergências essencialmente sexuais. Concebe-se como “inadaptado” aquele que não se adequa aos padrões de determinado grupo, mas que expressa uma natureza contrária ao que lhe é imposto, identificando-se mais com os arquétipos considerados limitadamente próprios do sexo oposto ao seu natural. Esse fato faz-se oriundo das regras criadas acerca dos temperamentos e natureza dos sexos, que desde a infância e de maneira incisiva são impostas aos que nascem nessa sociedade, de modo a impossibilitar que uma criança possa expressar-se da forma como realmente é, sofrendo desde o início da vida grande influência da padronização social dos papéis de gênero previamente estabelecidos.

A partir da observação das conclusões dos estudos de Margaret Mead, é possível ampliar a visão crítica da formação dos papéis de gênero nas sociedades, compreendendo que diversos fatores influenciam o formato que cada sociedade constrói acerca dos papéis do homem e da mulher, inclusive os religiosos. Dessa forma, as desigualdades podem se constituir de diversos modos e a partir de diferentes perspectivas.

²⁹ Grupos localizados na Nova Guiné, estudados por Mead, no livro publicado em 1935.

Nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, como é o caso do Brasil, pode-se enxergar que as ideologias religiosas estão direta e intrinsecamente atreladas aos desenvolvimentos dos métodos e normas de formação social. Nesse sentido, tendo em vista o lugar de subalternização que a mulher é inserida conforme a moral cristã, as relações sociais se pautam sobre um panorama patriarcal, e se consolidam nas legislações e cidadania. Sendo assim, até mesmo as lutas feministas em prol da igualdade necessitariam de uma reavaliação, levando em conta que:

As mulheres querem ser cidadãs, mas a própria ideia de cidadania foi construída tomando como base a posição do homem (e, em particular, do homem branco e proprietário) numa sociedade marcada por desigualdades de gênero, bem como de raça e classe. (MIGUEL, 2014, p. 64)

Dessa maneira, todo o acervo de desigualdades e opressões que o Brasil reúne se fortalece e intensifica na medida em que não são efetivadas mudanças na base estrutural da sociedade brasileira, que se revela neste formato ocidentalizado, conservador e patriarcal. Assim, este modelo impõe e reforça as opressões contra as mulheres, de modo que se cria uma crença indubitável no imaginário popular brasileiro de que as distinções dos espaços sociais ocupados por homens e mulheres são justificadas biologicamente; com isso, evidencia-se também o histórico de repressão sexual feminina, devido a essas crenças populares. Faz-se necessário então compreender, inicialmente, de maneira nítida e mais aprofundada, a sexualidade em si, para se dar então prosseguimento às análises propostas nesta pesquisa.

3.1 COMO ASSIM ‘SEXUALIDADE’?

“Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada.” (FOUCAULT, 1988, p. 12)

Trazer um conceito específico do que é a sexualidade é uma tarefa muito complexa, visto que são diversas as visões, definições e ideias sobre esta. Assim, esta pesquisa atém-se, à princípio, a um conceito psicanalítico freudiano, detalhado por Paulo Bearzoti (1994) em seu artigo “Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano”. Bearzoti pontua em seu texto trechos encontrados na “Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud”, que revelam as ideias de Freud acerca da sexualidade humana. Bearzoti analisa falas de Freud que amplificam o sentido de sexualidade, “aquém e além do ato sexual”

(p. 3), especificamente destacando tais aspectos: “um modelo energético para o aparelho mental” (p. 3); “o organismo possui recursos para identificar e corrigir essas variações do meio interno, [...] Na criança, a sexualidade está ligada instintivamente a várias funções vitais e à autopreservação” (p.3); “A sexualidade sofre flutuações quantitativas quando ocorrem variações da excitação sexual [...], da tensão sexual e do pré-prazer” (p.3); “o potencial de cada indivíduo só se desenvolve adequadamente se ele estiver em um meio social ao lado da mesma espécie com os quais possa manter vínculos e relacionamentos, estimulando e sendo estimulado [...]; laços libidinais são o que caracterizam um grupo” (p.4); “fases pré-genitais das manifestações da libido na criança: a oral, a sádico-anal, a fálica e a de latência” (p. 4); “o desenvolvimento da sexualidade infantil atinge sua plenitude na genitalidade” (p. 4); “o termo erotismo engloba a excitação sexual como um todo e, em especial, aquela proveniente das zonas erógenas” (p. 4); “é a procriação que, por sua vez, garante a preservação da espécie” (p. 4); “é muito profunda a vinculação entre os afetos e a sexualidade (p. 5); “a sexualidade é passível de variações qualitativas” (p. 5); “deslocar a libido *objetai*³⁰ desviando-a de sua finalidade original, que é a satisfação sexual, para outros objetivos não sexuais: é a sublimação” (p. 5); “A psicanálise propõe que os eventos mentais são regulados pelo princípio do prazer e, por isso mesmo, em seu curso, buscam atingi-lo” (p. 5).

Por fim, levando em conta todos os aspectos supracitados, o autor chega a seguinte definição da sexualidade humana: “*é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação.*” (BEARZOTI, 1994, p. 5, grifo do autor).

A abordagem do tema “sexualidade” ainda é um grande **tabu** na atualidade, em se tratando da realidade social comum do Brasil. Contudo, Michel Foucault já vêm problematizando essa questão há algum tempo; em sua obra “História da sexualidade I: A vontade de saber”, o autor destaca que sua intenção ao refutar a “hipótese da repressão do sexo” não é negá-la em si, nem tampouco afirmar que a proibição do sexo não existiu desde a época clássica, mas sim reforçar “que a ilusão está em fazer dessa interdição [do sexo] o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna” (FOUCAULT, 1988, p. 17). Neste contexto, o autor assume que a relação entre o sexo e o poder é sim repressiva (muito embora, em sua visão, não seja este o fator determinante do que é o sexo e de como ele é tido nas sociedades):

³⁰ “Quando a libido do ego é deslocada para os objetos sexuais eles se tornam investidos de energia libidinosa e, nessas condições, a libido do ego se torna objetai (VII: 223-224)”. (BEARZOTI, 1994, p. 2)

Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os “interesses” discursivos que a sustentam. (FOUCAULT, 1988, p. 13-14)

Ao tratar da “hipótese repressiva”, Foucault pontua inicialmente a questão da necessidade de confissões de *pecados sexuais*, imposta pelas instituições religiosas; isso acabaria influenciando para que o sexo tenha sido colocado em pauta, iniciando-se assim o que ele chama de “colocação do sexo em discurso”. Ele afirma:

O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito. Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular; pois que é um mal que atinge todo o homem e sob as mais secretas formas [...]. (FOUCAULT, 1988, p.23)

Permanece assim a nitidez da influência que a igreja impõe às sociedades historicamente, de maneira não apenas moral, como também adentrando as áreas jurídica e da medicina. Foucault vem salientando no decorrer de seu livro estes aspectos, destacando, por exemplo, a questão da homossexualidade: ele chama de “caça às sexualidades periféricas” (1988, p. 43) o fator que compõe a noção de atos homoafetivos enquanto **perversões** e a violenta definição de que estes são uma nova espécie de indivíduos. Segundo ele, no homossexual, a sexualidade se faz presente em todos os aspectos de sua vida e seu ser. Ele ressalta: “A homossexualidade apareceu como uma das grandes figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma.” (1988, p. 43-44). O autor reforça que: “A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram condutas.” (1988, p. 48). Assim, evidencia-se o embasamento nas morais cristãs que são incutidas nas sociedades, de modo que estas regem as formações das leis, bem como as noções obtidas pela medicina, que servem de apoio para que as repressões sexuais estejam presentes nas sociedades.

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o

“contra-a-natureza” era marcado por uma abominação particular. Mas era percebido apenas como uma forma extrema do “contra-a-lei”; também infringia decretos tão sagrados como os do casamento e estabelecidos para reger a ordem das coisas e dos seres. As proibições relativas ao sexo eram, fundamentalmente, de natureza jurídica. A “natureza”, em que às vezes se apoiavam, era ainda uma espécie de direito. Durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção. (FOUCAULT, 1988, p.38-39)

Neste contexto, é possível então verificar a presença do poder imposto pela heterossexualidade, sendo esta imposta como um regime de verdade, “uma forma de regulação social das populações” (POCAHY, 2017, p. 53). Berenice Bento define como “heteroterrorismo” (2017, p. 198) a onda de repressões que se manifestam a partir das normas heterossexuais da sociedade que fazem com que tudo o que não se encaixe neste padrão, seja excomungado. Assim, com o poder exercido pela heterossexualidade nas realidades sociais da população brasileira, torna-se difícil enxergar naturalmente que existem outras formas de se viver a sexualidade; o padrão heterossexual é tecido social e epistemologicamente em bases racistas, sexistas, idadistas e classistas (POCAHY, 2017, p. 51), o que o torna excludente e regulador de normas de como se deve agir em sociedade e na vida privada. Dessa maneira, violentas formas de repressão se instauram e fortalecem nos padrões sociais do país.

Muitas vezes sinônimo da política do medo e do terror, a heterossexualidade, considerada única expressão possível e praticável produz efeitos de exclusão e violência para garantir sua suposta estabilidade, naturalidade e seus privilégios. “Os outros” são todos(as) aqueles(as) que se constituem no avesso da norma hegemônica, geralmente passam a ser representados como restos humanos – doença, sujeira e aberração, entre outras formas de desqualificação, vigilância e tutela. Tudo o que não se alinha à heterossexualidade dita “normal” – considerando-se aqui uma outra ficção: a de que todas as pessoas que experimentam desejos por pessoas do sexo oposto deveriam consumir seus desejos dentro de padrões determinados – é percebido como desvio, transtorno e, sobretudo, uma ameaça aos privilégios de um regime político fascista. (POCAHY, 2017. p. 51)

Todas as repressões se tornam ainda mais evidentes quando se faz um recorte para o sexo feminino. O poder da heterossexualidade, em sua forma padronizada de apresentar-se na sociedade, possibilita que os meios de dominação e subalternização da mulher se solidifiquem; iniciar-se-á, assim, este recorte, a fim de que sejam expostas tais opressões direcionadas ao público feminino.

3.2 SEXUALIDADE DA MULHER: DOMINAÇÃO E SUBALTERNIZAÇÃO

“A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la.” (BEAUVOIR, 1980, p. 25)

Se o tema sexualidade é um tabu na sociedade, abordar a **sexualidade feminina** se mostra ainda mais complicado, escuso e obscuro. A repressão sexual une-se ao machismo, o que forma uma repressão sexual direcionada para as mulheres, violenta, intensa, e até mesmo maldosa; isto nada mais é do que fruto do que Margaret Mead apresenta em sua obra supracitada, uma construção social de como deve ser o temperamento de um homem e de uma mulher, a partir das distinções biológicas. Contudo, também desmistificando essa ideia, Simone de Beauvoir, no primeiro volume de seu livro “O Segundo Sexo” (1980), diz que “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade.” (p. 59).

Beauvoir vem então tecendo críticas ao conceito psicanalítico freudiano anteriormente expresso; em sua visão, o destino da mulher não foi tido como algo tão importante para Freud: segundo ele, o desenvolvimento da libido seria igual nos dois sexos, iniciado na infância, passando a criança pela fase oral (seio materno), em seguida pela fase anal, e atingindo depois a fase genital, que é o momento em que os desenvolvimentos se diferenciam, pois Freud afirma que o erotismo masculino se concentra no pênis, enquanto a mulher possui dois sistemas eróticos, sendo eles o clitoridiano (que se desenvolve ainda na infância) e o vaginal (após a puberdade). Com isso, a crítica de Beauvoir se concentra na questão que Freud não aborda com a intensidade e o detalhamento necessários o fato de que, enquanto para o homem existe apenas uma etapa genital, há duas etapas para a mulher, de modo que “ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses” (1980, p. 61).

Neste contexto, a complexidade da sexualidade feminina permanece sendo invisibilizada até os dias atuais, visto que, na educação escolar, não se tem o acesso necessário a estudos sobre o corpo feminino (tratando detalhadamente do sistema reprodutor e dos pontos erógenos), bem como a masturbação feminina ainda é tida como um ato *impuro*, e nem mesmo os homens conhecem a anatomia feminina para proporcionar prazer às suas parceiras (heteronormativamente falando); e assim – mas não apenas nestes aspectos –, as mulheres permanecem em uma posição de subalternidade e submissão, “graças” ao que se entende, segundo Bourdieu, enquanto dominação masculina.

O próprio ato de se pensar a dominação masculina já se dá dentro de um molde de pensamento resultante da dominação. Bourdieu aborda o androcentrismo, salientando como as ações e pensamentos das pessoas são guiados por este sentimento intrínseco da dominação masculina, do machismo em si. O poder do falo, a predominância do homem, a superioridade masculina, são pontos estruturais da sociedade ocidental hegemônica.

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p. 4)

Essa dominação masculina pode ser encontrada, indubitavelmente, dentro do espaço domiciliar. Nas relações conjugais heteroafetivas, há uma construção social historicamente ocidentalizada na qual dimensões do patriarcalismo imperam: a mulher é tida como a “rainha do lar”, o que, na realidade, não passa de uma estratégia de dominação, no que tange ao fato de que, dessa maneira, é vetado à mulher uma vida exterior ao ambiente domiciliar e familiar. Cria-se uma noção de que, enquanto a mulher pertence ao ambiente interno, ao homem cabe a responsabilidade de ser o provedor, sendo direcionado ao externo: “O espaço doméstico, espaço fechado, com um teto (protegido), tem, para os gregos, uma conotação feminina. O espaço de fora, do exterior, tem conotação masculina. A mulher está em casa em seu domínio. Aí é o seu lugar; em princípio, ela não deve sair” (VERNANT, 1990, p. 157-158 apud BITTENCOURT, 2017, p. 76). Dessa maneira, é indicada, de maneira evidente porém subliminar, a condição de submissão da mulher ao seu marido, ao passo que sua vida se restringe à regência de seu lar. Em contrapartida, ao marido cabe não apenas o papel de provedor do lar, mas também de estabelecer a ordem e, para além, de formar a mulher, de modo que esta se empenhe em manter a ordem da casa nos períodos de ausência do marido: “A formação da esposa, ao contrário da formação do homem de bem, não é um exercício de si. Cabe ao marido formá-la, e é seu mérito que a mulher demonstre virtude. A arte de bem formar a co-gestora dos bens da casa faz parte, pois, do papel ativo do “homem de bem”” (ANDRADE, 2001, p. 150 apud BITTENCOURT, 2017, p. 75).

As distinções biológicas entre homens e mulheres sempre foram utilizadas como argumento para tais divisões de papéis no ambiente domiciliar, numa hierarquização sexual que silencia as mulheres e se torna algo natural na medida em que se estabelece na estruturação das

sociedades ocidentalizadas, numa crença de que a figura de “deus” determinou tais dicotomias porquanto a mulher é mais fraca e frágil que o homem:

Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher, para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem, para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, penso eu, por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa. (XENOFONTE, 1999, p. 38 apud BITTENCOURT, 2017, p. 75-76)

Nesse sentido, há também uma opressão no tocante ao fato que, se a mulher não se cala frente aos aspectos da dominação masculina, mas, pelo contrário, se manifesta em oposição às situações de submissão a que é imposta, ela é tida como *rebelde*, como uma mulher que não honra seu marido, não o respeita, o que faz com que ela seja excluída socialmente, visto que não se encaixa nos padrões pré-estabelecidos por “deus” e acatados pela sociedade. Com isso, enquanto se concebe popularmente que o trabalho dignifica o homem, para que a mulher seja considerada digna é necessário que ela seja submissa e subserviente:

A mulher digna que honra o nome do marido é aquela que não deseja suprimir essa diferenciação radical, mas que de bom grado se submete ao seu crivo normativo, ou ao menos não deixa transparecer qualquer insatisfação com essa situação e assim absorve a opressão patriarcal como um fato natural que organiza de maneira justa e conveniente as relações entre os sexos. Eis assim a instauração de uma pedagogia do silêncio sobre a subjetividade da mulher. A naturalização do poder falocêntrico suprime toda percepção de historicidade e noção de construção social dessa relação autoritária de dominação moral. (BITTENCOURT, 2017, p. 76)

Com isso, os aspectos biológicos, religiosos e matrimoniais unem-se, de forma que as dicotomias entre os sexos se acentuam: “[...] o sustentáculo religioso pregava que o casamento não apagaria as diferenças entre ambos, uma vez que a mulher, entregadora do pecado, sempre seria inferior, tendo que aguentar, como punição, a dor do parto e, ao se casar, a dominação de seu marido.” (CABRAL; COSTA, 2015, p. 4). Colocando a mulher nesta posição de pecadora e responsável pela inserção do pecado no mundo, torna-se facilitada a imposição da ideia de que a mulher deve sofrer e ser submissa à figura do marido, então a Igreja manipula as mentes através deste preâmbulo, utilizando-se da premissa de que esta é a “*vontade de Deus*”.

A subalternização da mulher pode ser enxergada também em âmbitos econômicos, como a diferença salarial entre os sexos para um mesmo cargo, por exemplo, nos preços baixos para presença de mulheres em eventos, festas e “baladas”, a fim de que haja um quantitativo elevado do sexo feminino, com intuito de sexualização do corpo feminino, uma chamada de marketing,

para que mais homens se interessem pelo evento em questão (CABRAL; COSTA, 2015, p. 10) e, para além, no que se compreende por ditadura da beleza:

O investimento de tempo e de recursos financeiros na aparência expõe a permanência de padrões desiguais de gênero. As expectativas sociais de que o investimento na autoapresentação seja prioritário são dirigidas às mulheres, não aos homens. Em seguida, o maior ou menor sucesso nos resultados dos esforços para aproximar-se dos padrões vigentes de beleza é mobilizado em julgamentos que têm efeito nas oportunidades das mulheres, na construção de suas carreiras. Assim, a ideologia da beleza colabora para convencer as mulheres de que elas têm pouco controle sobre a própria vida e poucas opções, numa dinâmica em que os ambientes de trabalho “as recompensam indiretamente como se estivessem vendendo seus corpos”, enquanto as limitam a empregos nas áreas tradicionalmente definidas como femininas, a empregos de salto alto e *status* baixo. (BIROLI, 2014, p. 117-118, grifo do autor)

A opressão violenta instituída através desta ditadura da beleza é, na maioria das vezes, sutil, imperceptível para as mulheres que buscam incessantemente se enquadrar: ela se posiciona de forma subliminar, impondo ao gênero feminino determinados padrões de beleza que foram formulados a partir de uma perspectiva que visa agradar ao gosto do homem. “As imagens da beleza são utilizadas contra as mulheres.” (WOLF, 1991 apud BIROLI, 2014, p. 116): com esta assertiva, exprime-se a opressão causada por tal ditadura. Uma busca incessante por aceitação, pela formação de uma identidade a partir da adequação a estes padrões de beleza, busca pelo enquadramento em estereótipos específicos do que é ser bonita, são fatores causadores de sofrimentos e baixa autoestima feminina pelo fato de, muitas das vezes (na maioria), estes padrões não serem alcançados.

Visto tudo isto, torna-se inegável o vínculo presente e intrínseco entre a dominação masculina e a subalternização feminina.

3.3 MORAL SEXUAL NO BRASIL: SÓ VALE PRA MULHER

“Se usa decote: é puta, e se a saia tá curta: é puta, e se dá no primeiro encontro: é puta; se raspa o cabelo: é sapa, e se deixa crescer os pelos: é zoada; se tem pau entre as pernas é trava, mas se bota salto alto é santa; e se usa 44 é gorda, mas se usa 38, é muito magra. Se sai depois das onze, vai voltar arrombada, porque ela pediu, né? Tava na cara! Olha a roupa que ela saiu de casa! E todo discurso machista continua: “Menina, você devia usar uma roupa menos curta!”” (MONTEIRO, 2017)

Muito embora o Brasil se autodeclare um país laico, é possível enxergar nas entrelinhas uma moral sexual constituinte de uma conotação religiosa, que foi construída historicamente

com base nos dogmas do cristianismo, numa tentativa de exercer controle sobre a sexualidade da sociedade. De acordo com a Igreja Católica, o ato sexual deveria ocorrer apenas com o intuito de procriação, o que é contestado por Freud quando ele afirma que a principal função da sexualidade está ancorada no prazer individual, e não na reprodução. Assim, as interações da sexualidade só poderiam ocorrer dentro do matrimônio, espaço que ainda assim é regido por regras de como agir em relação ao sexo. Assim, o casamento nada mais é do que a **legalização do sexo**.

Mesmo que a realidade atual de como a sexualidade é enxergada pela sociedade tenha “evoluído” no tocante à questão do ato sexual pelo prazer, ainda é possível verificar aspectos da “dupla moral” acusada por Freud em 1908:

Freud enfatiza e critica uma questão importante do ponto de vista feminista, que é a chamada “dupla moral”, pois em 1908 enquanto havia uma grande leniência com relação ao comportamento sexual dos homens, havia um implacável controle da sexualidade feminina. Formalmente a sexualidade deveria se ater ao casamento, mais os homens tinham direito a uma vida sexual paralela, o que era impensável para as mulheres. (TELLES, 2014, p. 7)

Ainda hoje impera sobre o Brasil uma “*onda conservadora*” (ALMEIDA, 2017) que faz com que as relações entre os gêneros permaneçam hierárquicas, onde a moral sexual, mesmo que um tanto quanto mais branda, se apresente de uma maneira para os homens, e de outra para as mulheres. Enquanto para o homem é status ‘pegar’/se relacionar com várias mulheres, se uma mulher tem o mesmo proceder, ela é tida como uma mulher ‘fácil’, que ‘não é pra casar’; enquanto os homens se vestem da forma que querem, andam sem camisa nas ruas e se comportam de maneiras consideradas vulgares, as mulheres precisam tomar cuidado com a ‘imagem’ que suas vestimentas e seus comportamentos vão passar para a sociedade, além do medo constante de ser estuprada e ainda ser culpabilizada, com a justificativa de que suas roupas eram ‘provocantes’; enquanto homens são criados no âmbito familiar sem aprender a cuidar da casa ou fazer comida, as mulheres têm o dever de aprende-los desde novas, para prepararem-se para o casamento e terem a capacidade de cuidar de seus maridos e filhos(as); enquanto os homens engravidam mulheres e as abandonam com seus filhos, as mulheres são consideradas criminosas e socialmente julgadas como ‘sem coração’ se tem vontade de abortar; enquanto homens dizem sem medo que nunca irão ter filhos, quando uma mulher o diz/faz ela é tida como contra a sua natureza, como incompleta. A dominação masculina, a supremacia falocêntrica e a herança do patriarcado se mostram presentes no cotidiano da sociedade

brasileira a partir destes aspectos, em que ainda há uma relação de poder do homem sobre a mulher.

A exaltação e valorização da virgindade é, nos dias atuais, direcionada apenas às mulheres: o menino precisa, ao atingir a puberdade, se tornar homem (através do sexo), e muitas vezes é até mesmo levado pelo pai à prostíbulos para ‘acabar com essa situação’ de uma maneira compreendida como mais simples; já a mulher, ela permanece no imaginário de que deve casar-se pura e inocente, praticamente uma infantilização da figura feminina – assim como as depilações da região pubiana, quanto mais lisinha, mais parecida com o órgão sexual de uma criança, maior o fetiche masculino, da “defloração” de uma moça, de ser seu primeiro e único homem. Dessa maneira, o corpo da mulher continua sendo tratado como propriedade, e ainda mais grave, como propriedade do homem. Ao marido deve pertencer a virgindade, o tempo, o desgaste, todo o corpo e a vida da mulher. O sexo deve ser feito no momento em que o marido tem vontade, ainda que a mulher não queira e seja forçado (estupro).

A luta pelo direito ao aborto, pela tipificação do crime de estupro dentro do casamento, contra o duplo padrão da moral sexual, pelo direito à busca pelo prazer ou contra a objetificação das mulheres são diferentes facetas da compreensão básica de que cada mulher deve controlar o próprio corpo. (MIGUEL, 2014, p. 67)

Mas enquanto a realidade da sociedade brasileira permanece mergulhada num mar de valores morais regidos pelo cristianismo, numa estrutura hierárquica patriarcal, conservadora e falocêntrica, as lutas femininas e feministas por igualdade e mudanças estruturais precisam se fortalecer e intensificar, crescendo gradativamente, para que seja possível alcançar o ideal que se almeja: que as mulheres sejam donas de si, sem que os homens sequer pensem que têm direitos sobre os corpos e as vidas das mulheres.

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes - agora - o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.

Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo. (EVARISTO, 2008)

4 MULHERES SOB A LUZ DA BÍBLIA E DOCTRINA BATISTA

“A Igreja é um lugar de formação e influência sobre indivíduos que passam a agir socialmente.” (BERGESCH, 2006. p. 114.)

Este capítulo tem por finalidade, à princípio, abordar a interligação entre igreja e sociedade, no que se refere à questão da moral sexual. Seguindo, uma vez que, para os cristãos, a Bíblia é tida como um livro escrito por homens “inspirados por Deus”, e de interpretação individual, serão tecidas análises críticas de alguns trechos bíblicos que abordam a sexualidade humana e a posição em que a mulher é colocada, com passagens bíblicas selecionadas de maneira criteriosa e particularmente ligadas aos temas abordados. Por conseguinte, dedicar-se-á a uma análise do conteúdo da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, com o intuito de tecer observações acerca dos moldes adotados para a construção deste estatuto, levando em conta o objetivo desta pesquisa que se atém a verificar os impactos que a ideologia cristã evangélica, especificamente batista, inferiu sobre a constituição da sexualidade da mulher ao passar dos anos em que essa denominação evangélica permeia a sociedade brasileira. Por fim, serão salientados os espaços ocupados pelas mulheres nos contextos religiosos, domiciliares e sociais, levando em conta as imposições da cultura de silenciamento e omissão inculcadas na sociedade pelas igrejas, e que acabam por acarretar em uma crença infundada de que deve-se passar pelos sofrimentos para que se possa alcançar a glória merecida.

Não é exatamente um problema a igreja ter um “*Manual de Fé e Prática*” (como meu pai sempre se referiu à Bíblia, num contexto doutrinário cristão-batista) e segui-la tanto em sua vida particular como em âmbitos sociais; o problema se estabelece a partir do momento em que os religiosos passam a exigir que este “manual” seja referência para todos, inclusive os que não compartilham de sua fé. É nesta condição que os processos coloniais no Brasil, dos quais a igreja teve forte participação, formaram, dentre muitas características tidas como sociais, a chamada *moral sexual*. Contudo, a interligação entre as ideologias cristãs e a formação das morais que imperam na sociedade brasileira se manifesta, muitas das vezes, de forma violenta:

Os valores religiosos atuam com grande força no plano simbólico e subjetivo. “A inferiorização das mulheres veiculada por discursos religiosos é uma forma de violência simbólica, implementada através de representações sociais.” (TOMITA, 2004) Um exemplo que está configurado e sustentado nos valores religiosos é o modelo tradicional da configuração familiar patriarcal, com relações heterossexuais, chefias masculinas e submissão dos filhos e filhas e da mulher ao pai e marido. (KROB, 2014. p. 210.)

Tendo isto em vista, é facilitado um olhar mais atento e crítico sobre as formas de influência dos dogmatismos religiosos na sociedade, compreendendo que esta relação ativa um aspecto em que não ocorre apenas a invisibilidade da mulher, mas ultrapassa esse prisma, incorporando diversos tipos de violência inculcados contra o gênero em questão. Tal situação sai do estrito âmbito religioso, recaindo nas relações interpessoais sociais, ou seja, a mulher não deve ser submissa apenas nas igrejas, mas fora delas, em qualquer lugar ou situação; a posição subalterna e inferior da mulher deve ser total e plena, presente durante toda sua vida em todos os aspectos que a rodeiem, seja na igreja, no ambiente doméstico e nas relações sociais (como trabalho).

Quando a religião ensina que as mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência. (KROB, 2014. p. 211.)

É constatado então que a perpetuação da ideologia cristã de submissão da mulher nas esferas sociais acarreta na manutenção da determinação do papel que o gênero feminino poderá exercer perante a sociedade. Ou seja, tal papel é definido sob a influência do que a igreja dita acerca deste ponto, agregando também à questão da sexualidade. A repressão sexual da mulher está ancorada na dupla moral sexual que permeia as relações sociais no Brasil, e que é herança dos mandamentos e ideais que a igreja impôs historicamente à sociedade, tomando por base a dominação do homem e a posição subalterna da mulher. Neste contexto, violências simbólicas e institucionais se fazem presentes nos cotidianos das mulheres.

4.1 SEDE SUBMISSAS!

“Semelhantemente vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos” (BÍBLIA, 1 Pedro 3, 1)

A Bíblia retrata, a partir das descrições que se estabelecem desde os tempos primórdios, como a figura compreendida por “Deus” orienta seu povo (Israel) a como agir, não apenas dentro de sua fé com seus sacrifícios em busca de perdão e salvação da alma, mas também lhes inculcando regras de convivência social. A ordem entre o povo era mantida de acordo com os mandamentos desse “Deus” – atenho-me aos 10 Mandamentos descritos no livro de Êxodo, capítulo 20 –, e, mais além, por regrinhas práticas que são descritas no decorrer de todos os

livros bíblicos. O aspecto da sexualidade é tratado desde o Antigo Testamento, no qual, no livro de Levíticos, são apresentadas especificações (que são ditas terem sido ordenadas por “Deus”) que tem o intuito de direcionar as ações das pessoas no que diz respeito às relações sexuais:

6. Nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne para descobrir a sua nudez. Eu sou o Senhor.
7. Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe; ela é tua mãe, não descobrirás a sua nudez.
8. Não descobrirás a nudez da mulher de teu pai; é nudez de teu pai.
9. A nudez de tua irmã, filha de teu pai ou filha de tua mãe, nascida em casa ou fora da casa, a sua nudez não descobrirás.
10. A nudez da filha do teu filho ou da filha da tua filha, a sua nudez não descobrirás, porque é tua nudez.
11. A nudez da filha da mulher de teu pai, gerada de teu pai (ela é tua irmã), a sua nudez não descobrirás.
12. A nudez da irmã de teu pai não descobrirás; ela é parenta de teu pai.
13. A nudez da irmã de tua mãe não descobrirás, pois ela é parenta de tua mãe.
14. A nudez do irmão de teu pai não descobrirás; não te chegarás à sua mulher; ela é tua tia.
15. A nudez de tua nora não descobrirás; ela é mulher de teu filho; não descobrirás a sua nudez.
16. A nudez da mulher de teu irmão não descobrirás; é a nudez de teu irmão.
17. A nudez de uma mulher e de sua filha não descobrirás; não tomarás a filha de seu filho, nem a filha de sua filha, para descobrir a sua nudez; parentas são: maldade é.
18. E não tomarás uma mulher com sua irmã, para afligi-la, descobrindo a sua nudez com ela na sua vida.
19. E não te chegarás à mulher durante a separação da sua imundícia, para descobrir a sua nudez,
20. nem te deitarás com a mulher de teu próximo para cópula, para te contaminares com ela.
21. E da tua semente não darás para a fazer passar pelo fogo perante Moloque; e não profanarás o nome de teu Deus. Eu sou o Senhor.
22. Com varão não te deitarás, como se fosse mulher: abominação é;
23. nem te deitarás com um animal, para te contaminares com ele; nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele: confusão é.
24. Com nenhuma dessas coisas vos contamineis, porque em todas essas coisas se contaminaram as gentes que eu lanço fora de diante da vossa face.
25. Pelo que a terra está contaminada; e eu visitarei sobre ela a sua iniquidade, e a terra vomitará os seus moradores.
26. Porém vós guardareis os meus estatutos e os meus juízos, e nenhuma dessas abominações fareis nem o natural, nem o estrangeiro que peregrina entre vós;
27. porque todas estas abominações fizeram os homens desta terra, que nela estavam antes de vós; e a terra foi contaminada.
28. Para que a terra não vos vomite, havendo-a vós contaminado, como vomitou a gente que nela estava antes de vós.
29. Porém qualquer que fizer alguma dessas abominações, as almas que as fizerem serão extirpadas do seu povo.
30. Portanto, guardareis o meu mandamento, não fazendo nenhum dos estatutos abomináveis que se fizeram antes de vós, e não vos contamineis com eles. Eu sou o Senhor, vosso Deus. (BÍBLIA, Levítico 18, 6-30)

Neste contexto, pode-se destacar como principais temáticas abordadas a aversão às relações incestuosas, ao adultério, às relações homossexuais e à zoofilia, sendo todos estes aspectos considerados “contaminadores” e dignos de exclusão social. A poligamia, entretanto,

era ainda considerada prática normal, longe de julgamentos. Assim, conjunturas sociais de formação de uma moral sexual são encontradas nessas narrativas bíblicas desde o início dos processos de povoação do mundo.

Já adentrando o Novo Testamento, escrito após a vinda de Jesus ao mundo, pode-se verificar como que uma atualização dos assuntos referentes ao sexo e sexualidade já abordados no Antigo Testamento. Nesta união, surgem outros pontos que são devidamente ressaltados no decorrer dos livros de diferentes autorias. Os tratamentos dados aos que desobedeciam às ordenanças impostas pela moral de que só se praticaria o sexo após o casamento, por exemplo, são um tanto quanto impiedosos e violentos, de acordo com Paulo em sua carta à igreja de Corinto:

1. Geralmente, se ouve que há entre vós fornicção e fornicção tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai.
2. Estais inchados e nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação.
3. Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou,
4. em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo,
5. seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus. (BÍBLIA, 1 Coríntios 5, 1-5)

A fornicção, ato sexual fora do casamento, seria considerada imperdoável, porquanto violaria a santidade e pureza do corpo, que deve pertencer a “Deus”. Prostituição e imoralidades sexuais (tidas como sinônimos nas passagens bíblicas) também são fortemente criticadas por Paulo:

15. Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo.
16. Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne.
17. Mas, o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito.
18. Fugi da prostituição. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo. (BÍBLIA, 1 Coríntios 6, 15-18)

Ainda, a Bíblia retrata que qualquer desobediência às regras pré-estabelecidas por esse conceitos e dogmatismos cristãos são passíveis de condenação eterna, de modo que é declarado que, os que agem de maneira imprópria segundo seus ensinamentos, não poderão usufruir da glória de “Deus” no que chamam de “vida eterna” no chamado “paraíso”/Reino de Deus/Reino dos Céus:

- 19.** Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia,
20. idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias,
21. invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. (BÍBLIA, Gálatas 5, 19-21)

Adentrando então os contextos das relações de gênero, sexualidade e do papel da mulher, as narrativas bíblicas englobam conjuntos de ordenanças, regras e modos de vida que foram escritos em épocas e contextos socioculturais nos quais é evidente o domínio de um sistema patriarcal, visto que as mulheres eram, por exemplo, silenciadas, não eram contabilizadas em situações de agrupamentos sociais e recebiam uma prescrição de vida com a única finalidade de agradar aos homens e estarem em posição de submissão a eles.

- 2.** Exorta os velhos a que sejam temperantes, sérios, sóbrios, são na fé, no amor, e na constância;
3. as mulheres idosas, semelhantemente, que sejam reverentes no seu viver, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras do bem,
4. para que ensinem as mulheres novas a amarem aos seus maridos e filhos,
5. a serem moderadas, castas, operosas donas de casa, bondosas, submissas a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada. (BÍBLIA, Tito 2, 2-5)

Nessa passagem, é possível notar a posição que era delegada às mulheres para que fossem consideradas dignas: que vivessem de maneira que se considera íntegra, a fim de serem exemplos para mulheres mais novas de amor ao marido e aos filhos, atendo-se estritamente ao ambiente domiciliar/familiar; é perceptível o condicionamento da mulher ao papel de responsável pelo bem-estar e bom andamento do lar, sendo então impedidas de adentrar e se estabelecer em qualquer outra esfera social. Com isso, ingressa-se num contexto de como esta relação da mulher com o lar deve se estabelecer de acordo com as normas de convivência com seus maridos e como se portar e apresentar perante a sociedade:

- 22.** Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor;
23. porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.
24. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido. (BÍBLIA, Efésios 5, 22-24)

E também:

- 1.** Semelhantemente vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos; para que também, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra pelo procedimento de suas mulheres,
2. considerando a vossa vida casta, em temor.

3. O vosso adorno não seja o enfeite exterior, como as tranças dos cabelos, o uso de jóias de ouro, ou o luxo dos vestidos,
4. mas seja o do íntimo do coração, no incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que és, para que permaneçam as coisas.
5. Porque assim se adornavam antigamente também as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam submissas a seus maridos;
6. como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, se fazeis o bem e não temeis nenhum espanto. (BÍBLIA, 1 Pedro 3, 1-6)

Evidencia-se nestes trechos o lugar imposto à mulher: submissão/sujeição a seu marido. Ao ser inserida nessa posição de inferioridade, a mulher perde sua voz e seu poder sobre si mesma, sobre suas decisões. Cabe ao marido determinar o que a mulher deve fazer, como deve agir, como se portar e quando pode expressar algum sentimento individual. Ou seja, a mulher perde totalmente sua autonomia. Essa submissão também se revela em relação a sua apresentação perante seu grupo social, uma vez que é impedido uso enfeites exteriores, pelo corpo, que as valorizem e indiquem alguma soberania ou liberdade. Dessa maneira, exige-se que o enaltecimento das características femininas seja estabelecido apenas referente a seus atributos interiores, determinando assim que as mulheres assumam um temperamento passivo, submisso e inseguro, de modo a instaurar uma relação de subalternização em detrimento aos homens.

Ainda acerca de sua exposição social, é exposto como as mulheres devem se portar nas suas comunidades religiosas no capítulo 11 da carta de Paulo aos coríntios, sendo apresentado, na “Bíblia Sagrada: Fonte de Bênção”, de tradução de João Ferreira de Almeida, como tendo o subtítulo explicativo “Como as mulheres devem apresentar-se na igreja”:

3. Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo.
4. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça.
5. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada.
6. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquia-se também. Mas se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu.
7. O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.
8. Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão.
9. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas sim a mulher, por causa do varão.
10. Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos.
11. Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher, sem o varão, no Senhor.
12. Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus.
13. Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta?
14. Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter o cabelo crescido?
15. Mas ter a mulher o cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu.

16. Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus. (BÍBLIA, 1 Coríntios 11, 3-16)

E ainda, no capítulo 14 da mesma carta:

34. As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.

35. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja. (BÍBLIA, 1 Coríntios 14, 34-35).

A partir da análise destes trechos, fundamenta-se o silenciamento da mulher nas esferas sociais vinculada a sua posição subalterna ao homem. Nesse sentido, é exequível estabelecer tal conexão tendo em vista a compreensão de que o condicionamento inferior da mulher em relação ao homem dentro da intimidade do lar se reverbera para fora, alcançando parâmetros sociais nos quais a figura feminina permanece subalternizada, subordinada a um lugar de dependência e sujeição relativo ao homem. Quando se diz que o homem é “a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão” (cap. 11, v. 7), remete-se ao mito da criação, de “Adão e Eva”, no qual “Deus” cria a mulher para o homem, para que faça companhia a ele, lhe sirva, e ela é feita a partir dele, diferentemente do homem que foi feito do pó, à imagem e semelhança do “Pai/Deus”; dessa maneira, verifica-se que Paulo (e os demais religiosos que o seguem e seguem seus ensinamentos) se utiliza dessa hipótese da história bíblica do criacionismo para fazer com que a mulher permaneça num espaço de inferioridade e subalternização, onde o homem tem a capacidade e o dever de exercer o domínio.

Referindo-se mais diretamente à igreja e aos espaços religiosos, o apóstolo Paulo afirma que seria desonroso, desrespeitoso e indecente posicionamentos femininos dentro das esferas religiosas; o simples ato de falar, vindo de uma mulher, já era malvisto. Em seu contexto histórico e sociocultural, evidencia-se que as relações entre os gêneros eram hierárquicas, fato este que perdura até a atualidade, ainda que se configure de maneiras diferenciadas concebidas enquanto frutos da modernidade.

Contudo, quando se assimila a Bíblia enquanto o tal “manual de fé e prática” cristão, é necessário analisar quais os conteúdos são considerados relevantes e quais, por sua vez, são convenientemente descartados. Esta conveniência é o que passa a ditar as mudanças que ocorrem nas regras e nos dogmatismos, e com o correr do tempo algumas atitudes podem ser consideradas ultrapassadas pelas comunidades cristãs evangélicas, mais especificamente de denominação Batista. Esta questão será discutida mais adiante.

4.2 DOCTRINA BATISTA

“Para os Batistas, as Escrituras Sagradas, em particular o Novo Testamento, constituem a única regra de fé e conduta, mas, de quando em quando, as circunstâncias exigem que sejam feitas declarações doutrinárias que esclareçam os espíritos, dissipem dúvidas e reafirmem posições.” (DECLARAÇÃO, 2017)

Sempre ouvi meu pai dizer que a palavra “batismo” significa “mergulho”, e de acordo com o Dicionário Google, a origem etimológica desta palavra vem do latim “*baptismus*”, adaptada do grego “*baptismós*”, e significa “ablução, imersão”; este sacramento cristão deu nome à essa denominação, “Batistas”, que recebeu essa nomeação apenas no século XII. Conforme a Declaração do Estatuto Batista Brasileiro (2017), para os Batistas, uma pessoa só pode ser *batizada* (cerimônia da passagem pelas águas) mediante sua “conversão pelo Espírito Santo de Deus”, ou seja, este grupo não considera batismos infantis, com o argumento que “crianças recém-nascidas não podiam ter consciência de pecado, regeneração, fé e salvação”. O espírito de cooperação mútua entre as igrejas é também uma marcante característica dos Batistas, no que tange à regra de que haja sempre contribuições para obra missionária, para ações de evangelização e educativas, e ações social e beneficentes. Sua fundamentação se ancora nos livros bíblicos presentes no Novo Testamento, e são seis as normas principais que norteiam a denominação Batista:

- 1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta;
- 2º) O conceito de Igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas;
- 3º) A separação entre Igreja e Estado.
- 4º) A absoluta liberdade de consciência.
- 5º) A responsabilidade individual diante de Deus.
- 6º) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas. (DECLARAÇÃO, 2017)

Foi a partir dessa base que a Convenção Batista Brasileira estruturou os dezenove artigos que constituem o Estatuto Batista Brasileiro, fundamentando-se principalmente na primeira norma supracitada: as “Escrituras Sagradas” sendo consideradas a única regra de fé e conduta (o tal “manual de fé e prática” que meu pai sempre comentou); dessa maneira, cada artigo traz consigo inúmeras passagens bíblicas que respaldam e embasam os pontos argumentativos apresentados.

O artigo primeiro se restringe então a uma conceituação do significado das *Escrituras Sagradas* para os Batistas, entendendo-se que “a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem

humana”, visto que foi escrita por **homens** “inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo”; ela é considerada verdade absoluta, a autoridade única no que se refere à religião, objetivando apresentar aos **homens** a vontade de Deus e, assim, salvá-los e regenerá-los. No segundo artigo, se faz uma definição de *Deus*. O terceiro artigo fala sobre o **Homem**, que foi “criado por Deus à Sua imagem e conforme a Sua semelhança”, criado para glorificar a Deus. No quarto é feita uma abordagem sobre o *Pecado*, que ocorre quando o **homem** cede “à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador”; o que o estatuto diz ser o maior pecado é a incredulidade em Jesus como salvador de sua vida. Em sequência, o artigo quinto fala da *Salvação*, a graça de Deus concedida ao **homem** “mediante arrependimento do pecador e fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor” (*conversão*); a morte de Jesus na cruz que justificou os pecados do **homem** e concedeu salvação a todo que crê. O sexto artigo trata da *Eleição*, que é quando Deus escolheu, “segundo a riqueza da sua graça”, as pessoas que serão salvas e receberão a “vida eterna” na presença de Deus. O sétimo consiste na explicação do chamado *Reino de Deus*, que é invisível e se mantém no interior de todo **homem** que se submete a Deus como “Senhor e Rei”. Já o oitavo artigo fala da *Igreja* enquanto congregações que reúnem pessoas “regeneradas” com o intuito de cultuar a Deus, formada com duas lideranças principais que são os pastores e diáconos, seguindo as ordenanças bíblicas neotestamentárias. As duas principais ordenanças Batistas formam o nono artigo, sendo elas o *Batismo* (“imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus”), e a *Ceia do Senhor* (cerimônia em que se celebra a morte e ressurreição de Jesus para a salvação da humanidade). O décimo artigo salienta que o domingo é o *Dia do Senhor*, que deve ser um dia de repouso, em que o cristão se prepara para o “descanso que resta para o povo de Deus” (vida eterna) através da participação nos cultos, da oração, leitura da Bíblia e outras atividades religiosas. No décimo primeiro se discorre acerca do *Ministério da Palavra*, que é o serviço cristão de testemunhar de Jesus ao mundo, um chamado de todos os crentes, mas que **homens** específicos recebem um chamado diferente, singular, para a pregação e propagação de Sua Palavra; estes **homens** são considerados “porta-voz de Deus”, são **homens** vocacionados que devem ser consagrados ao ministério pastoral pelas igrejas das quais são membros. A *Mordomia* é o tópico do décimo segundo artigo, que é descrita como o ato do crente, pertencendo a Deus, ser mordomo da vida, administrando tudo conforme a vontade dEle. O décimo terceiro trata da *Evangelização e Missões*, que são a missão que o **homem** tem de levar as Boas Novas do Evangelho ao mundo inteiro. A *Educação Religiosa* presente no décimo quarto artigo refere-se ao “ministério docente da Igreja”, que visa instruir e desenvolver os membros da igreja de acordo com os ensinamentos bíblicos. Já o décimo quinto artigo defende a *Liberdade Religiosa*, de modo que

a Igreja deve estar separada do Estado. No entanto, o décimo sexto artigo impõe a *Ordem Social*, que revela que os crentes têm o dever de, para promover o bem-estar geral social, anunciar a mensagem do Evangelho, pois este é o maior benefício que o ser humano pode ter: a salvação de Jesus Cristo. A *Família* é o tema do décimo sétimo artigo, que é definida como “primeira instituição da sociedade”, baseada no casamento monogâmico, duradouro e (ousado dizer) heteronormativo, que só pode ser desfeito por morte ou infidelidade conjugal. O décimo oitavo artigo aborda a *Morte*, que é a consequência do pecado, sendo considerada algo bom para o crente, visto que este passará a eternidade com Deus. Por fim, o décimo nono artigo evidencia quem são os *Justos* e os *Ímpios*, que serão separados no juízo final, momento no qual os ímpios serão condenados e mandados para o inferno para o castigo eterno, enquanto os justos serão encaminhados para o reino dos céus, para viverem com Deus.

A partir da análise do que se diz no estatuto, percebe-se a imposição de que a única maneira de se viver plenamente conforme a vontade de Deus, e portanto da maneira correta para se obter a “salvação”, é obedecendo suas normas e dogmas, tomando por base tudo que está escrito nas “Escrituras Sagradas”, que é a “regra de fé e conduta”, o “manual de fé e prática”. Assim, as normas acerca de como a mulher deve portar-se, particular e socialmente, devem ser entendidos e obedecidos a partir do que está impresso nas palavras bíblicas, ainda que não esteja explícito na Declaração do Estatuto Batista.

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa (tratar da relação religião x mulher), o ponto inicial que deve ser destacado é a estruturação machista de todo o conteúdo dessa Declaração. A mulher não é mencionada uma vez sequer, ela continua sem ter voz e espaço, sendo silenciada pela “glória do homem que foi feito à imagem e semelhança de Deus”. Todo o Estatuto baseia-se no papel que o homem exerce na bíblia, na igreja e na sociedade. Tradicionalmente, o cargo de pastor só pode ser concedido ao gênero masculino. Lembro-me de uma vez em que meu pai me disse: “como pode uma mulher ser pastora? Como ela terá capacidade de atender a um homem com problemas de cunho sexual, por exemplo? Uma mulher não pode aconselhar um homem sobre essas questões, seria muito desconfortável. Já o homem, para ele isso é natural, uma mulher falar com ele de seus assuntos referentes à sexo”. Meu pai, pastor batista, se posiciona completamente contrário à consagração de mulheres ao ministério pastoral, e sua base é a “Doutrina Batista” da qual ele tanto se orgulha por fazer parte.

A questão familiar também envolve diretamente a mulher, uma vez que, ao se basear na Bíblia, a maioria das instituições Batistas defendem que a mulher deve ser submissa ao seu

marido. Alguns grupos religiosos defendem que, no decorrer da história e construção da instituição religiosa entendida como igreja, “a influência da Igreja fez com que se respeitassem os direitos da mulher, indefesa diante da brutalidade masculina. Ela, no Cristianismo, não podia ser tratada com o desprezo da Antigüidade.” (AQUINO, 2015); contudo, apesar do fato que na atualidade as situações de opressão feminina ocorram de maneira diferente do que ocorria nos tempos antigos, não significa que não aconteçam. Acontece, de forma mais velada, mas ainda intensa. E a igreja não tem méritos pelas conquistas femininas, mas sim as próprias mulheres que lutaram e continuam lutando pelo fim das desigualdades.

4.2.1 “As mulheres estejam caladas nas igrejas”

“[...] porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei.” (BÍBLIA, 1 Coríntios 14, 34)

Será isto uma realidade na igreja batista ainda nos dias atuais, a mulher devendo calar-se perante a igreja, a sociedade, sua família, seu marido? Talvez não literalmente. Mas há uma intensa subjetividade e grande subliminaridade nesse silenciamento da mulher na atualidade.

Como já abordado no capítulo anterior, o conservadorismo, patriarcalismo e falocentrismo estão bem presentes na estrutura social do Brasil, sendo estes aspectos muitas das vezes, na história e atualmente, reforçados e influenciados pela classe genericamente chamada de “evangélicos”. No artigo “A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo”, Ronaldo de Almeida expõe um conceito de “evangélicos” formulado por ele mesmo:

um segmento religioso formado por pessoas na maioria das vezes honestas e confiáveis nas relações face a face, mas pouco tolerantes com religiões e morais alheias, e cujas lideranças costumam ser percebidas com desconfiança, sendo algumas consideradas ambiciosas e arrivistas (ALMEIDA, 2007, p. 174 apud ALMEIDA, 2017, p. 5).

Este termo, no entanto, é bastante criticado por muitas pessoas. Meu pai mesmo sempre apresentou uma grande repulsa à utilização do termo “evangélico” para autodeclarar e auto definir a proveniência de sua fé. Também nunca gostou do termo “crente”, pois argumentava que estes termos traziam consigo um grande peso e legado de coisas ruins e negativas realizadas por figuras que não eram “verdadeiramente convertidas”, por enganadores, que sujaram a imagem do Evangelho e da Igreja. Assim, Ronaldo continua:

Na verdade, evangélico, mais do que em qualquer outro momento de sua história no Brasil, é um termo em acirrada disputa entre os que se autodeclararam dessa forma. Devido a alguns estigmas adquiridos pela categoria nos últimos anos, muitos protestantes históricos e pentecostais têm preferido identificar-se pelo nome específico de sua denominação e pelo termo genérico “cristão”. (ALMEIDA, 2017, p. 6)

Meu pai mesmo, por exemplo, identifica-se enquanto “cristão batista”: *cristão* por ser seguidor de Cristo, e *batista* por convicção doutrinária, como ele sempre dizia. Ele também alegava que, como seguidor de Cristo e de Sua Palavra, que é absoluta e única, ele sempre deve buscar fazer tudo conforme a “vontade de Deus”; assim, por mais que ele permitisse que algumas decisões referentes à casa, às finanças ou à minha criação e de minha irmã, por exemplo, fossem tomadas por minha mãe, ele insistia no fato de que era ele “o cabeça da família, portanto pertencia a ele a palavra final acerca de qualquer assunto”; ou seja, se ele e minha mãe discordassem em algum aspecto, sua palavra final que sempre prevaleceria, pois a “autoridade do lar é dele, dada por Deus”. E enquanto pastor, ele sempre disse também que era ele a “autoridade espiritual” sobre nossa família, então todas nós deveríamos ouvi-lo e obedecê-lo.

Aborda-se então, inicialmente, essa cultura do silenciamento e omissão, na qual a mulher tem a obrigação, estabelecida pela Bíblia e, portanto, por Deus, de calar-se e sujeitar-se a seu marido. Assim, se a mulher é submissa, calma, paciente, passiva e obediente ao seu marido, faz com que seu casamento dure; caso contrário, se ela não aceita o que considera injustiça e se posiciona perante isso, é culpabilizada pelo fracasso do matrimônio. Por isso as inúmeras justificativas sempre surgem para maridos que batem em suas esposas, que as traem, as controlam, e que até mesmo lhes tiram a vida. “Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo. As famílias com experiências religiosas também podem ser afetadas pela problemática da violência doméstica” (KROB, 2014, p. 209). É incutido nas mentes, tanto das mulheres quanto dos homens, que as mulheres devem aguentar todos os desrespeitos e violências dentro do casamento caladas, o que causa muito sofrimento interno, que é justificado com a máxima de que, tendo sido o maior de todos os sofrimentos o de Jesus Cristo na Cruz do Calvário, o sofrimento que a mulher passa nunca se comparará a este, que é do “Salvador”: “Cria-se uma espécie de conformação com a situação de violência através do sofrimento de Jesus, pois este é o maior sofrimento existente.” (KROB, 2014, p. 210). Remete-se também este sofrimento feminino ao castigo pelo mito de que Eva comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal, e assim fez com que o pecado adentrasse o mundo, e com ele a morte; ou seja, a própria mulher é a culpada por seus sofrimentos.

A cultura do silenciamento perante as violências domésticas sofridas pelas mulheres é corroborada e fortalecida pelas igrejas no tocante à sua posição omissa frente à estes fatos, quando a mulher é orientada a estar em jejum e oração pelo seu casamento, precisando aguentar todo o sofrimento, com a esperança de que um dia a realidade das violências se acabe (o que, na maioria das vezes, não acontece, e as histórias terminam de maneira trágica). Recordo-me de minha avó paterna me contando, durante toda minha vida, das violências que sofria do pai dela (retratado rapidamente no primeiro capítulo): meu bisavô era um diácono de igreja batista que espancava toda a família, respaldado por sua “autoridade” enquanto líder e, principalmente, enquanto homem. Minha avó fora expulsa de casa por ele por ter cortado as pontas dos cabelos (ele proibia que sua esposa e filhas cortassem os cabelos), e pouco tempo depois, com os filhos já encaminhados, minha bisavó divorciou-se dele. Era chamada na época de “**desquitada**”, era muito maltratada pela sociedade por ter largado o marido, sofreu muito e trabalhou muito como costureira para prover seu sustento e de sua filha mais nova, mas era feliz por ter-se libertado do homem que tanto a machucara e a fizera sofrer, física, emocional e psicologicamente. Se os membros da igreja sabiam que isso ocorria? Sim, sabiam. Mas se mantinham calados, omissos. Se alguém tivesse denunciado meu bisavô, com certeza teriam poupado toda a família de muito sofrimento. Mas essa não era (e ainda não é) a realidade de como a igreja se porta diante dessas situações de violência, o que reforça essa imagem patriarcal de que ao homem pertence o domínio sobre a família e as demais esferas da vida.

Existe uma visão tradicional que torna as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas. (OROZCO, 2009, p. 138 apud KROB, 2014, p. 213)

Na grande maioria das igrejas batistas tradicionais (aqui estudadas), esta mesma é a realidade dos posicionamentos acerca das violências domésticas, pois leva-se em conta o que a “Palavra de Deus” diz sobre não poder se divorciar a não ser em caso de adultério – que ainda assim, as mulheres são orientadas a permanecer em oração para que seu marido mude, pois é algo “inerente à natureza do homem o desejo sexual incontrolável” que faz com que ele caia em tentação, mas se for o contrário, o marido se divorcia e a mulher ainda fica mal falada.

Em se tratando da presença feminina nos espaços religiosos batistas, foi criada a União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB), que é responsável pelos projetos de

formação de mulheres dentro das igrejas batistas, sendo eles: Amigos de Missões, Mensageiras do Rei (MR) e Mulher Cristã em Missão (MCM).

O projeto Amigos de Missões é direcionado a crianças de quatro a oito anos, de ambos sexos. Seu principal objetivo é, já nas idades iniciais da vida da criança, inseri-la nas ações da igreja relacionadas a missões, com brincadeiras, atividades orientadas e projetos que visam que a criança “descubra seus dons” e os pratique “para a edificação da igreja” (AMIGOS, 2017). Em seguida, a organização Mensageiras do Rei, já abordada e explicada, é voltada apenas para o gênero feminino, dos nove aos dezesseis anos, com a finalidade de formar as meninas e moças para serem ligadas diretamente à obra missionária; dividido por fases de desenvolvimento, este projeto promove atividades e exames pelos quais a “mensageira” deve passar para que alcance o próximo nível, com o intuito de “se formar” nos assuntos referentes a missões que são ensinados no decorrer do projeto. Já o programa MCM é constituída por mulheres a partir dos 17 anos, tendo como objetivos: I) envolver as mulheres no cumprimento da “Grande Comissão” (o chamado para obra missionária); II) oferecer subsídios à mulher para aperfeiçoar-se física, espiritual, social e emocionalmente; III) capacitar a mulher para fortalecer a vida espiritual do seu lar; e IV) apoiar o educador cristão e/ou pastor na implantação e fortalecimento das organizações Amigos de Missões e Mensageiras do Rei (MCM, 2017). Este projeto é dividido em quatro agrupamentos de acordo com as realidades das mulheres, sendo eles: Jovem, Singular, Mãe e Plena; assim, acreditam abarcar de maneira integral todas as etapas das vidas das mulheres, para orienta-las a como agir conforme a “vontade de Deus”.

Com isso, é possibilitado considerar que a formação educacional cristã para mulheres adotada dentro das igrejas batistas é ainda muito limitada no que tange à efetividade da dominação masculina nesses espaços, pautada pelo que diz na Bíblia. O fato de haver uma rede de estudos nos grupos de MCM que segue um plano roteiro de “jovem, singular, mãe e plena” já evidencia que somente passando por todas as etapas, uma mulher pode se sentir plena; ou seja, se uma mulher não quer ter filhos, ou não pode, ou não se casa, ela nunca poderá ser plenamente feliz e realizada.

Dessa maneira, a partir da leitura e análise da Declaração do Estatuto Batista Brasileiro e de minhas vivências individuais no meio cristão batista durante 21 anos de minha vida, é visto que o espaço das mulheres dentro das comunidades cristãs batistas, em seu seio familiar e nos âmbitos sociais, ainda é fortemente marcado pela cultura de silenciamento e omissão, que faz com que as mulheres continuem subordinadas a se estabelecerem num lugar submisso, calado, onde não têm muitas perspectivas de guiarem seus próprios caminhos, sendo donas de si.

5 “EU TENHO PRESSA, EU QUERO IR PRA RUA, QUERO GANHAR A LUTA QUE EU TRAVEI”

“[...] eu quero andar pelo mundo afora vestida de brilho e flor!” (MONTEIRO, 2017)

Tendo em vista o conteúdo exposto até o presente momento, que se propõe a tecer críticas ao espaço dedicado às mulheres nos espaços religiosos cristãos, especificamente batistas, e na própria Bíblia evangélica, por conta de sua subalternização e inferiorização nestes contextos, e a inserção dessas regras e dogmatismos religiosos na estrutura social do Brasil apresentando uma panorama de dupla moral sexual, este capítulo tem por principal finalidade expor uma possibilidade (não a única) que se distingue dessa realidade machista, patriarcal e falocêntrica, que é a perspectiva da **epistemologia teológica feminista**. Difundindo uma releitura do que se diz na Bíblia a partir de um olhar feminista, esta nova epistemologia oferece o que pode-se compreender enquanto uma “segunda chance” ao cristianismo, agradando assim a diversos grupos femininos, e, no entanto, contrariando alguns grupos de cristãos *tradicionais*, que repelem isso que entendem por “modernização da religião”. Também serão analisadas algumas falas de feministas cristãs obtidas através de entrevistas estruturadas feitas online, nas quais encontram-se tanto “esperanças” de uma possível mudança em realidades de algumas igrejas, quanto críticas ao modelo androcêntrico com presença ainda muito intensa nas igrejas.

Abordando à princípio a epistemologia feminista, a noção por esta trazida levanta o ponto de não existência de uma verdade ou história única, visto que há uma grande multiplicidade de diferenciações de tempo, espaço, cultura, pensamentos e interpretações:

A epistemologia feminista, segundo Rago (1998), enfatiza a historicidade dos conceitos e a coexistência de temporalidades. “Os estudos feministas inovam na maneira como trabalham com as multiplicidades temporais, descartando a ideia de linha evolutiva inerente aos processos históricos” (RAGO, 1998, p. 12), reconhecendo, assim, a particularidade do modo de pensamento, abandonando a pretensão de haver uma única possibilidade de interpretação da realidade (FREIRE, 2015, p. 381).

A construção e solidificação da ciência se deu tomando por referência um modo hegemonicamente europeu e androcêntrico, realidade sobre a qual a crítica feminista se debruça, tendo em vista o espaço inferiorizado da mulher no campo científico: “[...] a epistemologia feminista é contrária à posição hegemônica do conhecimento produzido” (FREIRE, 2015, p. 380).

A construção desta epistemologia feminista não se deu a partir de um único prisma ideal, visto que são diversas as maneiras de se pensar e produzir conhecimento através desta perspectiva do feminismo, tomando por norte obviamente a questão das opressões oriundas das diferenças sexuais e de gênero; com isso, pode se compreender enquanto epistemologia feminista um agrupamento de diversos pensamentos e ideias que ora se complementam, ora entram em contradições, mas que buscam sempre o ideal da equidade entre os gêneros.

Não existe uma epistemologia feminista única. O que existe é uma superabundância de ideias, aproximações e argumentos que têm em comum somente o comprometimento de seus autores com a exposição e a reversão da derrogação das mulheres e do preconceito de gênero das fórmulas tradicionais. (LONGINO, 2008, p. 513 apud FREIRE, 2015, p. 378)

A epistemologia teológica feminista trata-se de um recurso para a expansão dos estudos das ciências da religião. A denominada por Gebara (1997 apud FREIRE, 2015, p. 383) como “epistemologia teológica patriarcal” é aquela soberana nas religiões e que se debruça sobre paradigmas como monoteísmo (um único Deus imposto a diferentes culturas), essencialismo (“busca da essência de cada coisa, ou como Deus criou cada ser”), androcentrismo (“o centro de todo conhecimento na experiência masculina), verdades eternas (verdades indubitáveis e imutáveis constituídas a partir da fé cristã) e aristotélico-tomista (as “verdades da fé” nunca podem ser contrariadas pela razão). Sendo assim, a construção de uma perspectiva feminista da epistemologia teológica intenciona “denunciar o caráter ideológico de boa parte da ciência patriarcal” (GEBARA, 1997, p. 56 apud FREIRE, 2015, p. 384), o que é responsável por gerar enfrentamentos, desavenças entre essa teologia patriarcal vigente e convencional, e a nova proposta apresentada pelas perspectivas feministas da compreensão da teologia.

Quando as teólogas feministas tomam a palavra e fazem revisões dos textos sagrados e propõe novas interpretações, criticam as organizações institucionais da Igreja, exigem uma mudança nas estruturas sociais, usando a teoria de análise do discurso como referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social. (FERREIRA; NETO, 2010, p. 2)

Sendo então essa perspectiva feminista da teologia um confronto às injustiças instituídas pelo patriarcalismo da teologia convencional, numa incessante busca por igualdade, esta torna-se uma possibilidade palpável de se praticar a fé cristã através de um ângulo que se constrói nos alicerces de respeito às mulheres e a suas experiências e histórias, trazendo como ponto de partida a análise dos escritos teológicos por um ponto de vista que tem o gênero e suas construções (em contextos espaciais, temporais e históricos específicos) como prisma.

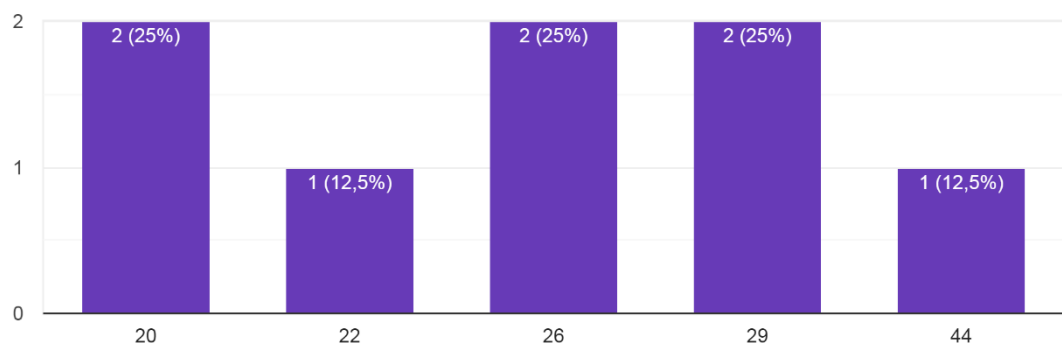
Assim, podemos conceituar enquanto *feministas cristãs* as mulheres que se encontram inseridas neste contexto religioso do cristianismo, mas que, contudo, se utilizam dessa nova epistemologia teológica feminista para guiar e direcionar seu caminho na religião. Dessa maneira, considerando-se ainda as diversas vertentes existentes dentro do feminismo, onde opiniões diferentes são levadas em conta, este feminismo cristão pode ocorrer de maneiras distintas, respeitando as particularidades de cada mulher e as linhas de estudos em que se inserem a partir dos estudos feministas. Desse modo, são diversos os olhares e interpretações que podem ser tecidos a partir desta epistemologia teológica feminista, entretanto sempre em confluência no que tange à base que forma o feminismo: a busca pela equidade entre os gêneros. Assim, mulheres que se enquadram tanto no feminismo radical, no feminismo liberal, feminismo interseccional, feminismo anarquista, feminismo negro, feminismo marxista, transfeminismo, ecofeminismo e feminismo lésbico podem produzir conhecimento e releituras da Bíblia a partir de suas diferentes visões e opiniões acerca das vivências feministas.

A partir das noções apresentadas acerca da epistemologia teológica feminista, examinar-se-ão falas de algumas feministas cristãs, obtidas através de entrevista online. Foram entrevistadas 10 mulheres, 2 através de questionário no Word enviado por e-mail, e as outras 8 pelo Google Formulários; a faixa etária média foi entre 20 e 30 anos, sendo uma entrevistada com 44 anos:

Gráfico 1 - Faixa Etária das entrevistadas

Qual é sua idade?

8 respostas



Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

As entrevistadas residem em municípios dos estados de São Paulo, Bahia, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Minas Gerais, frequentando igrejas em suas respectivas cidades:

Quadro 1 - Vinculação religiosa declarada no momento da entrevista

Catedral Batista Família de Deus, Planaltina/DF
Igreja Batista do Amor
1ª Igreja Batista de Piedade / SP
Igreja cristã carioca, em Copacabana RJ
Paróquia Nossa senhora de Fátima - Macaé
Comunidade batista do Caminho em Belo Horizonte.
Não frequento
Primeira Igreja Batista em Vila da Penha - Rio de Janeiro

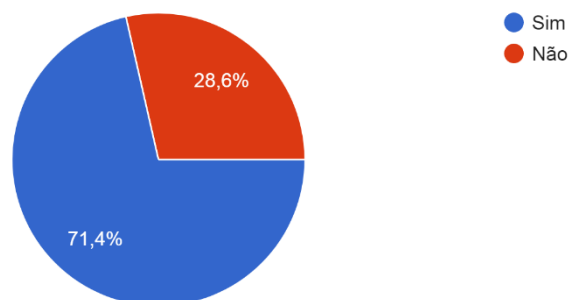
Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9.

A maioria das entrevistadas declarou que veio de família cristã, e que os ensinamentos bíblicos, opinião dos pais e dos membros da igreja influenciaram suas experiências referentes à sexualidade no período da adolescência:

Gráfico 2 - Família cristã das entrevistadas

1. Seus pais são cristãos?

7 respostas



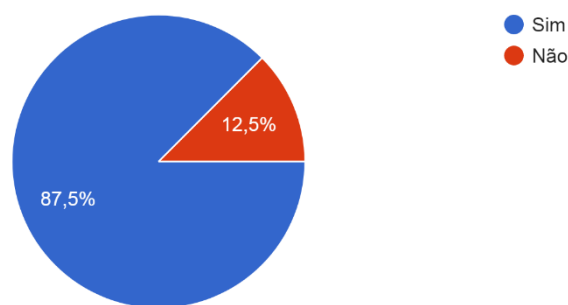
Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9.

87,5% das entrevistadas pelo formulário no Google afirmaram a influência que a família exerceu em suas vivências da sexualidade durante a adolescência, e 12,5% disseram que essa influência não existiu:

Gráfico 3 - Influência da família na formação da sexualidade

6. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

8 respostas



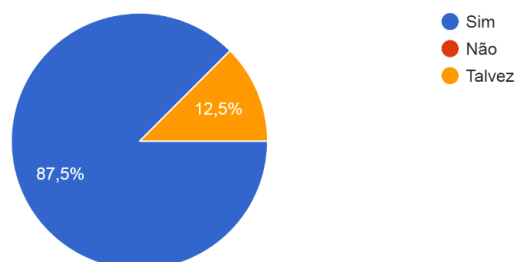
Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

87,5% dessas entrevistadas também afirmaram que os ensinamentos bíblicos influenciaram suas vivências da sexualidade na adolescência, enquanto 12,5% disse que talvez. Nenhuma entrevistada negou esta influência:

Gráfico 4 - Influência dos ensinamentos bíblicos na formação da sexualidade

4. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

8 respostas



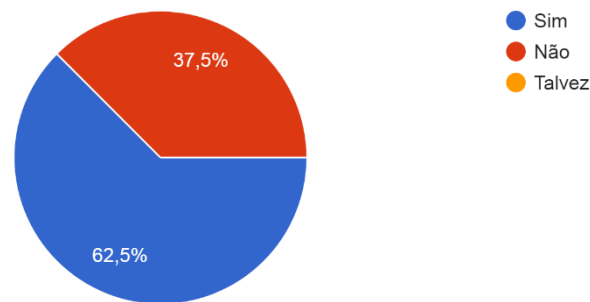
Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

Acerca da opinião de pastores e membros de igreja, 62,5% afirmou que estes influenciaram esta vivência, enquanto 37,5% negaram:

Gráfico 5 - Influência de membros da igreja na formação da sexualidade

7. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

8 respostas



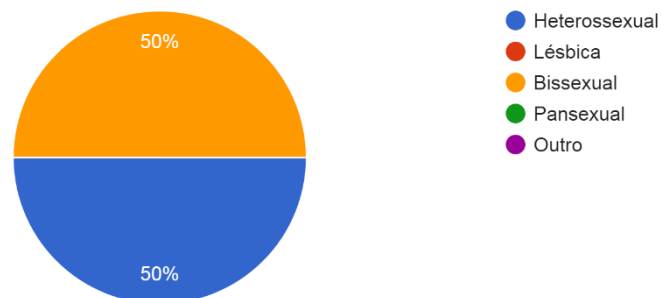
Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

Apesar da declaração de toda a influência que o cristianismo exerceu sobre a constituição da sexualidade das entrevistadas, 50% destas se declararam bissexuais, tendo tido todas estas experiências homoafetivas ao longo da vida:

Gráfico 6 - Declaração da Sexualidade

12. Você é

8 respostas

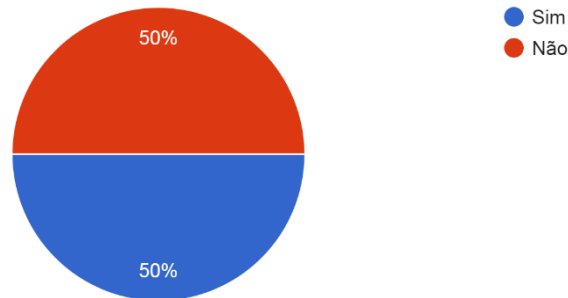


Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

Gráfico 7 - Experiências homoafetivas

5. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

8 respostas



Fonte: Entrevistas geradas pelo Google Formulários, realizadas em mar. 2019. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/edit?ts=5c910ab9>.

O intuito da realização das entrevistas com mulheres que se autodeclararam cristãs e feministas se ancora no desejo de se verificar as realidades atuais nos espaços religiosos cristãos sob uma ótica de mulheres que se relacionam com movimentos feministas e, portanto, reconhecem o que é o patriarcado e suas implicações no meio social. Dessa maneira, foi possibilitado tecer ponderações variadas. À princípio, atendo-se ainda à dominação patriarcal hegemônica, é possível verificar ainda um forte conservadorismo que se estabelece nas instituições religiosas e que causam certos “desconfortos” para as mulheres:

O feminismo cristão é pouquíssimo falado na igreja e pelos cristãos. As pessoas não conseguem entender que feminismo não é intolerância, e sim um sinônimo de igualdade e que sem o feminismo as mulheres de hoje não seriam contempladas por direitos essenciais. Já li absurdos num grupo de whatsapp da igreja que tinha uma menina que fazia psicologia e que eu considerava muito intelectualizada e desconstruída por causa do curso que ela fazia, porém me decepcionei ao ver que ela ria das pessoas que queriam ser resistência após a posse do Presidente Bolsonaro, por exemplo. Não me importei tanto com a ignorância dos outros, mas ver essa atitude da parte dela realmente me magoou. (FERNANDA³¹, 2019)

Algumas mulheres entrevistadas, ao serem questionadas acerca da abordagem de temas ligados às questões de gênero, de sexualidade (namoro, casamento e relações homoafetivas) e feminismo dentro das igrejas, demonstraram que a religiosidade tradicional/convencional, hegemonicamente patriarcal e moralista, ainda impera sobre as realidades vivenciadas nos

³¹ Nome fictício.

espaços cristãos, ainda que alguns assuntos como a “submissão da esposa ao marido” sejam tratados de uma maneira diferente, considerada “atualizada”, que se configura em uma relação de reciprocidade entre marido e mulher, na qual o marido deve amar a mulher acima de tudo, então é um “prazer” para a mulher ser submissa:

Seguimos o que está na Bíblia, sexo só depois do casamento porque vemos o sexo como uma aliança de sangue com o outro, seu corpo é muito preciso e não pode ser entregue a qualquer um. Não existe isso de “ficar” namoro é para casar! Aconselhamos namorar só depois dos 17 anos por esse motivo, assim já podem trabalhar e se preparar para o casamento e sustentar o namoro, não existe divórcio então casamento é para sempre, por isso temos curso de namoro e noivado onde é avaliado desde a personalidade do outro até a família e parte financeira todos os aspectos são avaliados. O homem tem q amar a mulher como Deus amou a igreja, o pastor fala q se ele tiver q levar um tiro para salvar sua mulher ele vai levar! Ele tem q dar sua vida para a mulher e tratá-la como uma rainha e a submissão não é a mulher ser inferior e sim o casal estar sob a mesma missão, terem propósitos de vida parecidos e os dois estarem de baixo do propósito de Deus. Uma curiosidade durante o curso de noivos temos uma aula sobre como cuidar da casa e ela chama Donos de casa pois é obrigatório a participação dos homens. (INGRID³², 2019)

Ingrid (2019) também aponta que “a maioria não sabe o que realmente é submissão e nossa cultura machista leva isso pro lado de inferiorizar a mulher”. Assim, com a ressignificação da “submissão”, encontra-se um certo alento para tal ordenança bíblica. Este comentário também apresenta a mesma perspectiva:

Amiga, se o cara me amar como Cristo amou a igreja é um prazer ser submissa. Agora se o cara é um mane ele nem tem vez comigo. eu acredito em um Deus que me ama e morreu por mim acha que vou ficar dando trela para um zero a esquerda? Penso que devemos dar destaque a isso Amar como Cristo é o segredo para ter uma esposa maravilhosa! (ZANCO, 2019)

Iara também aborda essa questão, demonstrando, contudo, uma intensa indignação com a forma que a igreja, segundo ela, distorce a concepção da *submissão*:

São abordados ensinando que a mulher deve ser submissa ao homem, mas claro que isso não é uma coisa ruim porque o homem deve amar a mulher mais que tudo (ME POUPE!). Lembro de uma vez que pra mim foi absurda, eles falando que a mulher claro que pode aconselhar o homem (entre eles dois, não envergonhar na frente de todos) e dizer se acha certo ou errado determinada decisão, mas o homem deve fazer o que achar certo e a mulher deve seguir feliz a orientação do seu esposo, independente se concordar ou não, e se ele não ouvir o conselho da mulher e der errado, ela não pode falar nada!!! (IARA, 2019)

³² Nome fictício.

Leilane também discorre sobre a submissão, enfatizando a necessidade da releitura dos estudos bíblicos a partir da perspectiva da teologia feminista, de modo que as relações de gênero sejam reelaboradas de maneira igualitária:

A submissão feminina na bíblia tem que ser melhor contextualizada. De maneira geral, tem sido usada para subjugar o gênero feminino. Jesus foi o maior valorizador das mulheres no contexto cristão. Amo a teologia feminista e tenho me dedicado a ela porque traz uma libertação maravilhosa para homens e mulheres. As personagens bíblicas corajosas, líderes precisam ser melhor estudadas e a igreja devia valorizar essas qualidades nas mulheres. Também as mulheres precisam ser valorizadas pela igreja tendo acesso ao pastorado, que nada mais é do que um reconhecimento do trabalho que fazem na prática. A igreja precisa abrir os olhos para as pautas feministas, não dá mais para se omitir sob pena de perder o compasso da história. (LEILANE, 2019)

Uma das entrevistadas demonstrou um grande desconforto com as normatizações acerca das relações sexuais estabelecidas pela igreja, afirmando que a igreja que ela frequenta considera errado fazer sexo antes do casamento (SAMANTHA³³, 2019). Dessa maneira, ela assume sua insatisfação com este fato, alegando seu incômodo presente no momento do ato sexual e no simples fato de pensar em fazê-lo: “Atualmente eu me sinto muito presa e incomodada ao fazer sexo. Isso tem me feito sofrer muito, sempre penso que se fizer, vou pro inferno.” (SAMANTHA, 2019). Durante minha própria vivência nos espaços religiosos batistas, ouvi casos de meninas que choravam após terem relações sexuais com seus namorados ou noivos, se culpando por terem relações sexuais antes do casamento e, portanto, estarem em pecado. Muitos casais casam-se muito jovens pelo simples fato de quererem a “permissão” para fazer sexo, e isso acaba atrapalhando vários desenvolvimentos que seriam possíveis se não precisassem casar-se tão cedo. Essa realidade ainda é presente e visível nos meios evangélicos.

Em se tratando das relações homoafetivas, estas permanecem sendo julgadas enquanto *pecaminosas* em muitos espaços, ainda que seja uma questão tratada de maneiras diferentes pelas diversas instituições religiosas:

A igreja aceita a relação de homem e mulher para constituição de uma família.
Sexo somente após o casamento.
O namoro é um preparo para o casamento.
As relações homoafetivas são vistas como pecado, porém os homossexuais são bem-vindos na igreja, hoje em dia, mas não podem participar falando, trabalhando ou dirigindo algum trabalho da igreja, são bem-vindos para participar. Nunca vi homossexuais serem maltratados na minha igreja. (DINAH, 2019)

Também neste relato:

³³ Nome fictício.

Namoros são levados de forma simples. Desde que os pais estejam de acordo e que os namorados respeitem as regras da igreja em eventos como acampamentos e retiros (e que não haja escândalos como alguém engravidar. Não é uma regra de verdade, mas é assim que funciona), ninguém interfere. Os casamentos também são assim. Já relações homoafetivas, apesar de o pastor ser bem aberto a casais assim, os irmãos da igreja são muito prepotentes e preconceituosos. Eu já tive amigos que se afastaram da igreja por serem gays e serem ofendidos o tempo inteiro por outros membros. (MANUELA³⁴, 2019)

E ainda:

A última igreja que frequentei e onde mais me envolvi e passei tempo, a Igreja da Paz, tem uma falsíssima relação com os homossexuais "Amo o pecador, odeio o pecado", a ideia que vendem é que o homo é bem-vindo, porém lá dentro Deus irá mudar esse caminho errado que ele tá trilhando. Além disso, a pessoa não pode desenvolver nenhum trabalho na igreja, pois é considerado que está em pecado. (IARA, 2019)

Enquanto em alguns espaços a “tolerância” (que não deve ser tolerância, mas sim respeito) já se faz mais presente, de modo que mesmo que não sejam aceitos como “corretos” e enxergados como *pecadores* os membros da igreja não destratam homossexuais, em outros espaços a noção retrógrada, conservadora e machista acerca da homossexualidade ainda faz com que os homossexuais sejam desrespeitados, destratados, fazendo assim com que se afastem das comunidades religiosas pela não-aceitação (o que pode causar transtornos e traumas psicológicos devido às rejeições). O fato do homossexual poder estar presente na comunidade religiosa sem, entretanto, se envolver nos trabalhos da igreja, é uma forma do que apresentei no primeiro capítulo como a “*disciplina*”: a pessoa pode frequentar a igreja, ir aos cultos e aos eventos, porém não pode se envolver com nenhum tipo de liderança ou mesmo trabalhos simples; chamam também de “*estar no banco*”, ou seja, permanecer imóvel, sem possibilidade de participação. Ou seja, a pessoa está sendo praticamente excluída das atividades da igreja. E isso não é aceitação.

Contudo, num pequeno ponto de luz que traz esperança de mudanças nos ambientes religiosos cristãos, alguns relatos acalentam o coração ao demonstrarem que a epistemologia teológica feminista é adota como base em alguns espaços cristãos:

Eu saí da presbiteriana porque não havia espaço para a temática feminista e eu gostaria muito de ver as causas feministas sendo honestamente conversadas na igreja. Hoje estou numa comunidade que está iniciando e tem uma visão muito aberta para as questões atuais, como feminismo, homossexualidade, racismo, classe, que tem bem o meu perfil, do que eu quero aprender e as pessoas com quem quero caminhar. Estou agora, desde o início do ano, neste ambiente cristão progressista e me sinto muito privilegiada. (LEILANE, 2019)

³⁴ Nome fictício.

Com esse relato, entende-se que novas igrejas estão se estabelecendo seguindo a epistemologia teológica feminista, o que já é um grande avanço. Há, porém, outras igrejas mais antigas que já se utilizam dessas perspectivas há mais tempo, nas quais as relações de gênero e ligadas à sexualidade são abordadas de maneira natural e não estigmatizada, reforçando o repúdio às opressões e preconceitos ditados pelas igrejas e sociedade:

A Igreja Batista Nazareth (líderes e membros) condena toda forma de preconceito, dessa maneira, tem no seu quadro de membros pessoas de diversas orientações sexuais. Foi a primeira igreja a ter entre sua liderança uma mulher divorciada. Não trata o corpo como tabu ou lugar do pecado, mas, sim, como lugar de afirmação do ser e da sua fé. Não tem nenhuma doutrinação em relação ao namoro ou casamento, a não ser que nestas relações ocorram qualquer forma de violência ou assédio.

[...]

A Igreja Batista Nazareth considera pecado toda forma de opressão. Desta maneira, na IBN, mulheres e homens são vistos como iguais. A grande maioria das pessoas que ocuparam o cargo de presidente da igreja, são mulheres. As questões de gênero são tratadas nas pregações do culto de domingo à noite, passando pelas letras das músicas cantadas nas celebrações, bem como nas temáticas das classes bíblicas e das rodas de debates. Em março tratamos com exclusividade desta temática. Este também foi o tema do aniversário da igreja neste ano. (CAMILA, 2019)

A entrevistada Rebecca Maciel (2019) também faz parte de uma congregação que aborda temas relacionados à posição das mulheres e feminismo: “[...] não tem um culto que a mulher não fale e temos uma presença muito forte de mulheres feministas e estudos feministas na igreja”. Referente às maneiras que as interpretações da Bíblia são transmitidas pelas igrejas, ela afirma: “Acredito que é uma interpretação muito desrespeitosa com a própria Bíblia, que tem tantas experiências incríveis de mulheres e de um Deus que ama tanto a mulher que fez seu filho vir de mulher.” (MACIEL, 2019).

De maneiras menos especificamente ligadas à teologia feminista, também existem igrejas que efetivam sua luta contra as opressões através de suas ações e formas de transpassar os ensinamentos bíblicos:

Hoje temos líderes que prezam por rodas de conversas onde não se valoriza julgamentos, e nem tenta te convencer de nada, afinal cremos que essa tarefa não é nossa. Enquanto líder que sou, tento estar sempre rodeada de pessoas diferentes para que eu nunca - e olha que nunca é muito tempo - tenha apenas uma visão da mesma situação. Grito bem alto que prefiro uma mulher divorciada do que morta. E um homossexual feliz a um hétero que provoca o inferno na vida do outro por ser frustrado. Eu acredito em um Deus plural que se revela de diferentes formas para diferentes pessoas. (ZANCO, 2019)

Por fim, alguns relatos expressam a visão crítica das entrevistadas, além de seu anseio por transformações reais na estruturação que ainda hoje se vê em muitas igrejas cristãs, que

permitiriam que as relações interpessoais se estabelecessem de maneira mais igualitária. Uma releitura das interpretações de passagens bíblicas, tomando consciência das especificidades culturais e históricas de quando foram escritas já seria um grande passo para se alcançar a equidade tão almejada por tantas mulheres:

Acredito que os homens aproveitam a bíblia para usar da maneira que lhes convém. Não acredito na bíblia, acho que já está muito desgastada, além da dominação masculina e diversos problemas que já existiam na época. É ridículo um local que prega igualdade, e que não temos diferença diante de Deus, doutrinar as mulheres a serem submissas aos homens sem nenhuma razão lógica. Se na época as pessoas não tinham evoluído e conseguido entender que a submissão é absurda, paciência, mas podemos ir para frente e aprender. Esse é apenas um ponto que acho absurda na doutrinação/alienação cristão. (IARA, 2019)

Camila também fala de um panorama mais diretamente ligado à utilização da epistemologia teológica feminista para fundamentar os estatutos e ensinamentos das igrejas:

Historicamente, a religião cristã tem corroborado em seus púlpitos a opressão feminina e o feminicídio. Ao colocar a mulher como responsável pelo sucesso do casamento, ao objetificá-la em relação ao seu marido, subjugando-as à realização dos desejos masculinos. Além de reforçar o ideal da mulher frágil que precisa de um homem para protegi-la. Todavia, atualmente, existem igrejas, tais quais Nazareth (vale ver as igrejas que integram a Aliança de Batistas do Brasil), que buscam liberar a bíblia de sua interpretação capitalista, patriarcal e androcêntrica, bem como trabalham no sentido do ordenamento de mais pastoras. Algumas, inclusive, propõe uma leitura feminista da bíblia (sugiro pesquisar a pastora Odja Barros e o grupo Flor de Manacá). (CAMILA, 2019)

Tendo em vista tais aspectos relacionais e as ligações com a teologia feminista, apresenta-se uma alternativa que permitiria que mulheres feministas permanecessem frequentando instituições religiosas cristãs, abordando os posicionamentos doutrinários a partir de uma ótica crítica através do feminismo. Dessa maneira, viabiliza-se a repercussão desta epistemologia teológica feminista, que objetiva estabelecer meios de análise da Bíblia e, assim, de seus ensinamentos, que sejam avessos à construção hegemônica machista em que se constituíram.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final.” (ADICHIE, 2017, p. 12)

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível enxergar com maior nitidez os impactos que as ideologias cristãs exerceram historicamente sobre a estruturação do modelo social da moral sexual presente até hoje no Brasil, que é fundamentado pelo patriarcalismo, conservadorismo, falocentrismo e machismo, todos se auto complementando, num ciclo que é responsável pela subalternização da mulher através da dominação masculina. Assim, a dupla moral sexual que se apresenta na sociedade brasileira está baseada também (e ousado dizer que principalmente) no enunciado bíblico que afirma que a mulher deve ser submissa ao homem; desta maneira, entendendo que o homem é “o cabeça” da relação, a onda de submissão feminina faz com que, historicamente e até a atualidade, as mulheres se encontrem em posições nas quais sofrem diversos tipos de violências e devem permanecer caladas, sujeitando-se a estas situações para, muitas vezes, “salvar o casamento”, sendo submissas. Essa submissão, entretanto, não se limita apenas ao ambiente domiciliar: ela se estende para as esferas sociais, fazendo com que as mulheres sejam inferiorizadas em diversas áreas da vida, sendo consideradas criaturas de menor valor e importância que os homens. A sexualidade feminina também está inclusa neste pacote de opressão, visto que a mencionada dupla moral sexual impõe que as mulheres devem, além de serem submissas, se guardarem para o casamento: a virgindade feminina é superestimada socialmente, e caso a mulher se imponha e seja sexualmente bem-resolvida, decidida e liberta das repressões, ela é mal vista pela sociedade.

Assim sendo, o processo de escrita desta monografia foi de extrema importância individual, visto que, aos poucos, ajudou na minha libertação pessoal dos traumas e dores causados pelas experiências vividas nos ambientes religiosos batistas e familiar, onde as formas de repressão latentes influenciaram diretamente minha maneira de viver, de me portar e de me sentir acerca das minhas ações: toda atitude que era contrária aos ensinamentos da igreja e de meus pais, faziam com que eu me sentisse uma pessoa horrível, por mais que eu tivesse muita vontade de ter minhas experiências pessoais independentemente disso. Assim, toda opressão que sofri dos meus pais e da igreja por ter perdido a virgindade fizeram com que eu me fechasse, por um tempo, para relacionamentos, e quando eu estive aberta novamente, fui apontada e julgada como pecadora outra vez. Estas vivências criaram em mim uma aversão contra o cristianismo, que só se intensificou quando me aproximei do candomblé e do feminismo, como

exposto no segundo capítulo; passei a analisar, de maneira individual, a conexão intrínseca entre o machismo, as narrativas bíblicas e os consequentes ensinamentos cristãos.

Dessa maneira, desenvolver este trabalho me impulsionou a averiguar mais detalhadamente tais aspectos, de modo a objetivar agregar ao mundo acadêmico estudos acerca das ciências da religião e sobre a construção social das sexualidades, e as maneiras que estes dois pontos se fundem, com ênfase nas distinções de gênero obtidas a partir destes estudos. Tendo tido como ponto de partida acadêmico para a contextualização deste tema de pesquisa unido ao meu propósito individual as leituras dos estudos de Margaret Mead acerca das construções dos papéis de gênero, foi-me viabilizado mergulhar no raso de um vasto e amplo mundo de possibilidades, de perspectivas que podem ajudar a compreender as sexualidades, as relações sociais que interferem e os dogmatismos religiosos que influenciam tanto as formações sexuais quanto sociais.

Muito embora a epistemologia teológica feminista não abarque a fé que professo atualmente, ela possibilita que as análises da Bíblia sejam traçadas sob uma ótica diferenciada, na qual as mulheres não se encontram em posição de inferioridade, subalternização e submissão, uma vez que os aspectos culturais, históricos e sociais da época em que foi escrita as narrativas bíblicas são levados em conta para as interpretações. Com isso, as análises das entrevistas realizadas trazem uma esperança de que as instituições religiosas cristãs, batistas ou não, a cada dia estejam mais dispostas a apresentar uma releitura e reconfiguração de seus estatutos e ensinamentos, de modo a inserir em suas realidades relações de equidade, equilibradas, respeitando a individualidade de cada pessoa em qualquer âmbito de sua vida. A inserção da perspectiva feminista nos ambientes das igrejas amplia visões, fazendo com que as ações já ultrapassadas baseadas no conservadorismo e patriarcalismo hegemônicos se esvaíam, dando lugar e espaço às mulheres, o qual lhes fora negado por muito tempo (e ainda o é nas práticas da maior parte das instituições religiosas).

Tendo em vista todo o estudo até aqui realizado e seus resultados, são estabelecidas propostas de continuidade nos estudos deste tema, pesquisando os impactos que o cristianismo cristão inferiu nas realidades de grupos culturais específicos, como, por exemplo, comunidades indígenas sobre as quais as igrejas cristãs se infiltraram, fazendo não apenas com que valores e tradições culturais fossem desvalorizadas e demonizadas, mas também sua interferência nos aspectos sociais no que tange à maneira de se vestir e portar das mulheres, e as formas que as questões sexuais nestes espaços se transformaram a partir dos ensinamentos cristãos; o mesmo em comunidades quilombolas, abordando a influência do cristianismo não apenas na demonização das religiões de matriz africana, mas também nas formas relacionais que se

estabeleciam e se modificaram com as interferências das religiosidades cristãs. Outro ponto interessante para aprofundamento seria as diferenças dos impactos do cristianismo na moral sexual que se apresenta nas áreas urbanas e nas áreas rurais, visto que até mesmo o quantitativo de filhos por família se diferencia muito nessas áreas, então até que ponto a moral de sexo para procriação não estaria inculcada nas zonas rurais, além das dificuldades de acesso a informações sobre sexualidade?

São inúmeras as possibilidades de continuidade desta linha de pesquisa. Que permaneçamos fortes e incansáveis, a fim de que as existências e resistências femininas tenham cada dia mais aparatos e materiais para que se apoiem e cresçam.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Trad: Denise Bottmann. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14324.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2019.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. In: **Cadernos Pagu** (online), Campinas, n. 50, e175001, jun 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500001>>. Acesso em 20 fev. 2019.
- AMIGOS de Missões. In: **Site UFMBB**. 2017. Disponível em: <<http://www.creatorhost.com.br/ufmbb/amigos-de-missoes/>>. Acesso em 07 mar. 2019.
- AQUINO, Felipe. A moral sexual e a mulher. In: **Site Formação Canção Nova**. 2015. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/diversos/a-moral-sexual-e-a-mulher/>>. Acesso em 05 mar. 2019.
- BARALDO, Jade. **Brasa**. Rio de Janeiro: Jade Baraldo Musci, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ythbLbMnlAg>>. Acesso em 15 jan. 2019.
- BARALDO, Jade. **Vou Passar**. Rio de Janeiro: Jade Baraldo Musci, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DLTR1640rJE>>. Acesso em 17 jan. 2019.
- BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. In: **Arq. Neuro-Psiquiatr**, vol. 52, nº 1, São Paulo: 1994. Disponível em: <<file:///C:/Users/Micro-1/Desktop/TCC/SEXUALIDADE/Sexualidade%20-%20um%20conceito%20psicanal%C3%ADtico%20Freudiano.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Trad: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice. Heterossexualidade e poder. In: **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: Edufba, 2017. p. 197-199.
- BERGESCH, Karen. **A dinâmica do poder na relação de violência doméstica**: desafios para o aconselhamento pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BÍBLIA, N.T. 1 Coríntios. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 1120-1135.
- BÍBLIA, N.T. 1 Pedro. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 1195-1199.
- BÍBLIA, N.T. Efésios. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 1151-1156.
- BÍBLIA, N.T. Gálatas. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 1146-1151.

BÍBLIA, N.T. Levítico. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 109-144.

BÍBLIA, N.T. Tito. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Fonte de Bênçãos. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 1176-1178.

BIROLI, Flavia. Autonomia, dominação e opressão. In: **Feminismo e Política**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 109-122.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A casa como espaço sagrado da submissão feminina. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 194, p. 72-77, jul. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Micro-1/Desktop/37902-169438-1-PB.pdf>. Acesso em 27 fev. 2019.

BLISS, Phillip Paul; SPAFFORD, Horation Gates. **398** – Sou Feliz. Cantor Cristão. Disponível em: <http://www.cantorcristaobatista.com.br/CantorCristao/hino/show/398>. Acesso em 14 jan. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad: Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CABRAL, Yasmin Tomaz; COSTA, Raul Medeiros Bezerra da. Submissão feminina em foco: história e relações de consumo. In: **Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN**. Natal, 2015. Disponível em: <https://seminario2015.ccsa.ufrn.br/assets//upload/papers/6a3e461d4f0b7acd4e7c8dfc1fcbf6a4.pdf>. Acesso em 28 fev. 2019.

CAMILA. Entrevista 2. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

COTTA, Amélia de Castro. DEL-MASSO, Maria Candida Soares. SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. *Ética em pesquisa científica*: conceitos e finalidades. 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306>. Acesso em: 25 jan. 2019.

DECLARAÇÃO Doutrinária da Convenção Batista Brasil. In: **Site Convenção Batista Brasileira**. Portal Batista. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22>. Acesso em 03 mar. 2019.

DICIONÁRIO Google. In: **Site Google**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=batismo+significado+da+palavra&oq=batismo+sig&aqs=chrome.2.0j69i57j0l4.11296j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 04 mar. 2019.

DINAH. Entrevista 5. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

ENTREVISTAS. In: Google Formulários. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/153h_4FvYJh9CjvP8jHsEMeCvYlh8KZ38QrJu1oA9Zj4/e/dit?ts=5c910ab9>. Realizadas em mar. 2019.

EVARISTO, Conceição. Eu-Mulher. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte, Nandyala, 2008. Disponível em:

<<https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>>. Acesso em 20 fev. 2019.

FERNANDA (nome fictício). Entrevista 1. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

FERREIRA, Benedita Aguiar; NETO, José Vaz Magalhães. Teologia feminista e os discursos de resistência ao poder hierárquico. In: **Díaspোরas, Diversidades, Deslocamentos**. Paraíba: UFP, 2010. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278188110_ARQUIVO_Teologiafeministaeosdiscursosderesistenciaaopoderhierarquico.pdf>. Acesso em 09 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Anderson. **Identidade**. Espírito Santo: MK Music. 2011. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kxH_vPS07KI>. Acesso em 15 jan. 2019.

FREIRE, Ana Ester Paula. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. In: **Paralellus**. Recife, v. 6, n. 13, jul./dez. 2015. p. 377-390. Disponível em:

<file:///C:/Users/Micro-1/Desktop/TCC/RELIGI%C3%83O/Epistemologia%20feminista%20fenomeno%20religioso.pdf>. Acesso em 10 mar. 2019.

GIAMPAOLI, Ju; JUNQUEIRA, Luiza. **LÉSBICA, BI OU HÉTERO?** com LUIZA JUNQUEIRA | JU GIAMPAOLI. Canal Ju Giampaoli. Youtube, 20 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRCEYK3V7v0>>. Acesso em 29 jan. 2019.

IARA. Entrevista 9. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

INGRID (nome fictício). Entrevista 4. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

JACOB, Oswaldo Luiz Gomes. Quem é o diácono batista? In: **Site OswaldoJacob.com: Um Maltrapilho Alcançado pela graça de Deus**. Disponível em:

<<http://oswaldojacob.com/blog/quem-o-dicono-batista/>>. Acesso em 09 mar. 2019.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. *Memórias de “Histórias femininas, memórias e experiências”*. PAGU, São Paulo, 8/9, p. 343-354, set. 1997.

KROB, Daniéli Busanello. *A Igreja e a Violência Doméstica Contra as Mulheres*. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. p. 208-216.

LEILANE. Entrevista 8. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MACIEL, Rebecca. Entrevista 6. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MANUELA (nome fictício). Entrevista 3. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MCM – Mulher Cristã em Missão. In: **Site UFMBB**. 2017. Disponível em: <<http://www.creatorhost.com.br/ufmbb/mcm-mulher-crista-em-missao/>>. Acesso em 07 mar. 2019.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1950.

MIGUEL, Luis Felipe. A Igualdade e a Diferença. In: **Feminismo e Política: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 63-77.

MONTEIRO, Ekena. *Todxs Putxs*. São Carlos: estúdio Rancho Rockefeller, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVK1tlhIIUE>>. Acesso em 15 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO Mensageiras do Rei. **Site UFMBB**. Disponível em: <http://www.ufmbb.org.br/ufmbbnew/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=64&Itemid=344>. Acesso em: 13 jan. 2019.

POCAHY, Fernando Altair. A heterossexualidade como regime de verdade: problematizações na cama do humano moderno. In: **Babado Acadêmico do Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade**. Ana Cristina Nascimento, Priscilla Gomes Dornelles (orgs). Salvador: Edufba, 2017. p. 49-62.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Entrevista. In: *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAMANTHA (nome fictício). Entrevista 7. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

TELLES, Sergio. A moral sexual “civilizada”, hoje. In: **XII Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos – PUC-SP**. São Paulo, out. 2014. Disponível em: <https://www.pucsp.br/jung/portugues/simposios_eventos/transcricao-simposio-sergio-telles.pdf>. Acesso em 01 mar. 2019.

UFMBB: Uma proposta de ensino atualizada para este tempo. In: **Site UFMBB**. Disponível em: <<http://www.ufmbb.org.br/>>. Acesso em 07 mar. 2019.

ZANCO, Marina Melo. Entrevista 10. [mar. 2019]. Entrevistadoras: Isabelle Benetti Maciel e Juliana Dourado Bueno. São Francisco do Conde, 2019. Questionário online. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas

Entrevista 1: Fernanda (nome fictício)

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Meus pais se conheceram na Deus é Amor quando minha mãe tinha 16 anos e meu pai talvez uns 22. Eu tenho 22 anos e meu irmão 23, nós dois fomos apresentados na igreja quando nascemos e congregamos em várias igrejas durante a vida, nos desviamos algumas vezes e hoje estamos firmes novamente.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Tenho atração por meninas, mas nunca pratiquei. Não atribuo meu interesse afetivo por mulheres como algo natural, porque devido a alguns traumas eu sempre tive muito medo de homens e só conseguia atribuir a ideia de amor e respeito como vindos de uma mulher. Mas sabendo que era pecado, não fiquei com nenhuma garota e isso não foi difícil porque minha atração não era do tipo sexual, mas sentia uma necessidade de ser abraçada e beijada, sentia que elas poderiam me conferir segurança. Quanto à sexo, eu pretendia ser virgem até o casamento, mas com 17 anos me desviei e me relacionei sexualmente com um ex namorado, depois voltei à castidade, porém iniciei outro relacionamento, saí da igreja de novo e tive uma vida sexualmente ativa novamente. Terminei esse segundo namoro e hoje pretendo ficar apenas no beijo.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: não

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Não, da parte da minha mãe não. Mas quando contei a ela que tive minha primeira relação com meu segundo namorado, ela ficou muito feliz por mim, até chorou (acho que ela pensava que eu ainda era virgem). Quanto ao meu pai, não tenho contato com ele desde que meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Não tinha uma relação íntima com as pessoas das igrejas que eu congreguei, só com Deus.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Creio eu na Bíblia, fica em Pirituba.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Minha igreja é tradicional. Namoro sempre em castidade, casamento sem traições, relações homoafetivas são pecado para eles.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Na igreja onde congrego não se fala sobre assunto, eles são mais neutros, mas não expõem nenhum tipo de machismo gritante. A única coisa que colocam em pauta é que a mulher tem que ser sábia e feminina, por exemplo.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: contei que eu gostava de meninas uma vez ao meu irmão e à uma amiga, quando eu tinha uns 13 anos. Eles me censuraram por serem cristãos, mas não disseram nenhuma palavra que me magoasse, só disseram que era para eu esquecer essa ideia. Quanto à sexualidade, sou muito influenciada pelo Pr. Paulo Jr, Pr Lucinho, Teófilo Hayashi, o casal do Canal “eu escolhi esperar”, Gustavo Balbi, Fabíola Melo e outros diversos digital influencers cristãos modernos.

10. Você é

Heterossexual

Lésbica

Bissexual

Pansexual

Outro:

R: Obs.: acho interessante colocar a opção “bissexual não praticante”, não sei o termo correto ou se até existe termo para isso. Eu particularmente não me vejo como bi, sou hétero e atribuo minha afeição por meninas às violências que sofri.

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: o feminismo cristão é pouquíssimo falado na igreja e pelos cristãos. As pessoas não conseguem entender que feminismo não é intolerância, e sim um sinônimo de igualdade e que sem o feminismo as mulheres de hoje não seriam contempladas por direitos essenciais. Já li absurdos num grupo de whatsapp da igreja que tinha uma menina que fazia psicologia e que eu considerava muito intelectualizada e desconstruída por causa do curso que ela fazia, porém me decepcionei ao ver que ela ria das pessoas que queriam ser resistência após a posse do Presidente Bolsonaro, por exemplo. Não me importei tanto com a ignorância dos outros, mas ver essa atitude da parte dela realmente me magoou.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Por favor, usem um nome fictício.

Entrevista 2: Camila

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Minha primeira experiência religiosa foi, ainda enquanto criança, na igreja católica. Minha mãe é católica e meu pai tem aproximação com o espiritismo. Fui batizada na igreja católica ainda bebê, mas, nunca fiz a primeira comunhão, pois, não concluí a catequese, não conseguia me vincular aos ensinamentos ali passados, eu tinha muitas questões e poucas respostas. Ainda adolescente, aos quatorze anos, em Feira de Santana, Bahia, fui convidada por amigos do bairro em que morava a visitar uma igreja protestante. A igreja tinha um grande grupo jovem e a escola bíblica me ajudou bastante a responder questões que fazia sobre a bíblia e a caminhada de Cristo. Nesta igreja, começamos a desenvolver diversos projetos sociais e assim, eu pude começar a vivenciar com maior convicção a fé cristã.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim. A igreja em que passei a adolescência não desenvolvia maiores discussões sobre a sexualidade. Era quase um tabu. Apenas dizia que éramos “princesas do Senhor” e que deveríamos nos guardar para o casamento. Eu casei virgem aos 17 anos e passei 15 anos casada.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Não.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Não. Em casa não conversávamos muito sobre sexo.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim. As questões do corpo eram sempre vistas como tabus. A visão do corpo como lugar do pecado era recorrente.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Igreja Batista Nazareth, no bairro Nazaré, Salvador, Bahia.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: A Igreja Batista Nazareth (líderes e membros) condena toda forma de preconceito, dessa maneira, tem no seu quadro de membros pessoas de diversas orientações sexuais. Foi a primeira igreja a ter entre sua liderança uma mulher divorciada. Não trata o corpo como tabu ou lugar do pecado, mas, sim, como lugar de afirmação do ser e da sua fé. Não tem nenhuma doutrinação em relação ao namoro ou casamento, a não ser que nestas relações ocorram qualquer forma de violência ou assédio.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: A Igreja Batista Nazareth considera pecado toda forma de opressão. Desta maneira, na IBN, mulheres e homens são vistos como iguais. A grande maioria das pessoas que ocuparam o cargo

de presidente da igreja, são mulheres. As questões de gênero são tratadas nas pregações do culto de domingo à noite, passando pelas letras das músicas cantadas nas celebrações, bem como nas temáticas das classes bíblicas e das rodas de debates. Em março tratamos com exclusividade desta temática. Este também foi o tema do aniversário da igreja neste ano.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: A minha família materna é a tradicional família brasileira: matriarcal (vó, mãe e tias). Estas mulheres fortes pautaram a minha caminhada no que diz respeito à minha independência e mostraram-me o que é ser uma feminista orgânica. As minhas tias paternas sempre foram mulheres independentes, comunistas e feministas e orientaram-nos sobre a nossa posse do nosso corpo e a nossa realização a partir dele da forma como nos satisfizesse. As autoras: Simone de Beauvoir e Judith Butler.

10. Você é

Heterossexual

Lésbica

Bissexual

Pansexual

Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Historicamente, a religião cristã tem corroborado em seus púlpitos a opressão feminina e o feminicídio. Ao colocar a mulher como responsável pelo sucesso do casamento, ao objetificá-la em relação ao seu marido, subjugando-as à realização dos desejos masculinos. Além de reforçar o ideal da mulher frágil que precisa de um homem para protege-la. Todavia, atualmente, existem igrejas, tais quais Nazareth (vale ver as igrejas que integram a Aliança de Batistas do Brasil), que buscam liberar a bíblia de sua interpretação capitalista, patriarcal e androcêntrica, bem como trabalham no sentido do ordenamento de mais pastoras. Algumas, inclusive, propõe uma leitura feminista da bíblia (sugiro pesquisar a pastora Odja Barros e o grupo Flor de Manacá).

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

Pode me identificar.

Entrevista 3: Manuela (nome fictício) – 26 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Comecei a ir à igreja aos 07 anos. Já participei da Primeira Igreja Batista de Planaltina e Catedral Batista Família de Deus, ambas em Planaltina-DF.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Sim

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Não

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Catedral Batista Família de Deus, Planaltina/DF

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Namoros são levados de forma simples. Desde que os pais estejam de acordo e que os namorados respeitem as regras da igreja em eventos como acampamentos e retiros (e que não haja escândalos como alguém engravidar. Não é uma regra de verdade, mas é assim que funciona), ninguém interfere. Os casamentos também são assim.

Já relações homoafetivas, apesar de o pastor ser bem aberto a casais assim, os irmãos da igreja são muito prepotentes e preconceituosos. Eu já tive amigos que se afastaram da igreja por serem gays e serem ofendidos o tempo interior por outros membros.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Nunca!

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Minha mãe, JK Rowling, Simone de Beauvoir, o próprio Cristo. Tem outras, mas esses são os principais.

10. Você é

() Heterossexual

() Lésbica

(x) Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: sem resposta.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Nome fictício.

Entrevista 4: Ingrid (nome fictício) – 20 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Meus pais não são cristãos, comecei a ir à igrejas aos 16 anos, e já passei pela Congregação cristã, Universal, Católica, e atualmente (desde os 16 anos onde realmente me converti) estou na igreja Batista do amor.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Sim.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Não.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Igreja Batista do Amor.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Seguimos o que está na Bíblia, sexo só depois do casamento porque vemos o sexo como uma aliança de sangue com o outro, seu corpo é muito preciso e não pode ser entregue a qualquer um. Não existe isso de “ficar” namoro é para casar! Aconselhamos namorar só depois dos 17 anos por esse motivo, assim já podem trabalhar e se preparar para o casamento e sustentar o namoro, não existe divórcio então casamento é para sempre, por isso temos curso de namoro e noivado onde é avaliado desde a personalidade do outro até a família e parte financeira todos os aspectos são avaliados. O homem tem q amar a mulher como Deus amou a igreja, o pastor fala q se ele tiver q levar um tiro para salvar sua mulher ele vai levar! Ele tem q dar sua vida para a mulher e tratá-la como uma rainha e a submissão não é a mulher ser inferior e sim o casal estar sob a mesma missão, terem propósitos de vida parecidos e os dois estarem

de baixo do propósito de Deus. Uma curiosidade durante o curso de noivos temos uma aula sobre como cuidar da casa e ela chama Donos de casa pois é obrigatório a participação dos homens.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Sim, as vezes cometem erros mas não me sinto inferiorizada

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Minhas amigas, minha líder e a Bíblia

10. Você é

() Heterossexual

() Lésbica

(x) Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: A maioria não sabe o que realmente é submissão e nossa cultura machista leva isso pro lado de inferiorizar a mulher.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Nome fictício.

Entrevista 5: Dinah – 29 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Meus pais são cristãos, vou à igreja desde que tinha 1 mês, sempre fui Batista.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Sim.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: 1ª Igreja Batista de Piedade / SP.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: A igreja aceita a relação de homem e mulher para constituição de uma família.

Sexo somente após o casamento.

O namoro é um preparo para o casamento.

As relações homoafetivas são vistas como pecado, porém os homossexuais são bem-vindo na igreja, hoje em dia, mas não podem participar falando, trabalhando ou dirigindo algum trabalho da igreja, são bem-vindos para participar. Nunca vi homossexuais serem maltratados na minha igreja.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: É comentado assuntos em reuniões de jovens. Mas sempre lembrando que a bíblia diz que a mulher deve ser submissa ao homem. Quando casada.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Hoje eu sou, feminista cristã bissexual e procuro conviver bem com a minha igreja. Atualmente estou casada com um homem e formei minha família. Minha mãe foi minha maior influenciadora sobre questões de gênero e sexualidade. Sempre aceitou as escolhas dos outros e sempre nos ensinou a amar o próximo. Quanto a sexualidade aprendi sozinha a lidar com isso através dos anos. Mas não digo como vejo essa questão dentro da igreja, nem como eu sou pois não seria "bem visto".

10. Você é

() Heterossexual

() Lésbica

(x) Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Eu acredito que vivemos no patriarcado, ainda hoje e biblicamente. Biblicamente as mulheres não eram contadas nas gerações, e não tinham voz ativa. Mas também muitas foram usadas por Deus, não tanto quanto os homens. Na Bíblia, a submissão é uma regra para todo cristão. Todos devem se submeter à autoridade suprema de Deus (Tiago 4:7)

A Bíblia ordena que a mulher seja submissa ao marido (Efésios 5:22-23). Essa regra somente se aplica dentro do casamento. Porém diz que a missão do marido é amar a esposa, portanto submissão (embaixo da mesma missão) significa que a mulher casada está abaixo da missão do marido que é ama-la, portanto ela deve amar também.

Espero ter sido clara e ter ajudado.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Pode revelar meu nome.

Entrevista 6: Rebecca Maciel – 26 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Vou à igreja desde que nasci porque meus pais são cristãos. Já frequentei a Catedral presbiteriana, igreja presbiteriana luz do mundo e agora estou na igreja cristã carioca, mas já fui a muita coisa.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Sim.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Não.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Igreja cristã carioca, em Copacabana RJ.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Nossa igreja não liga muito pra esse tema, mas também não é claramente em apoio às relações homossexuais. Eles deixam a coisa fluir naturalmente.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Sim, não tem um culto que a mulher não fale e temos uma presença muito forte de mulheres feministas e estudos feministas na igreja.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Ah, muitas. Eu fiz parte do grupo de pesquisa MANDRAGORA da UMESP, que é de religião e gênero e agora faço parte do DEGENEREA que é de psicologia e gênero. A minha vida toda é rondada por esse tema.

10. Você é

() Heterossexual

() Lésbica

(x) Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Acredito que é uma interpretação muito desrespeitosa com a própria Bíblia, que tem tantas experiências incríveis de mulheres e de um Deus que ama tanto a mulher que fez seu filho vir de mulher.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Pode me identificar.

Entrevista 7: Samantha (nome fictício) – 20 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Nasci na igreja católica. Mas comecei a frequentar a igreja a partir dos 5 anos. Meus pais são cristãos, e já fui de igreja protestante e católica.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Talvez.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Não.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Paróquia Nossa senhora de Fátima – Macaé.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Lida que se fizer sexo antes do casamento é errado. É necessário esperar até o casamento.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Não.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Uma amiga e minha mãe.

10. Você é

(x) Heterossexual

() Lésbica

() Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Atualmente eu me sinto muito presa e incomodada ao fazer sexo. Isso tem me feito sofrer muito, sempre penso que se fizer, vou pro inferno.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Um nome fictício.

Entrevista 8: Leilane – 44 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Comecei a ir pra igreja bebe, desde nascida, pois meus pais são cristãos. Já passei por igreja presbiteriana e batista.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Não.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Comunidade batista do Caminho em Belo Horizonte.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: Eu sai da presbiteriana porque não havia espaço para a temática feminista e eu gostaria muito de ver as causas feministas sendo honestamente conversadas na igreja. Hoje estou numa comunidade que está iniciando e tem uma visão muito aberta pras questões atuais, como feminismo, homossexualidade, racismo, classe, que tem bem o meu perfil, do que eu quero aprender e as pessoas com que quero caminhar. Estou agora, desde o início do ano, neste ambiente cristão progressista e me sinto muito privilegiada.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: De maneira geral, há muita resistência das igrejas sobre esses assuntos. Não só resistência como rechaço/aversão. Mas percebo que as mulheres cristãs, principalmente as líderes, aos poucos, tem despertado e despertado outras para uma nova visão sobre igualdade. Esta aos poucos tem sido implantada, porém, não sem resistência dos conservadores.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: autoras como Simone de Beauvoir, Rose Marie Muraro, Chimamanda Adichie, Clarice Lispector, professoras Maria José Nunes Rosado, Debora Diniz, principalmente as teólogas Ivone Gebara (muito), Nancy Cardoso, Odja Barros, Lusmarina Campos, Valeria Cristina Vilhena, socióloga Simony dos Anjos, homens como meu pastor Zé Barbosa Júnior, Berlofa, Hermes C. Fernandes, Antonio Carlos Costa, Pr. Carlos Moreira...pessoas que tem transformado minha visão de mundo e da vida cristã.

10. Você é

Heterossexual

Lésbica

Bissexual

Pansexual

Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: A submissão feminina na bíblia tem que ser melhor contextualizada. De maneira geral, tem sido usada para subjugar o gênero feminino. Jesus foi o maior valorizador das mulheres no contexto cristão. Amo a teologia feminista e tenho me dedicado a ela porque traz uma libertação maravilhosa para homens e mulheres. As personagens bíblicas corajosas, líderes precisam ser melhor estudadas e a igreja devia valorizar essas qualidades nas mulheres. Também as mulheres precisam ser valorizadas pela igreja tendo acesso ao pastorado, que nada mais é do que um reconhecimento do trabalho que fazem na prática. A igreja precisa abrir os olhos para as pautas feministas, não dá mais para se omitir sob pena de perder o compasso da história.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Pode revelar meu nome.

Entrevista 9: Iara – 22 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Meus pais são cristãos, comecei a ir na igreja evangélica com 9 anos. Já passei pela Igreja Pentecostal / Igreja Cristã Evangélica de Messejana / Igreja da Paz.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Não.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Sim.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Não frequento.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: A última igreja que frequentei e onde mais me envolvi e passei tempo, a Igreja da Paz, tem uma falsíssima relação com os homossexuais "Amo o pecador, odeio o pecado", a ideia que vendem é que o homo é bem-vindo, porém lá dentro Deus irá mudar esse caminho errado que ele tá trilhando. Além disso, a pessoa não pode desenvolver nenhum trabalho na igreja, pois é considerado que está em pecado.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: São abordados ensinando que a mulher deve ser submissa ao homem, mas claro que isso não é uma coisa ruim porque o homem deve amar a mulher mais que tudo (ME POUPE!). Lembro de uma vez que pra mim foi absurda, eles falando que a mulher claro que pode aconselhar o homem (entre eles dois, não envergonhar na frente de todos) e dizer se acha certo ou errado determinada decisão, mas o homem deve fazer o que achar certo e a mulher deve seguir feliz a orientação do seu esposo, independente se concordar ou não, e se ele não ouvir o conselho da mulher e der errado, ela não pode falar nada!!!

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Hoje em dia, acredito muito no sagrado feminino, busco sempre me conectar com meu corpo de forma espiritual e intuitiva. Gosto bastante da Irina, ex-masterchef. Além de outras páginas, como vagina sem neura, prazer ela e outros. Minha avó e meus amigos mais próximos.

10. Você é

(x) Heterossexual

() Lésbica

() Bissexual

() Pansexual

() Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Acredito que os homens aproveitam a bíblia para usar da maneira que lhes convém. Não acredito na bíblia, acho que já está muito desgastada, além da dominação masculina e diversos problemas que já existiam na época. É ridículo um local que prega igualdade, e que não temos diferença diante de Deus, doutrinar as mulheres a serem submissas aos homens sem nenhuma razão lógica. Se na época as pessoas não tinham evoluído e conseguido entender que a submissão é absurda, paciência, mas podemos ir para frente e aprender. Esse é apenas um ponto que acho absurda na doutrinação/alienação cristão.

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Pode usar meu nome mesmo.

Entrevista 10: Marina Melo Zanco – 29 anos

1. Escreva um pouco sobre sua “trajetória religiosa”. Seus pais praticavam alguma religião? Como foi sua primeira experiência religiosa?

R: Meus pais não são cristãos, mas vou à igreja desde que nasci. Todas as igrejas que já passei são Batistas, Vista Alegre, Irajá e Vila da Penha.

2. Os ensinamentos bíblicos determinaram a forma como você vivenciou sua sexualidade na adolescência?

R: Sim.

3. Você teve alguma experiência homoafetiva ao longo de sua vida?

R: Não.

4. A opinião de seus pais teve alguma influência na forma como você vivenciou sua sexualidade durante a adolescência?

R: Sim.

5. E a opinião dos pastores e membros da igreja influenciou nessa vivência?

R: Não.

6. Qual igreja você frequenta atualmente? Onde está localizada?

R: Primeira Igreja Batista em Vila da Penha – Rio de Janeiro.

7. Como sua igreja lida com a questão da sexualidade (namoro, casamento, relações homoafetivas)? Observação: aqui você pode relatar um pouco a posição dos líderes e também dos membros da igreja.

R: A minha igreja lida cada vez melhor com o tema. Acredito que já existiu um tempo muito sombrio, onde os jovens e adolescentes eram ameaçados com as medidas punitivas de um Deus que não quer q você transe antes de casar. Porém, hoje, posso dizer que existe cada vez mais forte um pessoal que acredita que não é bem assim.

Hoje temos líderes que prezam por rodas de conversas onde não se valoriza julgamentos, e nem tenta te convencer de nada, afinal cremos que essa tarefa não é nossa. Enquanto líder que sou, tento estar sempre rodeada de pessoas diferentes para que eu nunca - e olha que nunca é muito tempo - tenha apenas uma visão da mesma situação. Grito bem alto que prefiro uma mulher divorciada do que morta. E um homossexual feliz a um hétero que provoca o inferno na vida do outro por ser frustrado.

Eu acredito em um Deus plural que se revela de diferentes formas para diferentes pessoas.

8. Você considera que assuntos relacionados à igualdade entre homens e mulheres são abordados durante os cultos e outros encontros? De que forma isso é feito?

R: Nem sempre, mas são. Levantamos muito essa bola em pg, que acontece semanalmente.

9. Quais são suas referências (autoras, personalidades, amigxs e familiares) que pautaram a forma como você vivencia sua sexualidade e as relações de gênero?

R: Jesus sempre vai ser a minha principal referência em tudo.

Minha mãe, que fez e faz de tudo para entender como é diferente o tempo atual.

Ingrid e Heitor - um casal jovem e muito atual

Danielle Athaide - minha amiga da Faculdade

10. Você é

Heterossexual

Lésbica

Bissexual

Pansexual

Outro:

11. Agora, fique à vontade para escrever algo que não tenha sido perguntado, e que está relacionado com o tema da religião e as mulheres.

R: Amiga, se o cara me amar como Cristo amou a igreja é um prazer ser submissa. Agora se o cara é um mane ele nem tem vez comigo. eu acredito em um Deus que me ama e morreu por mim acha que vou ficar dando trela para um zero a esquerda? Penso que devemos dar destaque a isso Amar como Cristo é o segredo para ter uma esposa maravilhosa!

12. Você gostaria de ter sua identidade revelada na pesquisa ou prefere que seja colocado um nome fictício?

R: Pode revelar meu nome.

ANEXOS

ANEXO A – Declaração Doutrinária Batista

INTRODUÇÃO

Os discípulos de Jesus Cristo, que vieram a ser designados pelo nome Batista, se caracterizavam pela sua fidelidade às Escrituras e por isso só recebiam em suas comunidades, como membros atuantes, pessoas convertidas pelo Espírito Santo de Deus. Somente essas pessoas eram por eles batizadas e não reconheciam como válido o batismo administrado na infância por qualquer grupo cristão, pois, para eles, crianças recém-nascidas não podiam ter consciência de pecado, regeneração, fé e salvação. Para adotarem essas posições, eles estavam bem fundamentados nos Evangelhos e nos demais livros do Novo Testamento. A mesma fundamentação tinha todas as outras doutrinas que professavam. Mas sua exigência de batismo só de convertidos é que mais chamou a atenção do povo e das autoridades, daí derivando a designação “batista” que muitos supõem ser uma forma simplificada de “anabatista”, “aquele que batiza de novo”.

A designação surgiu no século 17, mas aqueles discípulos de Jesus Cristo estavam espiritualmente ligados a todos os que, através dos séculos, procuraram permanecer fiéis aos ensinamentos das Escrituras, repudiando, mesmo colocando em risco a própria vida, os acréscimos e corrupções de origem humana.

Através dos tempos, os Batistas se têm notabilizado pela defesa destes princípios:

- 1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta;
- 2º) O conceito de Igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas;
- 3º) A separação entre Igreja e Estado.
- 4º) A absoluta liberdade de consciência.
- 5º) A responsabilidade individual diante de Deus.
- 6º) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas.

Os Batistas caracterizam-se também pela intensa e ativa cooperação entre suas Igrejas. Não havendo nenhum poder que possa constranger a Igreja local, a não ser a vontade de Deus, manifestada através de seu Santo Espírito, os Batistas, baseados nesse princípio da cooperação voluntária das Igrejas, realizam uma obra geral de missões, em que foram pioneiros entre os evangélicos nos tempos modernos; de evangelização, de educação teológica, religiosa e secular;

de ação social e de beneficência. Para a execução desses fins, organizam Associações regionais e Convenções estaduais e nacionais, não tendo estas, no entanto, autoridade sobre as Igrejas, devendo suas resoluções ser entendidas como sugestões ou apelos.

Para os Batistas, as Escrituras Sagradas, em particular o Novo Testamento, constituem a única regra de fé e conduta, mas, de quando em quando, as circunstâncias exigem que sejam feitas declarações doutrinárias que esclareçam os espíritos, dissipem dúvidas e reafirmem posições. Cremos viver um momento assim no Brasil, quando uma declaração desse tipo deve ser formulada, com a exigência insubstituível de ser rigorosamente fundamentada na Palavra de Deus. É o que faz agora a Convenção Batista Brasileira, nos 19 artigos que seguem:

I – Escrituras Sagradas

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana.

- 1 - É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens;
- 2 - Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo;
- 3 - Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus;
- 4 - Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina;
- 5 - Revela o destino final do mundo e os critérios pelo qual Deus julgará todos os homens;
- 6 - A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas as doutrinas e a conduta dos homens;
- 7 - Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

1. Sl 119.89; Hb 1.1; Is 40.8; Mt 24.35; Lc 24.44,45; Jo 10.35; Rm 3.2; 1Pe 1.25; 2Pe 1.21
2. Is 40.8; Mt 22.29; Hb 1.1,2; Mt 24.35; Lc 16.29; 24.44,45; Rm 16.25,26; 1Pe 1.25
3. Ex 24.4; 2Sm 23.2; At 3.21; 2Pe 1.21
4. Lc 16.29; Rm 1.16; 2Tm 3.16,17; 1Pe 2.2; Hb 4.12; Ef 6.17; Rm 15.4
5. Sl 19.7-9; 119.105; Pv 30.5; Jo 10.35; 17.17; Rm 3.4; 15.4; 2Tm 3.15-17
6. Jo 12.47,48; Rm 2.12,13
7. 2Cr 24.19; Sl 19.7-9; Is 8.20; 34.16; Mt 5.17,18; At 17.11; Gl 6.16; Fp 3.16; 2Tm 1.13
8. Lc 24.44,45; Mt 5.22,28,32,34,39; 11.29,30; 17.5; Jo 5.39,40; Hb 1.1,2; Jo 1.1,2,14

II – Deus

O único Deus vivo e verdadeiro é Espírito pessoal, Eterno, Infinito e Imutável; é Onipotente, Onisciente, e Onipresente; é perfeito em Santidade, Justiça, Verdade e Amor.

1 - Ele é o Criador, Sustentador, Redentor, Juiz e Senhor da história e do universo, que governa pelo Seu poder, dispondo de todas as coisas, de acordo com o Seu eterno propósito e graça;

2 - Deus é infinito em santidade e em todas as demais perfeições;

3 - Por isso, a Ele devemos todo o amor, culto e obediência;

4 - Em sua trindade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência.

1. Dt 6.4; Jr 10.1; Sl 139; 1Co 8.6; 1Tm 1.17; 2.5,6; Ex 3.14; 6.2,3; Is 43.15; Mt 6.9; Jo 4.24; Ml 3.6; Tg 1.17; 1Pe 1.16,17

2. Gn 1.1; 17.1; Ex 15.11-18; Is 43.3; At 17.24-26; Ef 3.11; 1Pe 1.17

3. Ex 15.11; Is 6.1,2; 57.15; J34.10

4. Mt 22.37; Jo 4.23,24; 1Pe 1.15,16

5. Mt 28.19; Mc 1.9-11; 1Jo 5.7; Rm 15.30; 2Co 13.13; Fp 3.3

1- Deus Pai

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens.

1 - Historicamente, Ele se revelou primeiro como Pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de Sua graça;

2 - Ele é Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a este mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção;

3 - Aqueles que aceitam a Jesus Cristo e nele creem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo Seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina.

1. Is 64.8; Mt 6.9; 7.11; At 17.26-29; 1Co 8.6; Hb 12.9

2. Ex 4.22,23; Dt 32.6-18; Is 1.2,3; 63.16; Jr 31.9

3. Sl 2.7; Mt 3.17; 17.5; Lc 1.35; Jo 1.12

4. Mt 23.9; Jo 1.12,13; Rm 8.14-17; Gl 3.26; 4.4-7; Hb 12.6-11

2 - Deus Filho

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus.

- 1 - Nele, por Ele e para Ele foram criadas todas as coisas;
- 2 - Na plenitude dos tempos, Ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerada pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, sendo, em Sua pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem;
- 3 - Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem;
- 4 - Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus;
- 5 - Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto Ele mesmo não tivesse pecado;
- 6 - Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o Seu eterno sumo sacerdócio.
- 7 - Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o Único e Suficiente Salvador e Senhor;
- 8 - Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na Igreja;
- 9 - Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora.

1. Sl 2.7; 110.1; Mt 1.18-23; 3.17; 8.29; 14.33; 16.16,27; 17.5; Mc 1.1; Lc 4.41; 22.70; Jo 1.1,2; 11.27; 14.7-11; 16.28
2. Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16,17
3. Is 7.14; Lc 1.35; Jo 1.14; Gl 4.4,5
4. Jo 14.7-9; Mt 11.27; Jo 10.30,38; 12.44-50; Cl 1.15,19; 2.9; Hb 1.3
5. Is 53; Mt 5.17; Hb 5.7-10
6. Rm 8.1-3; Fp 2.1-11; Hb 4.14,15; 1Pe 2.21-25
7. At 1.6-14; Jo 19.30,35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; 1Co 15.4-8
8. Jo 14.6; At 4.12; 1Tm 2.4,5; At 7.55,56; Hb 4.14-16; 10.19-23
9. Mt 28.20; Jo 14.16,17; 15.26; 16.7; 1Co 6.19
10. At 1.11; 1Co 15.24-28; 1Ts 4.14-18; Tt 2.13

3 - Deus Espírito Santo

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina.

- 1 - É o Espírito da verdade;
- 2 - Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras;
- 3 - Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina;
- 4 - No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, Ele se manifestou de maneira singular, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo;
- 5 - O recebimento do Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja;
- 6 - Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica;
- 7 - Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo;
- 8 - Opera a regeneração do pecador perdido;
- 9 - Sela o crente para o dia da redenção final;
- 10 - Habita no crente;
- 11 - Guia-o em toda a verdade;
- 12 - Capacita-o a obedecer a vontade de Deus;
- 13 - Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo;
- 14 - Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante.

1. Gn 1.2; J23.13; Sl 51.11; 139.7-12; Is 61.1-3; Lc 4.18,19; Jo 4.24; 14.16,17; 15.26; Hb 9.14; 1Jo 5.6,7; Mt 28.19
2. Jo 16.13; 14.17; 15.26
3. Gn 1.2; 2Tm 3.16; 2Pe 1.21
4. Lc 12.12; Jo 14.16,17,26; 1Co 2.10-14; Hb 9.8
5. Jl 2.28-32; At 1.5; 2.1-4; 24.29; At 2.41; 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; 1Co 12.12-15
6. At 2.38,39; 1Co 12.12-15
7. Jo 14.16,17; 16.13,14

8. Jo 16.8-11
9. Jo 3.5; Rm 8.9-11
10. Ef 4.30
11. Rm 8.9-11
12. Jo 16.13
13. Ef 5.16-25
14. 1Co 12.7,11; Ef 4.11-13
15. Ef 5.18-21; Gl 5.22,23; At 1.8

III – O Homem

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à Sua imagem e conforme a Sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade.

- 1 - Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar;
- 2 - Seu espírito procede de Deus e para ele retornará;
- 3 - O criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada;
- 4 - Criado para a glorificação de Deus;
- 5 - Seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com seu Criador, bem como cumprir Sua divina vontade;
- 6 - Ser pessoal e espiritual. O homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso;

1. Gn 1.26-31; 18.22; 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26
2. Gn 2.7; 3.19; Ec 3.20; 12.7
3. Ec 12.7; Dn 12.2,3
4. Gn 1.21; 2.1; Sl 8.3-8
5. At 17.26-29; 1Jo 1.3,6,9
6. Jr 9.23,24; Mq 6.8; Mt 6.33; Jo 14.23; Rm 8.38,39
7. Jo 1.4-13; 17.3; Ec 5.14,17; 1Tm 2.5; J19.25,26; Jr 31.3; At 5.29; Ez 18.20; Dn 12.2; Mt 25.32,46; Jo 5.29; 1Co 15; 1Ts 4.16,17; Ap 20.11-15

IV – O Pecado

No princípio, o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus.

1 - Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado;

2 - Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal;

3 - Todo pecado é cometido contra Deus, Sua pessoa, Sua vontade e Sua lei;

4 - Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo;

5 - O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como salvador pessoal;

6 - Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus;

7 - Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo;

1. Gn 2.15-17; 3.8-10; Ec 7.29

2. Gn 3; Rm 5.12-19; Ef 2.12; Rm 3.23

3. Gn 3.12; Rm 5.12; Sl 51.5; Is 53.6; Jr 17.5; Rm 1.18-27; 3.10-19; 7.14-25; Gl 3.22; Ef 2.1-3

4. Sl 51.4; Mt 6.14; Rm 8.7-22

5. Mt 6.14,15; 18.21-35; 1Co 8.12; Tg 5.16

6. Jo 3.36; 16.9; 1Jo 5.10-12

7. Rm 5.12-19; 6.23; Ef 2.5; Gn 3.18; Rm 8.22

8. Rm 3.20; Gl 3.10,11; Ef 2.8,9

V – Salvação

A salvação é outorgada por Deus pela Sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor.

1 - O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz;

- 2 - A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser;
- 3 - É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação.

1. Sl 37.39; Is 55.5; Sf 3.17; Tt 2.9-11; Ef 2.8,9; At 15.11; 4.12
2. Is 53.4-6; 1Pe 1.18-25; 1Co 6.20; Ef 1.7; Ap 5.7-10
3. Mt 16.24; Rm 10.13; 1Ts 5.23,24; Rm 5.10
4. Rm 6.23; Hb 2.1-4; Jo 3.14; 1Co 1.30; At 11.18

A regeneração é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, fazendo dele uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por Ele selado para o dia da redenção final e é liberto do castigo eterno dos seus pecados.

1 - Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador.

2- Nessa experiência de conversão o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz.

- 3- 1 Dt 30.6; Ez 36.26; Jo 3.3-5; 1Pe 1.3; 2Co 5.17; Ef 4.20-24 2 Tt 3.5; Rm 8.2; Jo 1.11-13; Ef 4.32; At 11.17
- 3 2Co 1.21,22; Ef 4.30; Rm 8.1; 6.22

A justificação, que ocorre simultaneamente com a regeneração, é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absorve, no perdão, o homem de seus pecados e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens.

2 - Essa graça é concedida não por causa de quaisquer obras meritocratas praticadas pelo homem mas por meio de sua fé em Cristo.

1. Is 53.11; Rm 8.33; 3.24
2. Rm 5.1; At 3.19; Mt 9.6; 2Co 5.21; 1Co 1.30

A santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita.

3 - Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo.

1. Jo 17.17; 1Ts 4.3; 5.23; 4.7

2. Pv 4.18; Rm 12.1,2; Fp 2.12,13; 2Co 7.1; 3.18; Hb 12.14; Rm 6.19; Gl 5.22; Fp.1.9-11

A glorificação é o ponto culminante da obra da salvação.¹ É o estado final, permanente, da felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo.

1. Rm 8.30; 2Pe 1.10,11; 1Jo 3.2; Fp 3.12; Hb 6.11

2. 1Co 13.12; 1Ts 2.12; Ap 21.3,4

VI – Eleição

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça.

1 - Antes da criação do mundo, Deus, no exercício da Sua soberania divina e à luz de Sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, destinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr dos tempos, aceitariam livremente o dom da salvação;

2 - Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre-arbítrio de cada um e de todos os homens;

3 - A salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus;

4 - Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do amor de Deus em Cristo Jesus;

5 - O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o dom do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação;

1. Gn 12.1-3; Ex 19.5,6; Ez 36.22,23,32; 1Pe 1.2; Rm 9.22-24; 1Ts 1.4

2. Rm 8.28-30; Ef 1.3-14; 2Ts 2.13,14
3. Dt 30.15-20; Jo 15.16; Rm 8.35-39; 1Pe 5.10
4. Jo 3.16,36; Jo 10.28,29; 1Jo 2.19
5. Mt 24.13; Rm 8.35-39
6. Jo 10.28; Rm 8.35-39; Jd 24

VII – Reino de Deus

O Reino de Deus é o domínio soberano e universal de Deus e é eterno.

- 1 - É também o domínio de Deus no coração dos homens que, voluntariamente, a Ele se submetem pela fé, aceitando-o como Senhor e Rei. É, assim, o reino invisível nos corações regenerados que opera no mundo e se manifesta pelo testemunho dos seus súditos;
- 2 - A consumação do reino ocorrerá com a volta de Jesus Cristo, em data que só Deus conhece, quando o mal será completamente vencido e surgirão o novo céu e a nova terra para a eterna habitação dos remidos com Deus;

1. Dn 2.37-44; Is 9.6,7
2. Mt 4.17; Lc 17.20; 4.43; Jo 18.36; 3.3-5
3. Mt 25.31-46; 1Co 15.24; Ap 11.15

VIII – Igreja

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento.

- 1 - Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho;
- 2 - As Igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo;

3 - Há nas Igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As Igrejas devem relacionar-se com as demais Igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do Reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer seja de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua palavra. Cada Igreja é um templo do Espírito Santo;

4 - Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja”, em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual Ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus;

1. Mt 18.17; At 5.11; 20.17-28; 1Co 4.17

2. At 2.41,42

3. Mt 18.15-17

4. At 20.17,28; Tt 1.5-9; 1Tm 3.1-13

5. Mt 16.18; Cl 1.18; Hb 12.22-24; Ef 1.22,23

IX – O Batismo e a Ceia do Senhor

O batismo e a ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja estabelecidas pelo próprio Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica.

1 - O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal;

2 - Simboliza a morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos;

3 - O batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;

4 - A ceia do Senhor é uma cerimônia da Igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho;

5 - Nesse memorial, o pão representa Seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho simboliza o Seu sangue derramado;

6 - A ceia do Senhor deve ser celebrada pelas Igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes.

1. Mt 3.5,6,13-17; Jo 3.22,23; 4.1,2; 1Co 11.20,23-30

2. At 2.41,42; 8.12,36-39; 10.47,48

3. Rm 6.3-5; Gl 3.27; Cl 2.12

4. Mt 28.19; At 2.38,41,42; 10.48

5 e 6. Mt 26.26-29; 1Co 10.16,17-21; 11.23-29

7. Mt 26.29; 1Co 11.26-28; At 2.42; 20.4-8

X – O Dia do Senhor

O domingo, dia do Senhor, é o dia do descanso cristão satisfazendo plenamente a exigência divina e a necessidade humana de um dia em sete para o repouso do corpo e do espírito.

1 - Com o advento do Cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus ressuscitado neste dia.

2 - Deve ser para os cristãos um dia de real repouso em que - pela frequência aos cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas - eles estarão se preparando para “aquele descanso que resta para o povo de Deus”.

3 - Nesse dia os cristãos devem abster-se de todo trabalho secular, excetuando aquele que seja imprescindível e indispensável à vida da comunidade. Devem também abster-se de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais.

1. Gn 2.3; Ex 20.8-11; Is 58.13-14

2. Jo 20.1,19,26; At 20.7; Ap 1.10

3. Hb 4.9-11; Ap 14.12,13

4. Ex 20.8-11; Jr 17.21,22,27; Ez 22.8

XI – Ministério da Palavra

Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o Seu reino, na medida dos talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo.

- 1 - Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial para o serviço distinto, definido e singular do ministério da Sua Palavra;
- 2 - O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens;
- 3 - Cabe-lhe missão semelhante àquela realizada pelos profetas do Velho Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, tendo o próprio Jesus como exemplo e padrão supremo;
- 4 - A obra do porta-voz de Deus tem finalidade dupla: a de proclamar as Boas Novas aos perdidos e a de apascentar os salvos;
- 5 - Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à Igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã;
- 6 - Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocados pela Igreja, impõe as mãos sobre o vocacionado;
- 7 - O ministro da Palavra deve dedicar-se totalmente à obra para a qual foi chamado, dependendo em tudo do próprio Deus;
- 8 - O pregador do Evangelho deve viver do Evangelho;
- 9 - Às Igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e sustentar adequada e dignamente seus pastores;

1. Mt 28.19,20; At 1.8; Rm 1.6,7; 8.28-30; Ef 4.1,4; 2Tm 1.9; Hb 9.15; 1Pe 1.15; Ap 17.14
2. Mc 3.13,14; Lc 1.2; At 6.1-4; 13.2,3; 26.16-18; Rm 1.1; 1Co 12.28; 2Co 2.17; Gl 1.15-17
3. Ex 4.11,12; Is 6.5-9; Jr 1.5-10; At 20.24-28
4. At 26.19,20; Jo 13.12-15; Ef 4.11-17
5. Mt 28.19,20; Jo 21.15-17; At 20.24-28; 1Co 1.21; Ef 4.12-16
6. At 13.1-3; 1Tm 3.1-7
7. At 13.3; 1Tm 4.14
8. At 6.1-4; 1Tm 4.11-16; 2Tm 2.3,4; 4.2,5; 1Pe 5.1-3
9. Mt 10.9,10; Lc 10.7; 1Co 9.13,14; 1Tm 5.17,18
10. 2Co 8.1-7; Gl 6.6; Fp 4.14-18

XII – Mordomia

Mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e Dono de todas as coisas.

- 1 - Todas as bênçãos temporais e espirituais procedem de Deus e por isso os homens devem a Ele o que são e possuem e, também, o sustento;
- 2 - O crente pertence a Deus porque Deus o criou e o remiu em Jesus Cristo;
- 3 - Pertencendo a Deus, o crente é mordomo ou administrador da vida, das aptidões, do tempo, dos bens, da influência, das oportunidades, dos recursos naturais e de tudo o que Deus lhe confia em seu infinito amor, providência e sabedoria;
- 4 - Cabe ao crente o dever de viver e comunicar ao mundo o Evangelho que recebeu de Deus;
- 5 - As Escrituras Sagradas ensinam que o plano específico de Deus para o sustento financeiro de Sua causa consiste na entrega pelos crentes de dízimos e ofertas alçadas;
- 6 - Devem eles trazer à Igreja sua contribuição sistemática e proporcional com alegria e liberdade, para o sustento do ministério, das obras de evangelização, beneficência e outras;

1. Gn 1.1; 14.17-20; Sl 24.1; Ec 11.9; 1Co 10.26
2. Gn 14.20; Dt 8.18; 1Cr 29.14-16; Tg 1.17; 2Co 8.5
3. Gn 1.27; At 17.28; 1Co 6.19,20; Tg 1.21; 1Pe 1.18-21
4. Mt 25.14-30; 31.46
5. Rm 1.14; 1Co 9.16; Fp 2.16
6. Gn 14.20; Lv 27.30; Pv 3.9,10; Ml 3.8-12; Mt 23.23
7. At 11.27-30; 1Co 8.1-3; 2Co 8.1-15; Fp 4.10-18

XIII – Evangelização e Missões

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus.

- 1 - É dever de todo discípulo de Jesus Cristo e de todas as Igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do Evangelho, procurando fazer novos discípulos de Jesus Cristo em todas as nações, cabendo às Igrejas batizá-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou;
- 2 - A responsabilidade da evangelização estende-se até aos confins da terra e, por isso, as Igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a sua seara;

1. Mt 28.19,20; Jo 17.20; At 1.8; 13.2,3

2. Mt 28.18-20; Lc 24.46-49; Jo 17.20

3. Mt 28.19; At 1.8; Rm 10.13-15

XIV – Educação Religiosa

O ministério docente da Igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo, entre Jesus Cristo e o crente.

1 - A palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã;

2 - O programa de educação religiosa nas Igrejas é necessário para a instrução e desenvolvimento de seus membros, a fim de “crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”. Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da Igreja no mundo;

1. Mt 11.29,30; Jo 13.14-17

2. Jo 14.26; 1Co 3.1,2; 2Tm 2.15

3. Sl 119; 2Tm 3.16,17; Cl 1.28; Mt 28.19,20

XV – Liberdade Religiosa

Deus, e somente Deus, é o Senhor da consciência.

1 - A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual;

2 - Por força dessa natureza, a liberdade religiosa não deve sofrer ingerência de qualquer poder humano;

3 - Cada pessoa tem o direito de cultuar a Deus, segundo os ditames de sua consciência, livre de coações de qualquer espécie;

4 - A Igreja e o Estado devem estar separados por serem diferentes em sua natureza, objetivos e funções;

5 - É dever do Estado garantir o pleno gozo e exercício da liberdade religiosa, sem favorecimento a qualquer grupo ou credo;

6 - O Estado deve ser leigo e a Igreja livre. Reconhecendo que o governo do Estado é de ordenação divina para o bem-estar dos cidadãos e a ordem justa da sociedade, é dever dos crentes orar pelas autoridades, bem como respeitar e obedecer às leis e honrar os poderes constituídos, exceto naquilo que se oponha à vontade e à lei de Deus;

1. Gn 1.27; 2.7; Sl 9.7-8; Mt 10.28; 23.10; Rm 14.4-9,13; Tg 4.12

2. Js 24.15; 1Pe 2.15,16; Lc 20.25

3. Dn 3.15-18; Lc 20.25; At 4.9-20; 5.29

4. Dn 3.16-18; 6; At 19.35-41

5. Mt 22.21; Rm 13.1-7

6. At 19.34-41

7. Dn 3.16-18; 6.7-10; Mt 17.27; At 4.18-20; 5.29; Rm 13.1-7; 1Tm 2.1-3

XVI – Ordem Social

Como o sal da terra e a luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive.

1 - Entretanto, o maior benefício que pode prestar é anunciar a mensagem do Evangelho; o bem-estar social e o estabelecimento da justiça entre os homens dependem basicamente da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios do Evangelho na vida individual e coletiva;

2 - Todavia, como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciãos, aos enfermos e a outros necessitados, bem como a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiças e opressões;

3 - Isso faremos no espírito de amor, jamais apelando para quaisquer meios de violência ou discordantes das normas de vida expostas no Novo Testamento;

1. Mt 5.13-16; Jo 12.35-36; Fp 2.15

2. Mt 6.33; Mc 6.37; Lc 10.29-37

3. Ex 22.21,22; Sl 82.3,4; Ec 11.1,2

4. Is 1.16-20; Mq 6.8; Mt 5.9

XVII – Família

A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro, por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal.

1 - O propósito imediato da família é glorificar a Deus e prover a satisfação das necessidades humanas de comunhão, educação, companheirismo, segurança, preservação da espécie e bem assim o perfeito ajustamento da pessoa humana em todas as suas dimensões;

2 - Caída em virtude do pecado, Deus provê para ela, mediante a fé em Cristo, a bênção da salvação temporal e eterna, e quando salva poderá cumprir seus fins temporais e promover a glória de Deus;

1. Gn 1.7; Js 24.15; 1Rs 2.1-3; MI 2.10

2. Gn 1.28; Sl 127.1-5; Ec 4.9-13

3. At 16.31,34

XVIII – Morte

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez que, em consequência do pecado, a morte se estende a todos.

1 - A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a graça de Deus em Cristo enquanto estão neste mundo;

2 - Com a morte está definido o destino eterno de cada homem;

3 - Pela fé nos méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam “dormir no Senhor”.

4 - Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, em um estado de separação definitiva de Deus.

5 - Na Palavra de Deus encontramos claramente expressa a proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram;

1. Rm 5.12; 1Co 15.21-26; Hb 9.27; Tg 4.14
2. Lc 16.19-31; Hb 9.27
3. Lc 16.19-31; 23.39-46; Hb 9.27
4. Rm 5.6-11; 14.7-9; 1Co 15.18-20; 2Co 5.14,15; Fp 1.21-23; 1Ts 4.13-17; 2Tm 2.11
5. Lc 16.19-31; Jo 5.28,29
6. Ex 22.18; Lv 19.31; 20.6,27; Dt 18.10; 1Cr 10.13; Is 8.19; Jo 3.18

XIX – Justos e Ímpios

Deus, no exercício de sua sabedoria, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final.

- 1 - Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória;
- 2 - Os mortos em Cristo serão ressuscitados, arrebatados e se unirão ao Senhor;
- 3 - Os mortos sem Cristo também serão ressuscitados;
- 4 - Conquanto os crentes já estejam justificados pela fé, todos os homens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se manifestam os frutos da fé ou os da incredulidade;
- 5 - Os ímpios condenados e destinados ao inferno lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus;
- 6 - Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu como o Senhor.

1. Mt 13.39,40; 28.20; At 3.21; 1Co 15.24-28; Ef 1.10
2. Mt 16.27; Mc 8.38; Lc 17.24; 21.27; At 1.11; 1Ts 4.16; 1Tm 6.14,15; 2Tm 4.1,8
3. Dn 12.2,3; Jo 5.28,29; Rm 8.23; 1Co 15.12-58; Fp 3.20; Cl 3.4
4. Dn 12.2; Jo 5.28,29; At 24.15; 1Co 15.12-24
5. Mt 13.49,50; At 10.42; 1Co 4.5; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; Hb 9.27; 2Pe 2.9
6. Dn 12.2,3; Mt 16.27; Mc 9.43-48; Lc 16.26-31; Jo 5.28,29; Rm 6.22,23
7. Dn 12.2,3; Mt 16.27; 25.31-40; Lc 14.14; 16.22,23; Jo 5.28,29; 14.1-3; Rm 6.22,23; 1Co 15.42-44; Ap 22.11,12